UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA
GERAL

Laura de Almeida

À GUIA DE UMA TIPOLOGIA PARA OS TABUS
LINGÜÍSTICOS - PROPOSTA PARA UM GLOSSÁRIO

V.1

SÃO PAULO
2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

**À GUIA DE UMA TIPOLOGIA PARA OS TABUS LINGÜÍSTICOS
- PROPOSTA PARA UM GLOSSÁRIO**

Laura de Almeida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Semiótica e Lingüística Geral, do Departamento de
Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Doutora em Lingüística

Orientador: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

**SÃO PAULO
2007**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

À GUIA DE UMA TIPOLOGIA PARA OS TABUS
LINGÜÍSTICOS - PROPOSTA PARA UM GLOSSÁRIO

Laura de Almeida

V.1

SÃO PAULO
2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

Laura de Almeida

**À guisa de uma tipologia dos tabus lingüísticos
- proposta para um glossário**

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de doutora
Área de concentração: Semiótica e
Lingüística Geral

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof.Dr. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

EPÍGRAFE

“Some words are considered so holy that they must never be spoken aloud, such as the ancient Hebrew word for God. Some words are so shocking that they must be spoken only in subterranean circles. Some words are so magical that people believe they can cause injury, dementia, even death. Some words can make us sick, and other can make us well.”

“Algumas palavras são consideradas tão sagradas que elas não deveriam nunca ser faladas em voz alta, tais como a palavra em hebraico para Deus. Algumas palavras são tão ofensivas que elas deveriam ser faladas apenas em círculos fechados. Algumas palavras são tão mágicas que as pessoas acreditam que elas possam causar injúria, demência, até mesmo a morte. Algumas palavras podem nos deixar doentes, e outras podem nos deixar bem.”

Chase (1954:4)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Francis Henrik Aubert, pela atenção e apoio durante o processo de definição e orientação

Ao Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela oportunidade de realização do curso de Doutorado, em especial à Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos por ter me auxiliado na escolha do tema

Ao Mark John Laidlaw, meu marido, pessoa que me acompanhou e motivou

Aos meus pais: Antonio Nunes de Almeida e Anastácia Hilko de Almeida

Aos amigos que acompanharam de perto esta trajetória, incentivando-me, Divaneza Colaneri, Emiliana Fernandes Bonalumi e Michaela Kahn

Ao professor José Oliveira de Paula por ter me auxiliado na confecção de alguns gráficos

Às professoras: Marli Oliveira de Carvalho pela assistência técnica e Sonia Maria Murad pelo auxílio na parte da língua portuguesa

e

Ao Márcio Solano Martins pelo auxílio na parte de confecção de gráficos e também na parte da diagramação

SUMÁRIO

Item

Resumo

Abstract

Introdução.....	9
Capítulo I - Fundamentação Teórica.....	14
Capítulo II – Métodos e procedimentos.....	29
Capítulo III – Panorama histórico da produção geolingüística.....	37
1.1.Precursos da pesquisa dialetológica no Brasil.....	37
1.2. Breve relato dos atlas lingüísticos publicados no Brasil.....	41
1.3. Atlas lingüísticos em andamento (não publicados).....	55
Capítulo IV – Análise comparativa dos tabus lingüísticos em atlas lingüísticos estaduais brasileiros	64
4.1.1. Fenômenos atmosféricos.....	65
4.1.2. Ciclos da vida.....	109
4.1.3. Convívio e comportamento social.....	124
4.1.4. Doenças.....	128
4.1.5. Corpo humano.....	144
4.1.6. Religião e crenças.....	158
Capítulo V - Considerações finais.....	166
Bibliografia.....	172
Anexo I - Questionário Semântico-Lexical (QSL)	178
Apêndice - Quadro-resumo dos atlas lingüísticos analisados	179

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é apresentar uma tipologia dos tabus lingüísticos presentes em atlas lingüísticos brasileiros. O *corpus* do trabalho constitui-se das respostas apresentadas por sujeitos em seis atlas lingüísticos brasileiros, a saber, *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), *Atlas Lingüístico de Sergipe I* (ALS I), *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (ALS II), *Esboço para um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG), *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPB) e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR). Tomamos por base o Questionário Semântico-lexical (QSL) que consta dos “Questionários 2001- Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)”, do qual destacamos apenas a questão referente ao campo semântico proposto. Foram selecionados seis campos semânticos para a realização da presente análise, sendo eles: fenômenos atmosféricos, corpo humano, religião e crenças, doenças, ciclos da vida e convívio e comportamento social. Com base em Guérios (1979) fizemos um estudo preliminar das manifestações do tabu lingüístico em língua portuguesa e apresentaremos os meios de substituição dos vocábulos tabus que se manifestaram nas variantes lingüísticas encontradas em atlas lingüísticos. Ao final deste estudo, elaboramos um glossário constante de fichas terminológicas devidamente catalogadas referente aos termos denominados como tabus lingüísticos das variantes lingüísticas elencadas. Por meio deste trabalho, pretendemos contribuir em certa medida para a análise deste rico material que são os atlas lingüísticos.

PALAVRAS-CHAVES: tabu lingüístico, palavra tabu, terminologia, língua e cultura, variantes lingüísticas

ABSTRACT

The main objective of this research is to present a typology of the linguistics taboos existent in the Brazilian Linguistic Atlases. The *corpus* of this paper is made up of the answers presented by the interviewers in six Brazilian Linguistics Atlases, that is to say, *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), *Atlas Lingüístico de Sergipe I* (ALS I), *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (ALS II), *Esboço para um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG), *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPB) e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR). It will be based on the questionnaire “Questionário Semântico-lexical (QSL)” that consists of “Questionários 2001- Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)”, from which we will use only the questions referring to the semantics field worked on. We selected six semantic fields to work on in this analysis, which are: atmosphere phenomena, human body, religion and beliefs, diseases, cycles of life and living and social behavior. Based on Guérios (1979), we will make a preliminary study of the linguistic taboo manifestation in the Portuguese language and we will present the means of substitution of the linguistic variants found in the linguistic atlases. A glossary having terminological files about the linguistics taboo typology will be presented at the very end. Finally, this paper tends to contribute, to a small extent, to the richness of these linguistic taboos.

KEY-WORDS: linguistic taboo, word taboo, terminology, language and culture, linguistics variation.

INTRODUÇÃO

O interesse pessoal pelo tema escolhido, no que diz respeito aos tabus lingüísticos existentes nos seguintes atlas lingüísticos brasileiros: Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I), Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS II), Esboço para um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB) e Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), torna-se de importância social na medida em que procura avaliar a ocorrência desses tabus lingüísticos nos atlas mencionados com sua cultura e visão de mundo próprias. Afora o interesse pessoal pelo tema, a presente investigação reveste-se de importância científica na medida em que um mapeamento dos tabus lingüísticos, principalmente se postos em perspectiva contrastiva, pode representar uma significativa contribuição para a compreensão das mentalidades, das cosmovisões dos diversos grupos analisados. Nossa hipótese de base, enfim, é que o **não dito** diz da relação língua/cultura tanto quanto o **dito**” (DUCROT: 1972).

A escolha do tema recai na constatação da carência de estudos acerca da linguagem e de seus usos, suas variantes lingüísticas, principalmente os referentes ao tabu lingüístico. Em nossas leituras e pesquisas bibliográficas encontramos poucas referências a esse tema no estudo da língua portuguesa. Contudo, faz-se necessário um direcionamento diversificado dos estudos da linguagem no sentido de que seja aproveitado o material disponível pertencente a estudos já realizados sobre as variações dialetais como, por exemplo, o *corpus* dos atlas lingüísticos estaduais. Além da riqueza que nos foi proporcionada pelos atlas lingüísticos existentes no Brasil, observamos que eles podem conduzir a estudos futuros sobre a linguagem e suas variações dialetais.

Dentre os estudos realizados sobre os tabus lingüísticos, destacaremos GUÉRIOS (1979). Em suas pesquisas sobre os tabus lingüísticos, o autor apresenta uma definição para o termo, assim como uma classificação dos mesmos. Uma coisa que podemos observar em seu estudo sobre este tema é a carência de exemplos de tabus lingüísticos presentes na língua portuguesa. O autor cita exemplos de diversos lugares da Polinésia e outros, porém são muito escassos os exemplos referentes ao Brasil.

Nos atlas lingüísticos já publicados, observamos que existe pouca ou nenhuma referência aos tabus lingüísticos detectados durante as entrevistas realizadas. Em pesquisas mais recentes, Imaguire (1999) faz referência ao tema proposto em sua dissertação de Mestrado intitulada “Estudo com vistas a um atlas lingüístico da ilha de Santa Catarina – abordagem dos aspectos lexicais”. Segundo a autora, em algumas questões como as de número 2.1.33 sobre “ramela”, 2.1.39 sobre “ranho”, 2.1.40 sobre “ceroto”, 2.1.61 sobre “seio”, 2.1.62 sobre “sutiã”, 2.1.76 sobre “mau cheiro do corpo”, 2.2.3 sobre “cueca”, observamos que, para muitos informantes, estas perguntas têm sentido vexatório, evidenciado no nojo ou vergonha que muitos expressavam.

No Atlas Lingüístico do Amazonas (ALAM), Cruz (2004: 119) afirma que a produtividade de algumas questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL) foram prejudicadas por questões de natureza extra-lingüística, tais como o constrangimento de determinados informantes especialmente os do sexo masculino ao responderem questões que ainda constituem tabu nas áreas rurais – *Menstruação* (QSL/ 208), *Abortar* (QSL/ 211), *Corno* (QSL/ 214) e *Prostituta* (QSL/ 215) – sobretudo sendo a pesquisadora do sexo feminino.

Nos atlas supracitados, observamos a constatação da existência dos tabus lingüísticos pelas pesquisadoras, porém não foi realizado um questionamento acerca

das conseqüências, ou das causas da utilização dos mesmos pelos informantes entrevistados. Reconhecemos que tal propósito não fazia parte dos objetivos das pesquisas realizadas nos referidos atlas. Contudo, consideramos que tal estudo é pertinente para as pesquisas de cunho dialetológico, pois propicia um aprofundamento das escolhas do falante frente às variantes lingüísticas realizadas.

Com o intuito de termos uma linha mestra que norteie nossa pesquisa, faremos o levantamento prévio de hipóteses que poderão ser confirmadas ou não ao término deste trabalho:

- Até que ponto a visão de mundo de cada localidade (Estado) incide na escolha desses tabus pelo falante?
- A incidência dos tabus lingüísticos nas respostas dos entrevistados proporciona a ocorrência de neologismos e de um maior número de variantes lingüísticas?
- Pode a variante lingüística influenciar na transformação do tabu em vocabulário passivo?

Neste presente estudo, temos por objetivo geral elaborar um glossário de tabus lingüísticos a fim de fornecer material de pesquisa a tradutores, intérpretes e pesquisadores de áreas afins.

Por objetivos específicos visamos descrever aspectos semântico-lexicais no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação dos tabus lingüísticos manifestados nos Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas lingüístico de Sergipe I (ALS), Atlas lingüístico de Sergipe II (ALS II), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG) e do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) e o Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB). Além disso, em nossos objetivos, buscamos:

- 1) contribuir para o entendimento dos mecanismos de controle social existentes na Língua Portuguesa que se impõem ao falante por meio dos tabus;

- 2) oferecer aos interessados uma amostragem de estudo possível sobre as variantes lingüísticas do Brasil e uma reflexão sobre elas ampliando o universo de estudo existente;
- 3) examinar os dados selecionados na perspectiva de sua relação com outras áreas do conhecimento, tais como, sociologia, antropologia e outras, por meio do estabelecimento de semelhanças e diferenças nos dados selecionados para análise;
- 4) proporcionar aos estudiosos da Língua Portuguesa e de áreas afins, materiais de análise para o entendimento e uma melhor interação do uso da língua de caráter dialetal;

O trabalho está organizado em cinco capítulos, a saber, no primeiro capítulo intitulado “Fundamentação Teórica”, abordamos os teóricos nos quais nos apoiamos para construir o arcabouço teórico desta pesquisa, no segundo capítulo “Métodos e Procedimentos”, explicitam-se informações referentes à elaboração e confecção da pesquisa, no terceiro capítulo “Panorama histórico da produção geolingüística no Brasil”, relatamos os precursores da pesquisa dialetológica no Brasil seguido de um breve histórico dos atlas lingüísticos publicados no Brasil; no quarto capítulo “Análise comparativa dos tabus lingüísticos em atlas lingüísticos estaduais brasileiros”, demonstramos, com base nos pressupostos Guérios (1979), quais os meios de substituição dos tabus lingüísticos e verificamos como o tabu lingüístico contribui para a produtividade lingüística; no quinto capítulo “Considerações finais”, são citadas as conclusões elaboradas para a tese, na Bibliografia, constam os teóricos consultados e utilizados para a elaboração deste trabalho; no Anexo I encontra-se o quadro-resumo dos atlas lingüísticos estudados e no Apêndice temos as perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL).

Capítulo I - Fundamentação teórica

Toda língua é um 'museu histórico e cultural', um documento do relevante ou do modesto papel que desempenharam os povos que a falam na vida do mundo.

Cunha (1968: 31)

Preliminares

Inicialmente, abordamos os fundamentos teóricos utilizados para análise do *corpus* da nossa pesquisa, os teóricos nos quais apoiamo-nos para a análise qualitativa e quantitativa e fazemos referência às categorizações que adotamos para a realização das análises.

Todo sujeito nativo de um certo lugar e falante da língua local depara-se com expressões, palavras que não podem ser proferidas, nem evitadas. Para não sofrer alguma sanção social ou mesmo individual, procura formas de amenizar ou atenuar o que diz por meio de substitutos aos tabus lingüísticos. Mas o que leva uma pessoa a acreditar nesse "poder" da palavra? Para poder compreendê-lo, antes mesmo de discorrer sobre tabus lingüísticos, mostramos a relação entre linguagem e ideologia.

A teoria ideológica marxista, segundo a qual as bases dos estudos sobre o conhecimento científico, a literatura, a religião e a moral, entre outras, estão estreitamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem, é contestada por BAKHTIN (1979: 33). Este aponta o signo como algo ideológico, parte de uma realidade, natural ou social, mas que também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior. Ou seja, tudo que é ideológico possui um significado, é um signo e remete a algo exteriorizado. BAKHTIN (1979) afirma que é na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica. Existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação na vida cotidiana. Esse tipo de comunicação está, por um lado, diretamente vinculado

aos processos de produção e, por outro, diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas. O material privilegiado da comunicação, na vida cotidiana, é a palavra; domínio em que se situam a conversação e suas formas discursivas.

Todas as propriedades da palavra: - sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e sua presença obrigatória - fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. Com relação ao que foi exposto sobre a pureza semiótica da palavra, reportamo-nos às seguintes colocações de BAKHTIN (1979:36): “(...) a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”. Já a neutralidade ideológica da palavra, é explicada por BAKHTIN (1979:37) por meio da seguinte afirmação: “(...) O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica, específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”.

Dessa forma, as leis da refração ideológica da existência em signos e em consciência, devem ser estudados a partir da palavra. Dentre as características da palavra enquanto signo ideológico, BAKHTIN (1979:38) afirma que ao interesse da pureza semiótica da palavra impõe-se, na relação em foco, sua ubiquidade social. Pelo fato da palavra penetrar literalmente em todas as relações entre indivíduos, tece, a partir de uma multidão de fios ideológicos, a urdidura da trama de todas as relações sociais em todos os domínios.

Ainda nos dizeres de BAKHTIN (1979: 41), a palavra será sempre o indicador mais sensível das transformações sociais, mesmo das que apenas despontam, ou ainda não tomaram forma, não abriram caminho para sistemas estruturados e bem formados. Ela constitui o meio no qual se produzem lentas mudanças quantitativas que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. É capaz de registrar as fases mais transitórias, mais íntimas, mais efêmeras, das mudanças sociais. Constata-se que o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que determina esta refração do ser no signo ideológico é o confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica.

A chamada “individualidade criadora”, segundo BAKHTIN, constitui a expressão do núcleo central sólido e durável da orientação social do indivíduo. Aí se localizam não apenas os estratos superiores melhor formados do discurso interior (ideologia do cotidiano), como também as palavras, as entoações e os movimentos interiores que passaram com sucesso pela prova da expressão externa numa escala social mais ou menos ampla, adquirindo um grande polimento e lustro social, pelo efeito das reações e réplicas, pela rejeição ou apoio do auditório social.

Tomando por base os textos “Língua e cultura”, “A objetividade do conhecimento” e “Linguagem, conhecimento e cultura”, de SCHAFF, buscamos centrar a questão da linguagem, a visão de mundo por ela concebida e as repercussões de diferenciações encontradas de povo para povo. Ressaltamos aqui as afirmações de SCHAFF quando enfoca a influência que a linguagem exerce sobre o comportamento humano, na medida em que a linguagem influi sobre o pensamento. O autor defende a tese de que o comportamento humano vem condicionado por impulsos mentais, orientadores do pensamento, em uma direção determinada.

Com base nas considerações levantadas, podemos expor o papel ativo da linguagem, no processo do pensamento, em três acepções. A primeira reduz-se à constatação fundamental de que a existência da linguagem é a condição necessária do pensamento conceptual; a segunda refere-se à linguagem, enquanto fator mediador entre o indivíduo e o mundo dos objetos; e a terceira, a existência, em cada língua, de um estereótipo determinado da intuição do mundo das coisas. A linguagem é, portanto, a mediadora entre o social e o individual. As línguas se distinguem não só pela fonética, pela morfologia, pela sintaxe ou pelo vocabulário, mas também pela qualidade desse vocabulário, quanto ao reflexo mais ou menos generalizado do mundo. Para ilustrar essa colocação remetemo-nos a SCHAFF quando ele analisa o papel ativo da linguagem no conhecimento (1976: 254-255):

- “1) a linguagem influencia o nosso modo de percepção da realidade;
- 2) a linguagem é um reflexo específico da realidade e a criadora da nossa imagem do mundo;
- 3) nossa articulação do mundo é a função da experiência não só individual, mas também social transmitida ao indivíduo pela educação, pela linguagem.”

Em relação a isso, ERVIN (1966: 87) ressalta que as coisas que pensamos e sentimos podem ser influenciadas pelo que dizemos, fazendo-nos entrever um efeito inesperado e sutil da linguagem. A idéia de que a linguagem não é só formada, mas formativa, já formulada por HUMBOLDT (1810) que defendia a tese, conforme LOHMANN (1977:153) de que as línguas humanas diferenciam-se não apenas externamente (do ponto de vista fonético) mas também na sua “forma interna”, isto é, no seu espírito, a ponto de se poder e dever dizer que, assim como a língua faz com que cada homem seja o que é, da mesma forma o homem coletivamente formou e continua a formar a língua. Posteriormente, este tema foi abordado por meio da chamada hipótese de WHORF, também conhecida como hipótese de SAPIR-WHORF. Apresentada inicialmente em 1921 por SAPIR (1884-1939) e

reformulada por WHORF (1897-1941), ela afirma que cada uma das diferentes culturas humanas tem seu próprio universo mental, o qual, por sua vez é expresso e, portanto, condicionado por sua língua. A idéia dessa íntima relação entre, de um lado, os planos da cultura e do pensamento e, de outro lado, o plano da linguagem – para muitos, uma determinação – consiste no chamado relativismo lingüístico. Assim, esta hipótese postula que as conceituações sobre a natureza do mundo intrínsecas à estrutura da linguagem influenciam a forma pela qual as pessoas vêem o universo, percebem relações e conduzem suas vidas. De acordo com esta hipótese, a linguagem realiza esse feito não apenas através do vocabulário (i.e., a denotação e conotação de palavras e frases), mas também através da gramática, da sintaxe e da fonética. Para ERVIN segundo essa teoria:

“(...) o homem só consegue pensar o que consegue dizer, e que as categorias da linguagem fornecem ao homem as categorias de sua percepção, memória, de suas metáforas e de sua imaginação”.(1966: 87)

A linguagem, meio de comunicação entre os homens, nunca corresponde, nem pode corresponder, a um plano estritamente individual, uma vez que se forma na prática social, e serve para a transmissão do conhecimento armazenado socialmente, passando de uma geração a outra no processo social de formação e “culturalização”. O conhecimento não é perfeito e definitivo, sendo, portanto, relativo, podendo sofrer deformações. SCHAFF (1973:163) centraliza sua análise na discutida possibilidade de alcançar a verdade objetiva no processo do conhecimento, dado o condicionamento deste pelo interesse de um grupo e pela influência da linguagem.

Buscamos, por meio dos autores elencados, demonstrar a relação existente entre língua e cultura e sua influência no pensamento humano. Considerando a natureza das relações entre língua, cultura, conhecimento e comportamento social

como um todo, propomos o estudo do tabu lingüístico por acreditarmos que este fenômeno esteja inserido na problemática que foi exposta anteriormente. Inicialmente, procuramos uma definição para o termo a fim de delinear melhor nossa linha de pensamento.

À guisa de uma definição para “tabus lingüísticos”, buscamos em outras áreas do conhecimento subsídios que contribuíssem para a formação de nosso arcabouço teórico. Dessa forma, o campo de estudo que mais se aproximou de nosso interesse foram os estudos sobre tabu realizados na Antropologia. Assim, partindo desta área de conhecimento, buscamos posteriormente pautar nossos estudos pelos tabus lingüísticos na Lingüística. Inicialmente, examinamos o estudo do tabu na Antropologia.

Em seu ensaio sobre os aspectos antropológicos da linguagem, LEACH (1983:170) aborda como tema central o tópico antropológico clássico do tabu. Ressalta que, para os antropólogos, a linguagem é uma parte da cultura, não uma coisa em si própria e que a maior parte dos problemas dos antropólogos está ligada à comunicação humana. O autor afirma que vai falar sobre coisas que não são ditas nem feitas e que seu tema é aquele do tabu, cuja expressão é sempre inibida. Observa que o tabu pode ser, na literatura psicológica e antropológica, comportamental e lingüístico, e que as sanções protetoras são, em qualquer caso, muitas vezes as mesmas.

LEACH (1983: 171) aponta o trocadilho como um tipo familiar de tabu puramente lingüístico. Segundo ele, o trocadilho parece engraçado ou chocante porque desafia o tabu que normalmente nos proíbe reconhecer que o padrão de som é ambíguo. Em muitos casos, tais tabus verbais têm tanto aspectos sociais quanto lingüísticos. Cita, como exemplo, a palavra em inglês *queen* (rainha), que tem por

homônimo *quean* (prostituta). Após essas considerações, conclui que o tabu é simultaneamente comportamental e lingüístico, social e psicológico e todas essas variedades de repressão estão tão enredadas na trama da linguagem, que qualquer discussão sobre uma das três molduras deve considerar as outras duas.

Em relação ao que acontece quando os tabus verbais são rompidos, LEACH (1983: 173) observa que o resultado é um fenômeno social específico que afeta tanto o ator quanto seus ouvintes de um modo bastante previsível. O autor denomina esse fenômeno obscenidade, o qual distribui em categorias: palavrões, blasfêmia e profanação; insulto animal – em que um ser é equiparado a um animal de outra espécie.

Apresentamos a concepção de tabu proposta por LEACH (1983: 175):

“Tabu não é uma palavra autenticamente inglesa, mas uma categoria importada da Polinésia. Seu significado não é precisamente definido no inglês convencional. Os antropólogos comumente usam a palavra para se referir a proibições que são explícitas e sustentadas por sentimentos de pecado e sanções sobrenaturais a um nível consciente”.

A origem da palavra tabu também é explicada na Antropologia por AUGRAS (1989: 13-14). Ela afirma que foi o navegador inglês James Cook (1728-1779) quem, no relato de sua última viagem na Oceania, registrou o comportamento chamado *Tapu*. Os nativos das ilhas Tonga usavam essa palavra para adjetivar tudo aquilo que era ao mesmo tempo sagrado e proibido. AUGRAS ressalta que o *Tapu* (que o capitão Cook anglicizou em *taboo*, daí o português *tabu*) não designa apenas o caráter sagrado, perigoso de uma pessoa ou de uma coisa, mas também os dispositivos montados para lidar com ela. Como exemplo tem-se a cabeça do rei que era tão sagrada, que nem ele próprio estava livre de preceitos para tocá-la. Se encostava o dedo em sua testa, logo em seguida ele era obrigado a levar esse dedo

até as narinas, para, ao inspirar, “recuperar”, por assim dizer, a energia sagrada que acabara de gastar.

Em seu estudo sobre os tabus alimentares, LEACH (1983: 177) afirma que todas essas regras, preconceitos e convenções são de origem social e, no entanto, os tabus sociais têm suas contrapartes lingüísticas. LEACH (1983: 178) relata um dos tipos de percepção observada por meio do uso simultâneo da linguagem e do tabu. A linguagem nos fornece os nomes para distinguir as coisas; o tabu inibe e reconhece aquelas partes do contínuo que separam as coisas. Conclui que a linguagem faz mais do que nos prover com uma classificação das coisas. Ela realmente molda nosso ambiente e coloca cada indivíduo no centro de um espaço social ordenado de maneira lógica e segura. Transcrevemos aqui uma observação importante de LEACH (1983: 180) quanto à sua teoria do tabu:

“À parte o fato de que toda pesquisa científica se devota a ‘descobrir’ aquelas partes do ambiente que jazem nas fronteiras do que é ‘conhecido’, temos o fenômeno que é descrito tanto por antropólogos quanto por psicólogos, no qual tudo o que é tabu é foco não só de interesse especial, mas também de ansiedade. Tudo o que é tabu é sagrado, valioso, importante, poderoso, intocável, imundo, infando”.

LEACH ilustra o dado “imundo” citando as exsudações do corpo humano que são universalmente objeto de intenso tabu – em particular as fezes, urina, sêmen, sangue menstrual, mechas de cabelo, pedaços de unha, sujeira corporal, saliva, leite materno. No entanto, tais substâncias constituem-se nos ingredientes primários dos “remédios” mágicos. Não é que tais substâncias sejam consideradas como sujas – elas são poderosas. Reportamo-nos aqui à teoria geral apresentada por LEACH (1983: 181) sobre o tabu:

“(...) o tabu é dirigido às categorias que são anômalas em relação àquelas que estão nitidamente em oposição. Se A e B são duas categorias verbais de tal modo que B é definido como ‘aquilo que A não é’ e vice-versa, e se existe uma terceira categoria, com C compartilhando os atributos de A e B, então C será tabu”.

AUGRAS (1989: 17) reporta-se a FRAZER no que tange às analogias que esse sistema oferece com as superstições, não apenas dos povos menos evoluídos de outras partes do mundo, mas até mesmo das etnias das civilizações da Antigüidade. Estas eram por demais numerosas e significativas para serem deixadas de lado, o que leva a concluir que, o tabu é apenas um dos numerosos sistemas análogos de superstições que, em muitas etnias, senão em todas, contribuíram, sob nomes diversos e com muitas diferenças de detalhes, para construir o complexo edifício da sociedade, com os vários elementos que chamamos de religiosos, sociais, políticos, morais e econômicos. Adiante, veremos que, na visão de lingüistas como DUCROT, este assunto trata-se de uma controvérsia, pois segundo o autor os tabus são extremamente numerosos.

AUGRAS discute a contradição existente no tabu. Segundo ela (1989: 42), em latim, “sagrado” e “imundo” são a mesma coisa, uma vez que ambos os conceitos designam a mesma situação – quando opostos se fundem, a ordem classificatória se dilui em desordem e as mensagens contraditórias convivem no mesmo espaço, o espaço da contradição passa a ser o espaço do poder. Sob este prisma, o tabu constitui eficiente mecanismo de controle social.

AUGRAS aborda os seguintes tópicos: a) transgressão de normas, b) se haverá sempre reforço do tabu pela expiação ou pela reparação e, c) como lidar politicamente com a transgressão. Para a autora, o tabu estabelece distinções, cria diferenças, fixa limites. O jogo da transgressão consiste em ultrapassar os limites, não para abolir a separação, mas sim reafirmá-la. Assim, para ela, quanto mais tratamos do tabu, mais falamos de transgressão, uma vez que no jogo do poder, ambos concorrem para o mesmo fim. Além disso, os tabus foram feitos para serem violados.

Após discorrermos sobre o significado de tabu na Antropologia, abordamos o termo desde o seu significado expresso pelo dicionário, assim como o sentido que é adotado pelas ciências da linguagem. Por meio da Antropologia buscamos estabelecer um ponto de partida para o estudo do fenômeno no comportamento humano, a fim de relacionarmos a visão do que é tabu para esta área do conhecimento. Em síntese, para os autores abordados na Antropologia, o conceito de tabu remete à dicotomia do sagrado/ proibido e à idéia de transgressão de normas e a sanção aplicada para quem transgredi-las. Com essas idéias em mente, passamos ao estudo do tabu nas ciências da linguagem quando procuramos estabelecer uma ponte entre a visão antropológica e a visão lingüística.

Em CASCUDO (1962: 840), tabu é definido da seguinte maneira:

“É uma palavra da Polinésia, cuja tradução nos é difícil, por isso que não possuímos mais a noção correspondente. Essa noção fora ainda familiar aos romanos, cujo *sacer* equivalia ao tabu dos polinésios; também o *hágios* dos gregos e o *kodauch* dos hebreus deviam ter o mesmo sentido que o tabu dos polinésios e outras expressões análogas, usadas por diversos povos da América, África (Madagascar) e da Ásia setentrional e central. Para nós, o tabu representa duas significações opostas: a do sagrado ou consagrado e a do lúgubre, perigoso, proibido ou impuro. O contrário de tabu entre os polinésios é *noa*, quer dizer, ordinário, acessível a todos. O conceito reserva; e, de fato, manifesta-se a ele, essencialmente, em proibições e restrições (...)”.

Nas ciências da linguagem, há poucos estudos sobre tabus. Podemos destacar os estudos de IORDAN (1962), DUCROT (1972). Além disso, ressaltamos as pesquisas de GUÉRIOS (1979), COSERIU (1982) e DUBOIS (1993). A seguir, apresentamos as definições propostas por alguns lingüistas que abordaram esse tema em suas pesquisas.

IORDAN (1962: 406-409), ao discutir as evoluções semânticas, refere-se àquilo que ele denomina de tabus. O conceito de tabu pode ter um significado muito mais amplo do que o expresso na definição de MEILLET, o qual menciona que, na conversação de pessoas civilizadas, os nomes de determinadas funções fisiológicas

são sistematicamente evitados. IORDAN salienta que, entre os europeus são pouco numerosos os exemplos deste gênero e no geral, reportam-se a seres cujos nomes muitas pessoas, por diversos motivos, receiam pronunciar. No entanto, como tais pessoas têm que falar nesses seres, resolvem a situação dando-lhes um outro nome ou modificando, de uma forma ou de outra, a sua designação habitual. Mais interessantes do que o fenômeno em si, que pode ser explicado psicologicamente e socialmente, são as suas conseqüências lingüísticas, nomeadamente o desaparecimento de algumas palavras em circunstâncias invulgares.

DUCROT (1972: 12) reporta-se ao implícito e à pressuposição lingüística antes de tratar do tabu lingüístico propriamente dito. DUCROT afirma que as relações intersubjetivas inerentes à fala não se reduzem à comunicação tomada no sentido escrito, isto é, à troca de conhecimentos: ao contrário, introduz-se entre elas uma grande variedade de relações inter-humanas, para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional, a regra. Segundo DUCROT, a língua não é mais apenas o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe também, a esse encontro, formas bem definidas. Acrescentamos que a língua, ao perder sua inocência, deixará de ser definida à moda de Saussure, como um código, isto é, como um instrumento de comunicação. Mas ela será considerada como um jogo, ou melhor, como o estabelecimento das regras de um jogo, e de um jogo que se confunde amplamente com a existência cotidiana.

Antes de definir os tabus lingüísticos, DUCROT (1972: 13) ressalta que muitas vezes temos necessidade, ao mesmo tempo, de dizer certas coisas e de poder fazer como se não as tivéssemos dito; de dizê-las, mas de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-las dito. Segundo o autor, há em toda coletividade, mesmo nas aparentemente mais liberais ou livres, um conjunto não-

negligenciável de tabus lingüísticos. Pensamento este controverso à concepção de tabu para a Antropologia, como vimos anteriormente. Para DUCROT não significa apenas a existência de palavras – no sentido lexicográfico do termo – que não devem ser pronunciadas, ou que, em certas circunstâncias bem definidas, não podem ser pronunciadas. Considerando-se o fato de não poder falar tal coisa, torna-se necessário ter à disposição modos implícitos de expressão, que permitam deixar entender sem acarretar a responsabilidade de ter dito. DUCROT apresenta uma outra razão para a existência de formas implícitas de falar; e de uma certa utilização da linguagem que não pode ser compreendida como uma codificação, isto é, como a manifestação de um pensamento escondido em si mesmo, por meio de símbolos que o tornam acessível.

Segundo GUÉRIOS (1979:5), foi MEILLET (1906) quem introduziu na Lingüística o conceito de tabu (*tabou de vocabulaire*) em uma comunicação de fevereiro de 1906 à Sociedade de Lingüística de Paris, e a três de julho do mesmo ano, publicada em brochura, extra comércio, dedicada a VENDRYÈS, por ocasião do matrimônio deste. Ainda conforme fontes apontadas por GUÉRIOS (1979: 5), ficamos cientes de que a expressão tabu lingüístico em português foi usada pela primeira vez por João da Silva Correia, então assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, o qual foi também o primeiro a tratar do assunto, embora superficialmente, qualificado de “nota filológica”, intitulado “Tabus Lingüísticos”, publicado no *Diário de Notícias* de Lisboa, e reproduzido no estudo “O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa”, no *Arquivo da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 1927, vol. XII p.455-56.

GUÉRIOS (1979:1) define tabu dizendo que as palavras exteriorizadas podem ter forças sobrenaturais benéficas ou maléficas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas, a fim de se evitarem malefícios. Esses vocábulos são tabus.

Primeiramente, o autor desenvolve o significado da palavra tabu propriamente dito para, posteriormente, se deter no termo tabu lingüístico. Para ele, a palavra *tabu* pode ser traduzida por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”. Segundo ele, ao se cometer um ato contrário ao que é tido como coisa sagrada ou temida, ficam sujeitos a desgraças, a coletividade, a família ou o indivíduo.

A seguir, GUÉRIOS (1979: 5) apresenta diferentes tipos de tabus:

- **objetos-tabus:** que não devem ser tocados;
- **lugares-tabus:** que não devem ser pisados ou apenas de que se não deve avizinhar;
- **ações-tabu:** que não devem ser praticadas;
- **palavras-tabu:** que não devem ser proferidas.

Ao definir o tabu lingüístico, GUÉRIOS estabelece a existência de dois tipos: próprio e impróprio. O primeiro refere-se à proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça, é mágico religioso ou de crença. Por sua vez, o segundo tipo refere-se a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira, é, portanto, moral ou de sentimento.

Além do significado que GUÉRIOS atribui para tabu lingüístico, vejamos como outros autores abordaram este assunto. Reportamo-nos aqui à definição de COSERIU (1982: 68-71), o qual define o tabu lingüístico como fenômeno pelos quais certas palavras relacionadas com superstições e crenças são evitadas e substituídas por empréstimos, eufemismos, circunlóquios, metáforas, antíteses, etc. Porém, para o autor, o tabu lingüístico é apenas um aspecto de um fenômeno mais amplo, que é a *interdição de vocabulário* e que possivelmente se deve não só a superstições ou credences, mas também a várias outras razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc. O tabu

lingüístico deve-se, essencialmente, à crença (muito arraigada nas sociedades menos evoluídas, mas documentável também em sociedades mais adiantadas) em certa “magia das palavras”, a certa identificação entre o nome e a coisa nomeada: considera-se que nomear uma coisa com o termo próprio que lhe corresponde pode ser perigoso, porque o nomear a coisa traz consigo a própria coisa (a bem conhecida locução latina *lupus in fabula* significa justamente isto: ao nomear o lobo, o lobo aparece) e que, portanto, é preferível empregar palavras ou expressões menos próprias, que nomeiem “sem nomear”.

Ao depararmo-nos com sentidos diferentes atribuídos ao tabu lingüístico, sentimos a necessidade de recorrer ao significado do termo em questão no Dicionário de Lingüística de DUBOIS (1993: 580), em que encontramos a seguinte definição:

“Há coerções sociais que, em certas circunstâncias, impedem ou tendem a impedir a utilização de certas palavras; esses *tabus lingüísticos* são caracterizados pelo fato de que a palavra existe realmente, mas não pode ser usada: é vedado “nomear” a coisa (...) A não-observância do tabu lingüístico leva os falantes a considerar certas frases como inaceitáveis (...) o reconhecimento dos tabus lingüísticos é de grande importância para o pesquisador que tenta estabelecer um corpus da língua. Na cultura das comunidades dos países desenvolvidos, existem também palavras tabus (tabus sexuais, religiosos e políticos): a transgressão dos tabus comporta, conseqüentemente, a rejeição do falante pelo grupo social ou, pelo menos, a depreciação então ligada a seu comportamento.”.

Com base no que foi exposto, explanamos agora o que entendemos por tabu lingüístico. Para nós é a palavra, o termo ou a expressão que é, de certa forma, evitada e não deve ser proferida por se acreditar que tenha o poder de causar-lhe algum malefício.

Apesar da importância de que se reveste cada um desses estudos como fonte de conhecimento para a reconstituição da história do português do Brasil, nenhum se deteve em analisar as palavras e expressões “tabuizadas” que muito colaborariam para o estudo das variantes lingüísticas.

Capítulo II – Métodos e procedimentos

Nesta parte, descreveremos como o trabalho foi estruturado em termos do método e procedimentos utilizados. O *corpus* é constituído pelas respostas dadas nas entrevistas realizadas para seis atlas lingüísticos estaduais: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas lingüístico de Sergipe I (ALS I), Atlas lingüístico de Sergipe II (ALS II), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB) e Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR). Cada atlas lingüístico foi primeiramente analisado isoladamente para depois efetuarmos um estudo comparativo dos mesmos.

Foi elaborado um banco de dados para armazenar os dados coletados. Para levantamento e análise dos dados foram considerados como parâmetro os modelos de estrutura dos tabus lingüísticos encontrados, a tipologia desses tabus, a estrutura lexical e gramatical e os universos de discurso, tudo sob a luz dos estudos lexicológicos e terminológicos.

A fim de podermos visualizar melhor a ocorrência dos tabus lingüísticos nos atlas lingüísticos propostos, fizemos um levantamento da freqüência destes nos dois atlas, utilizando o aplicativo da Microsoft Excel, versão 2003. Uma vez feita a freqüência dos dados coletados, pudemos estabelecer um quadro comparativo em nível de freqüência que nos possibilite o estudo comparativo dos dados coletados.

Apresentamos uma taxionomia dos processos dos tabus lingüísticos, bem como dos graus de integração e aceitabilidade pelos informantes nos atlas lingüísticos pesquisados.

A pesquisa compreendeu as seguintes etapas:

- a) levantamento das cartas lexicais que apresentam registros de respostas “tabuizadas” conforme o contexto apresentado;
- b) seleção de respostas / palavras “tabuizadas” para comporem o *corpus* de investigação;

c) estudo e registro da etimologia das palavras selecionadas consultando dicionários da língua portuguesa e dicionários especializados: dicionários gerais, etimológicos, de folclore, a saber:

- Dicionário Caldas Aulete (1958) – 2ª edição;
- Dicionário de Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo (1962) – 2ª edição;
- Dicionário Aurélio (1999)– Século XXI - 2ª e 3ª edição;
- Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa de Celso Cunha (1999) – 2ª edição;
- Dicionário Houaiss (2001) – 1ª edição;
- análise da correlação: palavra ‘tabuizada’ X variantes lingüísticas;

e) pesquisa em dicionários para verificar o registro ou não dessas palavras;

f) verificação quanto à ocorrência / incidência da lexia ‘tabuizada’ e de suas variantes.

Os significados das lexias pertencentes às áreas semânticas selecionadas serão verificados nos dicionários já mencionados. Outros dicionários foram consultados conforme a necessidade e posteriormente relacionados tanto no corpo do trabalho quanto na bibliografia consultada.

A análise baseou-se apenas nas respostas dadas ao QSL. Em alguns casos como no ALPR, as notas são utilizadas. Quanto ao Questionário Semântico-Lexical (QSL), usamos a versão 2001 do questionário do AliB. Selecionamos algumas áreas semânticas. O critério para a escolha das áreas semânticas que fizeram parte do *corpus* da pesquisa foi a presença de tabus lingüísticos nas respostas dos informantes ao questionário semântico-lexical. Os campos semânticos escolhidos para análise são as seguintes: fenômenos atmosféricos, corpo humano, doenças, religião e crenças, ciclos da vida, convívio e comportamento social.

Como não tivemos acesso direto aos dados e respostas dos informantes dos questionários, optamos pelos atlas lingüísticos que trouxessem informações sobre eles (suas reações às respostas constantes nas notas dos questionários semântico-lexicais. Assim, o *corpus* constitui-se dos dados constantes das cartas geolingüísticas dos seguintes atlas lingüísticos estaduais: Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I), Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS II) Esboço para um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB) e Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR). O critério para a escolha destes atlas lingüísticos foi a ocorrência de pelo menos uma área semântica que tivesse, pelo menos, uma lexia denominada por nós de tabu lingüístico, em ao menos dois atlas lingüísticos diferentes. Alguns atlas auxiliaram-nos nesta busca como o Atlas Prévio do Falares Baianos (APFB), Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I) e o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) que traziam registros nas notas que precedem cada carta e das informações contidas nas entrevistas classificando as variantes lingüísticas como tabus.

O agrupamento em campo semântico correspondeu às seguintes divisões:

- a) fenômenos atmosféricos:** chuva-de-pedra, arco-íris, eclipse, tempestade, estrela cadente, relâmpago, trovão e trovoada;
- b) corpo humano:** pomo-de-adão, útero e verruga;
- c) religião e crenças:** entidade-tabu que anima o redemoinho;
- d) doenças:** tuberculose, erisipela;
- e) ciclos da vida:** menstruação, entrar na menopausa;
- f) convívio:** prostituta.

O campo semântico foi separado em dois itens, o primeiro diz respeito a terra e o segundo ao homem. Assim, apresentamos a divisão dos dois itens e os termos que foram selecionados para a análise.

Para cada campo semântico fizemos dois tipos de análises, isto é, uma *análise quantitativa*, elaborada com base em tabelas que demonstrem as variantes

lingüísticas, suas ocorrências e frequências a fim de constataremos quais os termos de maior incidência em cada atlas lingüístico, e uma *análise qualitativa*, onde propomos uma tipologia dos tabus lingüísticos com base na tipologia de GUÉRIOS (1979:12) classificamos os tabus lingüísticos como: eufemismos, disfemismos, diminutivos, neutro, expressões genéricas com ou sem restrição, particularidades físicas, metonímia e metáfora. Da tipologia citada excluimos as modificações fonéticas, pois muitas delas demonstravam o falar rural típico da região. Guérios ressalta que o recurso empregado são meios indiretos e meios diretos dissimulados, i.e., substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido. Nosso objetivo é detectar a tipologia utilizada, a frequência e qual o campo semântico mais tabuizado.

Apresentamos, a seguir, tabelas que trazem os tabus lingüísticos pesquisados em cada campo semântico e em que atlas lingüísticos respectivamente. As tabelas são divididas em dois itens: Terra (fenômenos atmosféricos) e Homem (corpo humano, religião e crenças, doenças, ciclos da vida e convívio e comportamento social).

Item I – Terra:

1. fenômenos atmosféricos: chuva-de-pedra, arco-íris, eclipse, tempestade, estrela cadente, relâmpago, trovão e trovoadas.

Tabela de tabus lingüísticos coincidentes nos diferentes atlas

tabus lingüísticos	APFB	ALS I	EALMG	ALPB	ALPR
chuva-de-pedra			X		X
arco-íris	X	X	X	X	X
tempestade			X	X	X
eclipse				X	X
estrela cadente			X	X	
relâmpago			X		X
trovoada		X	X		X
trovão			X		X

item II – Homem:**2. Corpo humano**

Além dos fenômenos atmosféricos, observamos um outro assunto que também é vítima do tabu, a do **corpo humano**. As lexias que apresentaram essa característica foram:

Tabela das lexias nos diferentes atlas

Tabus lingüísticos	APFB	ALS I	ALPB	ALPR
útero	X	X	X	X
Pomo-de-Adão				X
Verruga				X

3. Religião e crenças

No campo semântico religião e crenças destacamos os seguintes termos: entidade-tabu que anima o redemoinho, diabo e verruga.

Tabela das lexias nos diferentes atlas

Tabus lingüísticos	ALPR
entidade-tabu	X

4. Doenças

Esse campo semântico é tabuizado, principalmente se se trata de doença grave, sem cura. As pessoas evitam falar no nome da doença de medo que algo de pior lhes aconteça. Vamos ressaltar aqui as seguintes doenças: tuberculose e erisipela, sendo que ambas pertencem a atlas lingüísticos.

Tabela das lexias nos diferentes atlas

Tabus lingüísticos	ALS	ALPR
erisipela	X	X
tuberculose	X	X

5. Ciclos da vida

No campo semântico referente aos ciclos da vida, selecionamos dois termos: menstruação e entrar na menopausa. Abaixo a tabela que mostra os atlas em que estes termos aparecem:

Tabela das lexias nos diferentes atlas

Tabus lingüísticos	APFB	ALS I	ALPB
menstruação	X	X	X
Entrar na menopausa		X	

6. Convívio

No campo semântico denominado convívio, selecionamos a lexia prostituta que aparece em dois atlas lingüísticos.

Tabela das lexias na literatura

Tabus lingüísticos	APFB	ALS I
prostituta	X	X

A análise do *corpus* foi feita da seguinte maneira: elaboração das tabelas com as perguntas do questionário, levantamento estatístico, análise dos fenômenos lexicais e agrupamento das variantes e das invariantes. Com vistas a um tratamento interpretativo, observou-se a etimologia e a origem de algumas palavras em dicionários portugueses e brasileiros e, desse modo, agrupamos as palavras de mesma origem; fizemos o levantamento de obras de estudos dialetológicos brasileiros para observação da presença do vocábulo em outras regiões a fim de realizar o necessário reagrupamento.

No volume dois desta tese apresentamos o glossário o qual armazena os tabus lingüísticos em fichas terminológicas. Algumas considerações são importantes em relação aos campos utilizados na referida ficha. Os campos devem ser preenchidos da seguinte maneira:

- Entrada: a palavra com freqüência mais comum dentro do campo semântico pesquisado;
- Campo semântico: partindo do Questionário Semântico-Lexical, temos seis sub-áreas: fenômenos atmosféricos, corpo humano, doenças, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças

- Unidade fixa ou termo: coloca-se, na seqüência e em ordem de freqüência o termo a ser analisado;
- Tipologia tabu: classificação do termo;
- Cat. Gram. (categoria gramatical), cujas formas possíveis são: *sm* (substantivo masculino), *sf* (substantivo feminino), *adj.* (adjetivo), *v.* (verbo);
- Pergunta do QSL: reproduzimos as perguntas referentes ao campo semântico em questão;
- Contexto: reproduzimos o contexto dos Atlas Lingüísticos, quando não existit escreveremos S/C;
- Identificador da fonte sigla do Atlas Lingüístico;
- Variante Lingüística: referência à resposta sugerida do QSL;
- Uso geográfico: sigla da região referente ao Atlas Lingüístico.

Capítulo III - Panorama histórico da produção geolingüística no Brasil

3.1. Precursores da pesquisa dialetológica no Brasil

Apresentamos aqui uma retrospectiva da Dialetologia e da Geolingüística, sua importância e interesse. Ressaltamos pesquisadores que colaboraram nessa área, tais como: Jules Gilliéron, na França, Amadeu Amaral, Serafim da Silva Neto e Antenor Nascentes no Brasil, além de Nelson Rossi, que elaborou o primeiro atlas lingüístico, o APFB (1963), e Celso Cunha (1968), ambos no Brasil.

Gilliéron, considerado por Coseriu (1979) como fundador da geografia lingüística, é autor do *Atlas Linguistique de la France* (ALF). O projeto do ALF inaugurou uma nova etapa na história da lingüística, constituindo o modelo de uma série muito ampla de obras análogas. Embora as outras obras introduzam inovações e procurem aperfeiçoá-lo, salientamos aqui que nem sempre aceitam como dogmas alguns dos critérios gilliéronianos (particularmente o critério do investigador não lingüista). A obra completa compreende 36 fascículos, com um total de 1920 mapas, ordenados em três séries alfabéticas, respectivamente de 1421, 326 e 173 mapas. A primeira série (*abeille-vrille*) abrange todo o território francês; a segunda (*sábriter-vous autres*), apenas a zona meridional; e a terceira (*abricot-voler*), apenas uma desta. Conforme COSERIU (1982:88), na concepção de GILLIÉRON constitui um atlas lingüístico de todo o território francês, realizado com base em um material homogêneo recolhido mediante pesquisa direta e por uma única pessoa. O estudioso pensava que, para assegurar em alto grau a “objetividade” da pesquisa e para que a realidade da fala fosse captada em sua genuína espontaneidade, o investigador não devia ser um lingüista ou um dialetólogo de profissão, suscetível de se deixar dominar ou desviar por idéias “pré-concebidas” de caráter histórico ou

teórico. A pessoa que se adequava a esses propósitos era, para o autor, Edmont Edmont¹. O projeto da pesquisa deveria abranger 639 pontos (entre eles, dois de fala italiana) e ser levada a cabo em cinco anos. Porém, em menos de quatro anos (1897-1901), investigou todos os pontos previstos, interrogando mais de 720 sujeitos (em cerca de 550 casos, até quatro sujeitos) e registrando mais de um milhão de respostas. Em 1902, começou a publicação em fascículos do material elaborado já indicado e com Gilléron e Edmont como autores, segundo COSERIU (1982:88).

BRANDÃO (1991) destaca AMARAL como o primeiro dialetólogo brasileiro devido a sua tentativa de descrever um falar regional ao editar *O dialeto caipira*. A autora aponta que neste trabalho, AMARAL procura dar conta das peculiaridades fônicas, mórficas, sintáticas e lexicais de um aspecto de dialeção portuguesa em São Paulo. AMARAL é quem lança a semente da geografia lingüística como método para conhecimento das variedades dialetais.

SILVA NETO (1957) é retratado por BRANDÃO (1991:43) como um dos grandes precursores dos estudos dialetológicos no Brasil. Publicou o *Guia para estudos dialetológicos*, o que mais se destaca em sua obra é o inquérito lingüístico, um esboço de um questionário e anexa um questionário – dividido em três grandes campos semânticos (terra, animais e homem) para ser aplicado ao Amazonas.

NASCENTES (1958) discute, em sua obra intitulada *Bases para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, as vantagens de um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país. O autor divide o Brasil em seis subfalares: amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista, além de um território não caracterizado. Sua obra divide-se em dois volumes. O primeiro apresenta as orientações metodológicas, técnicas e fundamentais para a elaboração de um atlas lingüístico,

1 Conforme COSERIU (1982:82), Edmont era um simples comerciante da pequena cidade de Saint-Pol (Pás-de-Calais) que já não era indiferente aos interesses dialetológicos e que possuía uma notável capacidade

com sugestões de quatro pontos fundamentais na realização da pesquisa dialetal: notas sobre o inquirido, notas sobre a localidade, o questionário, ponto dos inquéritos. Compõe-se de 606 pontos de inquérito distribuídos pelos diferentes estados e territórios para a recolha de dados. Já o segundo volume constitui-se de um questionário completo nos aspectos de Fonética, Morfologia, Sintaxe e Léxico, além de apresentar um vocabulário de locuções populares de diferentes localidades. Uma das principais contribuições de Nascentes (1958) concentra-se no fato de ser o ponto de partida de todos os estudos de português do Brasil.

ROSSI (1955) tinha por objetivo inicial instalar na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (UFBA) um laboratório de fonética experimental. Destaca-se em sua vertente a dialetologia e a criação de uma equipe estável, primeiro de estudantes e depois de colegas e ex-alunos, imbuída do mesmo espírito e voltada para os mesmos ideais. Ele adota como objeto da dialetologia o levantamento de pontos relativos à realização de atlas nacionais ou por regiões. Seu trabalho é pioneiro no Brasil, pois ele elabora o primeiro atlas lingüístico do Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), composto de dois volumes: Cartas Lingüísticas (1963) e Introdução (1965) que traz linhas gerais do trabalho, questionário comentado e o elenco das formas transcritas. O APFB é composto de 9 inquiridores, mais de 3000 perguntas, 198 cartas lingüísticas, informações gerais sobre a distribuição geográfica dos pontos, os nomes oficiais, regionais e anteriores das localidades, dados da situação administrativa, atividades econômicas predominantes. Apresenta, ainda, 44 cartas-resumo com dados que constam nas cartas a que se referem: cartas-convenção (fonéticas, lexicais, dados indicados com legenda); cartas acompanhadas de notas (retratam ambiente cultural em que vive o informante, a sua visão do mundo bio-social e da própria língua). Apresenta uma

perspectiva diatópica, diacrônica ou diastrática. Segundo descrito por FERREIRA (1994) esse atlas foi iniciado em 1960, concluído em 1962, e editado em 1963.

CUNHA (1968), conforme relatado por FERREIRA (1994), preocupa-se com as questões relativas a uma política de conhecimento e ensino da língua portuguesa em seu livro *Uma política do idioma*. Reconhece, no capítulo “A Geografia lingüística”, que a impraticabilidade de realização de um atlas nacional indicava o caminho de construção de atlas regionais. Foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta, o Projeto NURC, o qual parte de uma metodologia comum que permite confrontar a variedade culta de cinco capitais (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) levando em consideração algumas variáveis extra-lingüísticas como sexo, idade e tipo de registro.

3.2. Breve relato dos atlas lingüísticos publicados no Brasil

3.2.1. Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

BRANDÃO (1991:50) informa que o APFB publicado, em 1963, teve sua origem nos cursos de dialetologia ministrados por Nelson Rossi, na UFBA, em 1955, e em especial no trabalho “Aspectos do léxico regional da Bahia”, elaborado por estudantes sob sua orientação e apresentado no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros, em 1959. Alguns dos estudantes, co-autores do trabalho, serão futuros inquiridores do APFB, e o léxico estudado orientou a organização do Extrato de Questionário utilizado para o atlas. Entre 1956 e 1959, foram feitas sondagens por Rossi e seus alunos, e no período de 1956 a 1959, realizaram-se alguns trabalhos de dialetologia baseados nos dados já recolhidos.

O APFB era de um trabalho experimental, sem intenção de esgotar o assunto, com objetivo de fazer uma sondagem de campo preliminar sobre a variante brasileira do português. Antes desse atlas, tudo o que se sabia sobre a dialeção diatópica da variante brasileira do português se devia à observação assistemática de curiosos ou a hipóteses sugeridas por especialistas, mas sem confirmação de fato pelo trabalho *in loco*. A obra é pioneira e, como tal, possui seu mérito, mas carrega em si muitas limitações.

Para organização do atlas, foram selecionadas 50 localidades (30 sedes de municípios, 15 vilas e 5 povoados). O ponto de partida para a escolha das localidades foi a proposta de Antenor Nascentes em *Bases para Elaboração do Atlas lingüístico do Brasil* (1958). Os pontos de Nascentes reduziam-se a 39 e nem sempre atendiam aos pressupostos teóricos de escolha de uma localidade (antigüidade, vida própria, relativo isolamento, população numericamente representativa), além do critério, adotado pelo APFB, da eqüidistância *versus*

densidade demográfica. Apenas 13 pontos, sedes dos municípios ao final, coincidem com os sugeridos por Nascentes, aparecem no APFB.

Após uma pesquisa prévia em leitura das obras de viajantes, historiadores, geógrafos e consulta em trabalhos recentes que forneciam dados histórico-geográficos e sócio-econômicos, arrolaram-se 1076 topônimos, dos quais resultaram 599 pontos, que foram catalogados em fichas com informações pertinentes, como: nome atual, nomes anteriores, sùmula histórica, grau de isolamento, etc.

Como não havia modelos anteriores no Brasil para espelhar-se, a equipe elaborou um questionário a partir de experiências dialetais anteriores e adaptou-o à realidade baiana. Ao final, elaborou-se o “Extrato de Questionário” (EQ) a partir do estudo detalhado de várias lexias obtidas como respostas dos informantes de quatro localidades: Bom Despacho (1958), São José das Itaporocas, Tanquinho e São Vicente (1959). O EQ é composto de 182 perguntas, apesar de a numeração finalizar em 164 (algumas dessas perguntas estão subdivididas e indexadas como A, B, C e D), e é basicamente léxico-semântico (os dados fonéticos seriam analisados a partir das várias realizações dos itens lexicais).

Para seleção dos informantes, foram determinados os seguintes critérios: exigência de serem naturais do lugar; terem pais da localidade; terem feito poucas ou nenhuma viagem; recomendação de que fossem dois informantes de sexo e idade diferentes (com limites entre 25 e 60 anos), em relação ao último critério, isso nem sempre aconteceu. Ao final, ouviram-se 100 informantes (na sua maioria analfabetos), sendo o primeiro realizado em 31/10/1960 e o último em 07/04/1961. Para formular as perguntas, optou-se pela interrogação indireta, transcrição imediata e sem retoque posterior da resposta, sempre em dosagem cautelosa para não provocar cansaço.

Como resultado, elaboraram-se 154 cartas lingüísticas, em transcrição fonética, e outras poucas com sinais convencionais, e mais 44 cartas-resumo das cartas que contém um acúmulo de informações. Todas são precedidas de páginas que dão conta da história das localidades e informantes, esquema de apresentação, transcrição fonética, critérios de apresentação das respostas e 11 cartas introdutórias.

O APFB foi o primeiro atlas lingüístico publicado no Brasil e passou a ser também o primeiro editado eletronicamente no país. Sua inegável importância científica e histórica e a falta de perspectiva de uma nova edição em papel fizeram que se planejasse a execução desse empreendimento, certamente, de grande contribuição para os estudos lingüísticos nacionais.

3.2.2. Atlas lingüístico de Sergipe (ALS I)

O Atlas lingüístico de Sergipe (ALS I) foi organizado por FERREIRA e outros pesquisadores (1987). A metodologia aplicada e os procedimentos preparatórios na elaboração foram baseados no APFB, porém com inovações, como na forma de apresentar as cartas. Segundo BRANDÃO (1991:58) quase a totalidade das cartas vem acompanhada de comentários sobre o modo de formulação da pergunta que motivou a forma recolhida, o contexto frásico em que ela apareceu em alguns ou em todos os informantes ou, ainda, esclarecimentos sobre as acepções com que ocorreu. Além disso, percebe-se maior homogeneidade em relação à faixa etária dos informantes, que diferentemente do APFB, oscila entre 35 a 65 anos de idade, com maior incidência da faixa de 35 a 50 anos. Outra inovação importante é o mapeamento das atividades predominantes nas localidades, dado de grande valia para a melhor interpretação dos condicionamentos culturais das lexias registradas.

A escolha e apresentação das localidades foram definidas de acordo com as zonas fisiográficas e micro-regiões homogêneas (estabelecidas por critérios ecológicos, populacionais, econômicos e de infra-estrutura de transportes). A escolha dos informantes foi estabelecida com base nos princípios adotados para o APFB.

O questionário constituiu-se de três fases e foi composto de três diferentes questionários, sendo dois preliminares de sondagem e um definitivo. Os inquéritos foram preliminares e definitivos. As cartas foram lingüísticas e não lingüísticas (introdutórias). As cartas lingüísticas são exclusivamente fonéticas, e lexicais, com dados socioculturais ou etnográficos, cartas-resumo, cartas-conjuntas. Nelas encontram-se comentários contextuais, transcrição fonética, semas diversos para um mesmo item lexical, desprezo pela variação fônica, casos de não correspondência entre cartas do APFB e do ALS I. Os inquéritos preliminares apresentam duas etapas: a primeira tem um questionário de mais de 300 perguntas em quatro localidades; a segunda tem um questionário de cerca de 800 perguntas em 15 pontos. Todas as localidades (pontos dos atlas) são submetidas a uma aplicação do questionário experimental reduzido e um questionário definitivo que é mais amplo do que o da Bahia com 700 perguntas.

3.2.3. Esboço de um Atlas Lingüístico do Estado de Minas Gerais (EALMG)²

Em 1969 teve início, em Juiz de Fora (MG), o projeto para o Atlas Lingüístico do Estado de Minas Gerais, tendo por professores pesquisadores Mário Roberto Lobuglio Zágari e José Ribeiro. Após a aprovação do projeto, houve o ingresso do

professor Antonio Pereira Gaio, e em 1973, o do professor José Passini. Em 1977, deu-se a apresentação do primeiro volume dos quatro previstos.

O questionário previamente elaborado seguiu as Bases *para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, de Nascentes. Após muitas alterações, foi reduzido a 415 perguntas relativas a tempo, moradia, utensílios, animais, etc. Para obter os dados, o entrevistado completava frases: “quem não ouve bem é ...”, “que animais existem aqui?”, com auxílio dos pesquisadores, que utilizavam fotografias e desenhos de objetos, e quando não obtinham êxito, mostravam miniatura do objeto.

O informante recebia um valor correspondente ao salário-hora de Minas Gerais. Eram entrevistados homens ou mulheres, casados ou solteiros, com idade entre 30 e 50 anos, analfabetos ou com escolaridade não superior à 4ª série do 1º grau, nascidos na localidade ou que tivessem vivido em outro município, sempre apresentado por alguém. O local da entrevista era variado: na Prefeitura ou na casa do entrevistado.

A pesquisa também foi indireta, isto é, um questionário próprio por correspondência, com 21 perguntas e 8 desenhos foram enviados à Prefeitura para que se entregasse ao professor de Português do município uma carta com as instruções e com as indagações que se buscavam. Receberam 409 retornos, dos quais 107 foram desconsiderados por não atenderem a critérios de seleção do informante.

O EALMG teve uma pesquisa sociolingüística, para verificar até que ponto os antigos quilombos ou negros alforriados influenciaram a fala de certos locais, ou o tipo de linguajar tais negros conservaram.

2 Os dados do EALMG foram obtidos na apresentação de Homero Senna, diretor do centro de pesquisas, em ZÁGARI (1977).

3.2.4. O Atlas lingüístico da Paraíba (ALPB)³

O Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), dos quais já se publicaram dois dos três volumes previstos (1984), faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, o do Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano, que compreende, ainda, a análise da língua falada por pessoas de nível cultural mais alto – norma culta – e a linguagem regional escrita, por meio da análise de jornais, crônicas, contos populares, etc., com o fim de se obter uma descrição completa do português falado e escrito na região.

A equipe encarregada de viabilizar o projeto foi coordenado por Maria do Socorro ARAGÃO que, com Cleusa Palmeira de MENEZES, em 1976. Este projeto inova ao entrevistar de três a dez informantes em cada uma das 25 sedes de município que constituíram os pontos de entrevista e o de ter se elaborado o questionário em duas partes: a geral, com 289 questões, abarcou sete campos semânticos; a específica, com 588 questões, abordou o léxico relativo aos cinco principais produtos agrícolas da Paraíba (mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão, abacaxi). Os resultados obtidos com a aplicação desta última parte do questionário comporão o terceiro volume do ALPB.

Ressaltamos nas cartas lexicais do ALPB já publicadas a gama de variações para um mesmo referente, como é o caso da carta no. 19, correspondente à “tempestade”, e que apresenta vinte e duas variantes, havendo localidades em que ocorrem até lexias diferentes.

O segundo volume do ALPB contém a análise e a sistematização dos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos, específicos e determinantes do falar paraibano, e, ainda, um glossário, em que se colocam em relevo as formas não-dicionarizadas.

3 BRANDÃO (1991:61)

3.2.5. Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina (EALLO)⁴

O Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina (EALLO) é resultado do trabalho da professora Dr.^a Vanderci de Andrade AGUILERA e refere-se à fala rural do município de Londrina. Seu *corpus* é composto de entrevistas feitas em 12 pontos lingüísticos desse município, de acordo com a divisão político-administrativa e a origem dos habitantes. Considerando-se que essa região foi colonizada por grupos diversos de migrantes e imigrantes, o trabalho procura localizar as marcas deixadas no léxico e na fonologia da fala rural londrinense.

O questionário do EALLO, composto de 310 questões indiretas, envolve duas grandes áreas semânticas: o homem (partes do corpo, funções, doenças, vestuário, agricultura, jogos e brinquedos infantis) e a terra (natureza, flora, plantas medicinais, fauna). Os informantes dessa pesquisa de 1987 são de origem rural e de escolaridade mínima. Este questionário foi retomado quando da pesquisa para o Atlas Lingüístico do Paraná (1990), da mesma autora, e do qual fez parte o EALLO. Além dessas questões, há as do tipo narrativa sobre lendas, credences e experiências pessoais, que, além de dados lexicais, oferecem subsídios para o estudo de fenômenos morfossintáticos.

Seu glossário é composto de 229 itens, também retirados dos dados colhidos por sua autora. A importância do EALLO para o conhecimento da fala paranaense reside na exaustiva descrição que sua autora faz do léxico londrinense, bastante coincidente com o que foi encontrado depois na pesquisa para o atlas do Paraná.

3.2.6. Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR)⁵

4 Informações obtidas no site: www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/londrina acessado em 11/02/05.

O Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), organizado por Aguilera e publicado em 1994, com 191 cartas, das quais 92 são lexicais, 70 fonéticas e 29 isoglossas (isófonas e isoléxicas), é resultado de sua tese de doutorado, defendida em 1990 na UNESP/ Assis. O primeiro volume da tese de doutoramento da Prof^a. Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera foi o texto utilizado para a realização deste trabalho. Da tese originaram-se o Atlas propriamente dito, publicado em 1994, contendo as cartas geolingüísticas e, mais tarde (1996), um volume de apresentação, com o questionário, a metodologia de construção do Atlas, uma síntese da história do Paraná e dados acerca dos pontos lingüísticos do ALPR. Segundo Aguilera (2002: 406), os fatos lexicais e fonéticos registrados nas cartas têm proporcionado estudos variados ao longo desses anos: uma tentativa de definição de áreas de isoléxicas e de isófonas e sua associação com os períodos de ocupação sucessiva do território (Aguilera, 1997); estudos específicos sobre determinados campos semânticos, como a análise da distribuição espacial das variantes lexicais referentes ao campo semântico *milho* (Aguilera e Oliveira, 1999b); a iotização como fenômeno rural brasileiro (Aguilera, 1989 e 1999a); o processo de criação sígnica em torno das variantes lexicais para *alpargatas* (Aguilera, 1998), entre outros.

O estudo de Aguilera (1990) foi elaborado com base nos pressupostos teóricos da dialetologia, tendo como objetivo a documentação cartográfica da variação lexical e fonética de lexias significativas, bem como a delimitação de zonas de isoglossas do falar paranaense nos campos lexical e fonético. Seu glossário (1163 entradas) registra os itens encontrados nas cartas geolingüísticas e nas notas que acompanham essas cartas a partir de um recorte léxico-dialetal, isto é, compõe-se somente por unidades cuja forma e/ ou sentido não corresponde ao vocabulário

ativo da norma padrão urbana (Aguilera 1990, p. 81), de acordo com sua produtividade no *corpus*.

Os informantes do Atlas têm origem rural e pouca ou nenhuma escolaridade, o que colabora para uniformizar o vocabulário compilado. Esse perfil, se não consegue anular por completo fatores “naturais” de homogeneização da fala rural/urbana, como a presença da escola ou dos meios de comunicação, concorre para diminuir seus efeitos e para a obtenção de um *corpus* bastante representativo da formação da população rural paranaense.

O ALPR é a obra geolingüística, publicada até a presente data, mais representativa em termos da linguagem do Paraná e foi elaborado a partir de entrevistas estruturadas com 130 informantes de ambos os sexos em 65 pontos lingüísticos e da aplicação de um questionário composto de 325 questões divididas em dois grandes campos semânticos: terra e homem, em oito sub-campos, organizados da seguinte maneira:

- terra: natureza (fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.) flora (árvore, frutos, etc.) plantas medicinais; fauna
- homem: partes do corpo, doenças, etc.; vestuário e calçados; agricultura e instrumentos agrícolas, etc.; brinquedos e jogos infantis; lendas e superstições (narrativas)

Os dados do ALPR têm como especificidade a referência ao mundo rural, tanto em relação aos seus informantes quanto aos campos semântico com que trabalha.

- **Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina (ALISC)⁶**

Esse atlas é o resultado da dissertação de Mestrado elaborada por Lígia Maria Campos Imaguire, intitulada “Estudo com vistas a um atlas lingüístico da ilha de Santa Catarina – abordagem dos aspectos lexicais, defendida em 1999 na Universidade de São Paulo, consta de dois volumes.

A partir de uma abordagem lexical, Imaguire buscou determinar as variantes usadas pelos informantes moradores nessa localidade. Baseando-se nos pressupostos teóricos da Dialectologia e da Geografia Lingüística, delimitou-se a Ilha de Santa Catarina em 35 pontos lingüísticos, entrevistando-se em cada ponto dois informantes, um de cada sexo, em faixas etárias variadas até 69 anos, em um total de 70 informantes. Aplicou-se um questionário composto de 315 perguntas, distribuídas em duas áreas semânticas: a terra e o homem.

O material colhido nas entrevistas foi agrupado em tabelas lexicais e analisado sob os seguintes aspectos: a frequência das variantes, a estruturação das lexias, o uso do diminutivo bem como de adjetivos qualificativos. Resultaram 100 cartas lexicais e 10 isoléxicas, com numeração devidamente demarcada, seguindo a ordem das entrevistas, que certamente contribuem para a elaboração de um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina.

- **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)⁷**

Tem como coordenador-geral Walter KOCH e foi desenvolvido por equipes coordenadas: no Rio Grande do Sul, por Mário Silfredo Klassmann; no Paraná, por José Luiz da Veiga Mercer; e, em Santa Catarina, por Oswaldo Antônio Furlan.

6 Dados obtidos na dissertação de Mestrado de Imaguire (1999)

O questionário compreende três partes: a) questionário semântico-lexical (QSL), subdividida em geral e específica; b) questionário fonético-fonológico (QFF), que objetivava o registro de certos traços fonético-fonológicos: segmentais (vogais, semivogais e consoantes) e supra-segmentais (acentos); c) questionário morfossintático (QMS), que contém certos traços morfossintáticos, tais como formas de tratamento, o sistema de pronomes pessoais, a concordância verbal, a flexão nominal e verbal.

- **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALISPA)**

Conforme RASKY (2003: 174), o Atlas Lingüístico do Pará é o primeiro atlas “falante” do Brasil, publicado em CD-ROM em 2004. O programa de CD-ROM permite a visualização das cartas com os vocábulos do QFF (num total de 157 vocábulos) foneticamente transcritos, por meio dos quais, ao clicar em qualquer uma das realizações fonéticas, é possível ouvir a voz do sujeito. Realizou-se uma pesquisa em 10 cidades do Estado do Pará, onde se aplicou o questionário fonético-fonológico (QFF), composto por 157 questões. Foram entrevistados quatro sujeitos em cada ponto, dois de cada sexo, nas faixas de 18 a 30 e 40 a 70 anos.

3.2.10. Atlas Lingüístico de Sergipe II (ALS II)

O ALS II é resultado da tese de doutorado de Cardoso defendida em 2002. Resolveu-se dar continuidade à pesquisa realizada para o atlas anterior, ou seja, o ALS I, abordando os dados coletados que não haviam sido abordados. As cartas cobrem a área semântica “homem”, cujos registros formaram um total de 108, das quais 105 são semântico-lexicais e 3 introdutórias.

O segundo volume do ALS contém comentários às cartas, o que difere dos demais Atlas publicados anteriormente, inclusive do volume I do ALS. Constitui-se de duas seções, sendo a primeira de caráter introdutório, com informações metodológicas e as interpretações das cartas, e a segunda, de cartas semântico-lexicais. Acompanha um CD com trechos do inquérito.

3.2.11. Atlas Lingüístico do Amazonas (ALAM)

O Atlas Lingüístico do Amazonas é fruto da tese de doutorado em Língua Portuguesa de Maria L. de C. Cruz, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2004.

Baseando-nos no resumo de Cruz (2004:157), apresentamos aqui as principais características do ALAM. O atlas em questão registra em 107 cartas fonéticas e 152 cartas semântico-lexicais os falares de nove municípios representativos das nove Micro-regiões do Estado do Amazonas. Realizado na perspectiva da Geografia Lingüística, constitui o primeiro atlas lingüístico no Brasil a controlar, de forma sistemática, a variável faixa etária. As localidades selecionadas seguiram critérios de natureza sócio-histórico-político-cultural, assim como as sugestões de Antenor Nascentes (1958) e as recomendações do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB).

Cruz (2004: 114) esclarece que o ALAM, propriamente dito – que constitui o volume II desta pesquisa – é apresentado em dois tomos: no primeiro há uma introdução, basicamente de caráter metodológico; no segundo, há 107 Cartas Fonéticas e 152 cartas Semântico-lexicais (QSL). Assim, de um questionário de 483 questões (QFF/QSL), 257 resultaram em cartas lingüísticas.

Dentre as contribuições do ALAM, destacamos o conhecimento de uma região pouco explorada do ponto de vista dialetal, como também a delimitação das áreas da língua brasileira. Cruz (2004: 138) salienta no ALAM a primeira modesta contribuição para o conhecimento de peculiaridades da fala amazonense. A pesquisadora observa, nas 107 Cartas Fonéticas que compõem o ALAM e nos gráficos que os complementam, a existência da difusão regional e genérico-geracional das variantes relacionadas a variáveis lingüística consideradas fundamentais para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras, entre elas destacando-se as vogais pretônicas médias e os segmentos em cada sílábica.

3.2.12. Estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela

Esta dissertação de mestrado de Márcia Regina Teixeira da Encarnação, defendida na Universidade de São Paulo em 2005, tem por objetivo o estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais do falar dos caiçaras que vivem nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela, litoral norte do Estado São Paulo. Realizou-se pesquisa in loco e foi utilizado o questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, especificamente a subárea Flora. Os dados obtidos foram registrados em fitas cassetes e transpostos para uma planilha do aplicativo Excel da Microsoft. As variantes foram analisadas e posteriormente documentadas em cartas temáticas, possibilitando uma visualização da distribuição do fenômeno na região estudada. Foram observadas lexias de frequência elevada que aparecem em todos os pontos, representando elementos comuns aos falantes da região pesquisada e indicando o dialeto da região. Foi realizada a análise semântico-lexical da lexia amendoim e da lexia umbigo, sendo que esta última possibilitou também a abordagem da questão da parassinonímia com vistas a mostrar a ampliação de sentidos que as lexias adquirem e o princípio de que toda relação de sentidos conduz a uma mobilização de unidades lingüísticas no plano do significado.

- **Breve relato dos Atlas lingüísticos no Brasil em andamento**

3.3.1. Atlas Lingüístico do Ceará (ALECE)

O Atlas Lingüístico do Estado do Ceará (ALECE) conta com a participação dos professores José Rogério Bessa, José Alves Fernandes, Alexandre F. Caskey, Hamilton Cavalcante de Andrade, Mário Roberto Lobuglio Zágari, Ignácio Ribeiro Pessoa Montenegro e Luiz Tavares Júnior.

O questionário já se encontra publicado desde 1982 e consta de 306 perguntas, distribuídas pelos campos semânticos: natureza, tempo, o homem, parentesco, partes do corpo, funções do corpo; o homem: características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal, atividade e utensílios domésticos, comida, religião, animais e outros.

O ALECE consta de três volumes. No primeiro, de caráter introdutório, tratará “...dos antecedentes e da orientação teórica do projeto, dos atlas regionais, da bibliografia dialetal cearense dos objetivos e metodologia dos informantes e das localidades”. O segundo contém as cartas lingüísticas (fonéticas e léxicas). O terceiro, um glossário e um apêndice que recolhem as respostas que, do ponto de vista dos critérios lexicográficos estabelecidos, não são itens lexicais.

3.3.2. Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

O projeto para a elaboração do APERJ existe desde 1985 e vem sendo desenvolvido no Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ. Apresenta por objetivos fixar não só a linguagem, mas também a cultura do pescador fluminense. Para o trabalho, foram selecionadas três localidades: Atafona,

Caju e Parati. Os sujeitos distribuíram-se por três faixas etárias: de 18 a 30 anos; de 31 a 50 anos e com mais de 50 anos. O nível de escolarização não foi alvo desta pesquisa.

– **Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo (ALESP)**

Este projeto foi idealizado por Pedro Caruso e está com a etapa de inquérito terminada, encontrando-se o material em fase de transcrição fonética. O questionário publicado em 1983 está organizado em duas grandes áreas semânticas: terra e homem. A primeira conta com 149 perguntas divididas em quatro subáreas: natureza (fenômenos atmosféricos, astros, tempo); flora (árvore, frutos) e plantas medicinais; fauna. A segunda, com 161 questões divide-se em quatro subáreas: partes do corpo, funções e doenças; vestuário, calçados; agricultura, instrumentos agrícolas e brinquedos e jogos infantis. Existem ainda perguntas sobre lendas e superstições e uma denominada Experiência Pessoal, que se constitui por uma única pergunta (317), e cujo objetivo é recolher subsídios para o estudo das variações morfossintáticas.

– **Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará ⁸ (ALISPA)**

Este Atlas é o resultado de um projeto do Professor Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará, e é parte do Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará, que se encontra em fase avançada de realização.

A obra está assim estruturada: a) 10 Localidades pertencentes às seis Mesorregiões do Estado do Pará. b) 40 Informantes de 18 a 30 e 40 a 70 anos. c)

⁸ Baseado nas informações obtidas no site:
/www.reacao.com.br/programa_sbpc57ra/sbpccontrole/textos/msocorroaragao1.htm#_ftn1

Nível de instrução: até a 4ª série do primeiro grau. d) homens e mulheres. e) Questionário Fonético – Fonológico com 157 questões. f) O Atlas é o primeiro Atlas sonoro do Brasil contém 600 cartas lingüísticas e o Menu apresenta os seguintes itens: a) Entrevistas; b) Informantes; c) Realização; d) Análise Acústica; e) Palavras. Através desses itens pode-se buscar as cartas por localidades, por informantes, por faixas etárias, por sexo, podendo-se ouvir as realizações fonéticas produzidas pelos informantes, para cada item do questionário, além da possibilidade de uma busca automática da variação fonética, em certos contextos, e sua relação com os fatores sociolingüísticos. Pode-se, também, ouvir as entrevistas integrais dos 40 informantes.

Sob a coordenação de RASKY este atlas pesquisou 57 pontos das seis microrregiões do Estado do Pará. O questionário, dividido em duas partes, abordou aspectos de caráter geral nas áreas semânticas de terra, homem, lendas, superstições, com narrativa pessoal, e outro, com aspectos específicos de cada região. Os sujeitos, de ambos os sexos, são da zona urbana e da rural.

3.3.5. Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)

Sob a coordenação de Dercir Oliveira, Aparecida Negri Isquierdo, Maria José Gomes e Albana Xavier Nogueira, o projeto propõe-se a pesquisar 33 pontos, aplicando um questionário lexical, com 510 questões e um questionário fonético, com 47 questões, e ainda uma narrativa. Serão entrevistados quatro sujeitos, de ambos os sexos, por localidade, selecionados segundo a variável grau de instrução analfabetos ou até a 4ª série do Ensino Fundamental e na faixa etária entre 18 a 30 anos e 45 a 70 anos.

3.3.6. Atlas Lingüístico do Mato Grosso (ALIMAT)

Sob a coordenação da equipe formada por José Leonildo Lima, Antônio Tadeu de Azevedo, Cássia Regina Tomanin, Liliane Batista Barros, Maria José Marques, Valéria Cardoso, Wellington Quintino e Zenaide Souza, o projeto propõe-se a abordar 22 pontos e conta com uma versão preliminar do questionário.

- **Atlas Lingüístico do Acre⁹**

A pesquisa Estudo Etnolingüístico do Vale do Acre, Juruá e Purus visa contribuir com os estudos dialectológicos do Acre, colaborar na elaboração do Atlas Lingüístico do Acre - ALAC e do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB. Recolheu-se, através desse estudo, dados a respeito da vida e dos costumes do seringueiro acreano em seu dia-a-dia e as dificuldades enfrentadas por ele na floresta. Para tal, utilizou-se dezoito inquéritos do questionário geral (já publicados) que descreve a linguagem falada pelo seringueiro acreano nos três Vales delimitados pela pesquisa nas nove Zonas a saber: Vale do Acre (Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri); Vale do Purus (Sena Madureira, Manuel Urbano e Assis Brasil); Vale do Juruá (Feijó, Tarauacá e Cruzeiro do Sul). Foram entrevistados informantes dos sexos masculino e feminino, todos acreanos, filhos de pais acreanos, analfabetos e nas faixas-etárias A (18 a 25 anos), B (26 a 35 anos) e C (36 a 80 anos). A confecção e análise das cartas léxicas foram baseadas nos pressupostos teóricos da Dialectologia Social, da Lexicografia e da Lexicologia.

9 Dados obtidos no site:
<http://ambienteacreano.blogspot.com/2006/08/estudo-etnolingstico-do-vale-do-acre.html>

Obteve-se da pesquisa um total aproximado de 490 lexias, a maioria simples como lamparina, suador, estopa, mastruz e bandeira, outras compostas como quina quina, vento caído, pano virgem, perna direita, estrada bruta, e algumas complexas cara-de-gato, mãe-da-seringueira e boca-da-estrada. Fez-se também, uma análise comparativa diatópica, diafásica e diastrática nas Zonas de pesquisa, através de planilhas específicas para este fim.

Conclui-se que a linguagem do seringueiro acreano está intrinsecamente ligada ao meio físico-social ao qual ele pertence, pois seu vocabulário reflete seus hábitos, costumes, modo de viver e de ver as coisas. Verificou-se, ainda, que a linguagem do seringueiro do Vale do Acre, próxima da capital Rio Branco é mais inovadora que a do seringueiro que vive nos Vales do Purus e Juruá que é mais conservadora.

Sob a coordenação de Luísa Galvão Lessa, conta com uma rede de 18 pontos distribuída por três áreas: Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale do Purus. O questionário, dividido em duas partes, aborda aspectos de caráter geral e específico. Os dados já coletados estão armazenados em fitas cassetes e aguardando a fase de análise.

- **Atlas Lingüístico do Maranhão (ALiMA)¹⁰**

A Universidade Federal do Maranhão, através do Departamento de Letras e em convênio com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), está participando da elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB).

Para o projeto maranhense, que vem sendo posto em prática desde 1999, foi elaborado um questionário próprio, relacionando elementos culturais específicos: bumba-boi, produtos do agro-extrativismo (babaçu, arroz e mandioca), culinária, manifestações afro-religiosas e reggae. Num momento posterior, será estudada a contribuição lingüística dos povos indígenas.

No Maranhão, a professora Conceição Ramos, do Departamento de Letras da UFMA, é a coordenadora do projeto. Além da UFMA, a Faculdade Atenas Maranhense (FAMA) também integra o projeto local.

Participam da equipe técnica do Atlas Lingüístico do Maranhão (ALiMA) seis professores – quatro de Letras/UFMA, um de Geografia/UFMA e um de Letras/FAMA – e onze estudantes, tendo a professora Mundicarmo Ferretti (Antropologia/UFMA) como assessora. Nove municípios maranhenses compõem a rede de pontos nacional do ALiB: Alto Parnaíba, Bacabal, Balsas, Barra do Corda, Brejo, Imperatriz, São João dos Patos, São Luís e Turiçu. A estes, se somam mais oito para a elaboração do ALiMA: Raposa, Pinheiro, Carutapera, Maracaçumé, Santa Luzia do Tide, Caxias, Carolina e Araióses.

10 Dados obtidos no site: <http://www.alib.ufba.br/atlasemandamento.asp>
e o site: <http://www.ufma.br/canais/alima/metodologia.htm>

Em algumas localidades já foram concluídas as entrevistas. Noutras, ainda precisam ser selecionados os informantes. De acordo com a professora Conceição Ramos, o Maranhão não pode ficar ausente deste empreendimento.

Definiu-se a rede de pontos levando-se em consideração a distribuição geográfica, a densidade populacional, o processo de povoamento e o desenvolvimento sócio-político-econômico de cada localidade. Os dados gravados serão transcritos (fonética e/ou grafematicamente) e analisados, para que se possa elaborar as cartas lingüísticas e fazer os comentários sobre os fatos lingüísticos observados.

- **O projeto ALiB ¹¹**

O projeto ALiB é um projeto que visa elaborar o Atlas Lingüístico do Brasil. O atlas é um mapeamento das variações da língua e do falar existentes em todas as regiões do país. Já foram publicados atlas lingüísticos estaduais na Bahia, em Minas Gerais, no Paraná, em Sergipe. Outros estão em andamento, como o da Paraíba e o do Rio Grande do Sul, além do Maranhão.

A idéia de elaboração deste atlas iniciou em 1952, com o Decreto 30.643, Art. 3º, que o indicava como prioridade da Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa. Em 1957, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha apresentaram no II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Lisboa, o projeto de um atlas lingüístico nacional, mostrando a necessidade desses se organizarem em atlas lingüísticos regionais, devido à imensidão territorial brasileira.

Os principais objetivos descritos no documento-base do projeto nacional são:

11 Dados obtidos no site: <http://www.alib.ufba.br/referencias.asp> (acessado em 03/10/06, 17:13)

- descrever a realidade lingüística do Brasil e apontar as diferenças regionais quanto às variáveis de sotaque, significação, morfossintaxe e altura, intensidade, tom, duração e ritmo da fala;
- oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (lingüistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil;
- oferecer aos interessados nos estudos lingüísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade lingüística;
- contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica.

O trabalho do ALiB é desenvolvido através de entrevistas com pessoas em 250 localidades do Brasil, formando uma “rede de pontos”. As localidades da rede foram definidas segundo critérios de extensão de cada região, aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área.

Em cada localidade estão sendo selecionados quatro “informantes” a serem entrevistados, divididos em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, abrangendo os dois sexos e respeitando alguns pré-requisitos: serem nascidos na localidade, filhos de pais também nascidos na região ou que tenham passado a maior parte da vida lá, possuidores de uma profissão definida, que não requeira

grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local e, por último, serem alfabetizados, tendo cursado no máximo a quarta série do ensino básico. Todas as capitais foram incluídas, exceto Brasília e Palmas, que ainda não possuem tempo suficiente para terem desenvolvido características lingüísticas próprias. Nas capitais, serão selecionados mais quatro informantes de nível universitário, obedecendo aos demais critérios descritos acima. As entrevistas seguem um modelo padrão de questionário, com mais de 400 perguntas, que podem durar até três horas para serem respondidas. Ao final da entrevista, é pedido que os informantes leiam o texto “Parábola de sete vimes”, que visa principalmente identificar a dificuldade na utilização de pronomes que caíram em desuso na fala comum dos brasileiros.

Capítulo IV – Análise comparativa dos tabus lingüísticos em atlas lingüísticos estaduais brasileiros

4.1. Preliminares

Nesta análise temos por objetivo geral a elaboração de um glossário de tabus lingüísticos a fim de fornecer material de pesquisa a lingüistas, tradutores, intérpretes e pesquisadores de áreas afins. O citado glossário será apresentado no segundo volume do trabalho sendo que os dados coletados foram armazenados em forma de fichas terminológicas.

A presente análise está estruturada da seguinte forma: o *corpus* coletado foi organizado em seis campos semânticos conforme sugerido no Questionário Semântico-Lexical (QSL), a saber, fenômenos atmosféricos, corpo humano, religião e crenças, doenças, ciclos da vida e convívio.

Dos exemplos selecionados como tabus lingüísticos, observamos uma grande quantidade referente aos fenômenos atmosféricos. Por se tratar de uma comunidade rural que vive da lavoura, esse assunto era visto “com reservas”. Conforme Aguilera (1994:70) “tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas – portanto tabuizado – sobretudo entre os informantes mais idosos e de menos escolaridade”. O entrevistador precisava reformular a pergunta várias vezes para obter alguma resposta. Essa hesitação em responder e a variedade de variantes apresentadas a fim de não se pronunciar a palavra esperada nos levou a caracterizar as lexias mencionadas anteriormente como tabus lingüísticos.

4.1.1. Campo semântico: Fenômenos atmosféricos

Tabela de tabus lingüísticos coincidentes nos diferentes atlas

tabus lingüísticos	APF B	ALS I	EALM G	ALP B	ALPR
chuva-de-pedra			X		X
arco-íris	X	X	X	X	X
eclipse				X	X
tempestade			X	X	X
estrela cadente			X	X	
relâmpago			X		X
trovão			X		X
trovoada		X	X		

Dos exemplos selecionados como tabus lingüísticos, observamos uma grande quantidade referente aos fenômenos atmosféricos. Por se tratar de uma comunidade rural que vive da lavoura, esse assunto era visto “com reservas”. Conforme Aguilera (1994:70) “tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas – portanto tabuizado – sobretudo entre os informantes mais idosos e de menos escolaridade”. O entrevistador precisava reformular a pergunta várias vezes para obter alguma resposta. Essa hesitação em responder e a diversidade de variantes apresentadas a fim de não se pronunciar a palavra esperada, levou-nos a caracterizar as lexias a seguir como tabus lingüísticos: “chuva-de-pedra”, “arco-íris”, “eclipse”, “tempestade”, “estrela cadente”, “trovoada” e “trovão”.

4.1.1.1. Chuva-de-pedra

Começaremos a análise pelo primeiro termo selecionado do campo semântico dos fenômenos atmosféricos, “chuva-de-pedra”. Tomaremos por base o Questionário semântico-lexical (QSL) que consta dos Questionários 2001 do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), do qual destacamos apenas a questão referente à lexia “chuva-de-pedra”. Deteremo-nos neste momento na seguinte pergunta do QSL:

“Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”

Essa pergunta esteve presente no Atlas lingüístico do Paraná (ALPR) e no Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG). Nossa análise será baseada na resposta proposta pelo QSL, que seria “chuva-de-pedra”.

O ALPR apresenta vinte e seis variantes lingüísticas para a lexia composta “chuva-de-pedra”, enquanto no EALMG verificamos a presença de nove ocorrências, ou seja, o ALPR possui mais variantes lingüísticas. Embora o EALMG tenha maior número de informantes (302), maior número de pontos lingüísticos (116) e maior número de questões (415), temos aqui o indício de que no ALPR há mais tabus lingüísticos do que no EALMG.

Análise Qualitativa

Para realizarmos uma análise qualitativa do *corpus*, baseamo-nos nos estudos de Guérios (1979:12), que postula que o vocábulo tabu pode ser substituído por eufemismos, disfemismos, diminutivos, expressões genéricas e outros termos. Abaixo apresentamos um quadro exibindo a tipologia no ALPR e EALMG.

Eufemismo	Disfemismo	Diminutivo hipocorístico	Expr.gen. ou restrição com sem
-chuva-de-flor (ALPR/EALMG) -chuva-de-rosa (ALPR/EALMG) -flor (ALPR) -ave-Maria (ALPR) -chuva-de-flore(s) (ALPR) -flores (ALPR) -rosa (ALPR) -chuva de neve (ALPR) chuva-de-feijão (ALPR) -chuva-de-arroz (ALPR) -manga de chuva de-pedra (ALPR) -chuva-de-pingo (EALMG) -chuva-de-sal (EALMG)	-tempo feio (ALPR) -pedra/ de pedra (ALPR) -granizo (ALPR) -chuva-de-granizo (ALPR) -chuva-de-granito (ALPR) -granito (ALPR) -chuva com granito (ALPR) -tormenta (ALPR) -rajada (ALPR) -tempestade (ALPR) -granizo (EALMG)	-rosinha (ALPR)	-neve (ALPR) -caieira (ALPR) -geada (EALMG)

Na lexia composta “chuva-de-pedra”, observamos a ocorrência de várias lexias diferenciadas, como: “chuva de flor”, “chuva-de-rosa”, “rosinha”, “flor”, “rosa”, “chuva de arroz”, “chuva de feijão”, “ave-Maria”, “fror”, “flores”, “manga de chuva”, “chuva de neve”. Embora diferentes no significado ou na forma, muitas delas tem

algo em comum: atenuar a forma original que acreditam que não deve ser pronunciada. Usam, assim, recursos variados.

Observamos, na utilização da lexia composta “tempo feio”, que o vocábulo tabu é substituído por um disfemismo. A tipologia de Guérios (1979:12) descreve disfemismo como uma expressão agravante, e que não deixa de ser um substituto para o falante não dizer a expressão tabuizada “chuva-de-pedra”.

Na variante “rosinha”, notamos que o vocábulo tabu apresenta-se no diminutivo como substituto para “chuva-de-pedra”. O uso do diminutivo também é um recurso lingüístico apresentado por Guérios (1979:12) em substituição ao termo tabu. Ao utilizarmos o diminutivo, damos um “tom” mais infantil, pueril, inofensivo à expressão.

Quando o sujeito entrevistado responde com as variantes descritas anteriormente, ele tenta, por meio da palavra, evitar aquela expressão, no caso, “chuva-de-pedra”, que ele sabe que só traz prejuízos para a lavoura, usando assim outra lexia que atraia tudo aquilo que a chuva-de-pedra lhe impede de ter: rosa, flor, arroz, feijão, manga. Isso pode ser observado por meio dos exemplos do atlas (p.70):

“47 (inf. B): Inicialmente: “*chuva-de-pedra*”. Para outro nome: “*tempestade, pedrera e tempo feio*”. Quando indagado se se podia falar *chuva-de-pedra*, comentou: ‘agora o certo mesmo num poide falá, né, quela [porque ela] ingrossa. Então a gente diz *chuva de arroz, chuva de feijão*, quarquê coisa, em nome de Deus. Daí ele já passa.”

“52 (inf. B): Na pergunta e repregunta ocorreu: ‘nóis falamo que caiu *pedra*, né’. Comentou-se que havia pessoas que diziam não ser bom falar que caiu pedra: ‘nóis, não, nóis falamo que caiu *pedra* (...) aquela outra já diz que caiu *chuva de granilho*, né.”

Dos exemplos acima mencionados, salientamos a resposta 47: “agora o certo num poide falá, né, quela [porque ela] ingrossa”. Vemos aqui o poder atribuído à lexia “chuva-de-pedra” de interferir na intensidade da chuva. Nos exemplos 52 e 62, temos: “não ser bom falar que caiu pedra”, mostra um certo medo, hesitação do que pode acontecer.

A seguir, procuramos o significado das variantes lingüísticas elencadas em dicionários a fim de podermos estabelecer relações de sentido.

As definições aqui utilizadas foram extraídas dos dicionários que constam da bibliografia. Toda vez que alguma definição do dicionário for utilizada, o nome do referido dicionário será mencionado.

O dicionário Ferreira (2004:461) traz “chuva-de-pedra” como sub-entrada da entrada “chuva”. Assim, chuva-de-pedra é definida da seguinte forma (Ferreira: 2004, 1000):

“[Do esp. *Granizo*. S.m.¹ Met. Tipo de precipitação atmosférica na qual as gotas de água se congelam ao atravessar uma camada de ar frio, caindo sob a forma de glóbulos ou pedaços de gelo, separadamente ou aglomerados em blocos irregulares; saraiva, chuva-de-pedra (...)].”

No Dicionário do Chevalier (1989: 235), a lexia simples “chuva” recebe vários significados. Destacaremos aqui aqueles que são pertinentes à nossa proposta de estudo. Para Chevalier (1989: 235-237):

“A chuva é universalmente considerada o símbolo das influências celestes recebidas pela terra. É um fato evidente o de que ela é o agente fecundador do solo, o qual obtém a sua fertilidade dela. Daí os inúmeros ritos agrários com vistas a chamar a chuva: exposição ao Sol, chamamento da tempestade através da forja, *montes de areia* cambojanos, danças e diversas. Mas essa fertilidade do espírito, a luz, as influências espirituais.” (...)

“A chuva é a graça, e também a sabedoria: *A sabedoria suprema, ensina o mestre Huei-neng, imanente à própria natureza de cada um, é comparável à chuva ...*”
(...)

“Na Índia, diz-se da mulher que fecunda que ela é **a chuva**, isto é, a fonte de toda prosperidade (BOUA).

A chuva, filha das nuvens pesadas e da tempestade, reúne os símbolos do fogo (relâmpago) e da água. Ela apresenta também a dupla significação de fertilização espiritual e material. (...)”

Consultando as respostas dadas pelos informantes, assim como as notas apresentadas pelo pesquisador, que teve de repetir a pergunta diante de uma certa resistência do informante em dizer “chuva-de-pedra”, constatou-se que essa lexia era um tabu para aquela comunidade entrevistada. Guérios (1979:79) não faz referência direta à lexia simples “chuva”, nem tampouco à lexia composta “chuva-de-pedra”. Porém, o autor reporta-se ao “trovão como divindade” no capítulo 16. Segundo o autor, entre os helenos e os escravos, o granizo era personificado como bruxa da tempestade. Portanto, evitava-se nomeá-lo diretamente, sob nominativo, como causador de devastação. Para ele, trata-se de prudência. No ALPR, os informantes optam por variantes como: “chuva-de-flor”, “chuva-de-rosa”, “rosa”, “chuva-de-arroz”, “chuva de feijão”, como forma de evitar a lexia composta “chuva-de-pedra”, talvez como forma de abrandar a chuva que devasta a plantação e afeta significativamente a vida dos agricultores da região pesquisada.

Em outros dois atlas lingüísticos, o APFB e o ALS I, não encontramos a lexia composta “chuva-de-pedra”, mesmo porque não deve fazer parte da realidade dessa comunidade pesquisada.

Podemos verificar que a maioria das ocorrências no ALPR formam três conjuntos, cujos núcleos são: “chuva”, “pedra” e “granito/granizo”, variando somente os itens lexicais. Os sujeitos utilizam-se de metonímia para designar “chuva-de-pedra”. De acordo com a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Bechara (1992:341), a “*metonímia é a translação de sentido pela proximidade de idéias*”. Pautando-nos nesse conceito, vemos que os sujeitos da pesquisa associam “chuva” e “pedra” ao

seu efeito oposto, ou seja, aos benefícios trazidos por ela para a agricultura como “chuva de arroz”, “chuva de feijão”, “chuva de rosa”, “chuva de flor”, “manga de chuva-de-pedra”. Também podemos associar esse mecanismo lingüístico com a antítese, ou seja, a chuva-de-pedra, ao invés de malefícios para a agricultura, traz feijão, arroz, flores, rosas, manga. Isso remete ao conceito sobre o poder mágico que a palavra assume ao fazer com que o falante opte pelo seu oposto como forma de atenuar o que pode ser causado por esse tabu lingüístico.

Buscamos, por meio da pesquisa em dicionários, estabelecer alguma relação entre “manga de chuva-de-pedra” e o tipo de chuva que essa lexia composta designa. Nos dicionários pesquisados, encontramos apenas a lexia composta “chuva de manga”.

Em alguns dicionários, como no de Nascentes (1986:68), a lexia composta em questão aparece apenas como sub-entrada de “chuva”:

“__ de manga (Ceará e Goiás). A que cai de setembro a novembro, boa para a maturação de mangas”.

Já nos dicionários de Ferreira (1999:466) e Houaiss (2001: 710), a lexia composta “chuva-de-manga” aparece como entrada:

“chuva-de-manga. s.f. Bras. GO. As primeiras chuvas da estação chuvosa, que caem em setembro e outubro. [Pl.: chuvas-de-manga.]

“ (...) chuva que cai no começo da estação chuvosa. gram. pl. *chuvas-de-manga*.”

No dicionário de sinônimos de Fernandes (2002: 592) apenas a descrição:

“rancho, bando, ajuntamento, magote, turma, troço: Manga de povo, de trabalhadores. Manga d’água: tromba d’água.” Nos dicionários pesquisados encontramos apenas a lexia composta “chuva de manga”.

Nos dicionários abaixo relacionados, a lexia composta aparece apenas como sub-entrada da entrada “chuva”:

Houaiss (2001: 710) “c. de pedra MET. m.q. GRANIZO.”

Nascentes (1986: 68) “ – de pedra. Queda de granizos.”

Ferreira (1999: 465): “s.f. chuva-de-pedra. V. granizo (1)”

Aulete (1964):

“(…) Tudo o que cai em grande quantidade, à maneira de 'gôtas' de chuva; abundância, ocorrência simultânea e sucessiva de muitas coisas: chuva-de-pedras, de balas (…)”

Ao pesquisarmos o termo no dicionário de sinônimos e antônimos de Fernandes (2002: 205), encontramos as várias acepções:

“chuva, sin. água (s), aguaceiro, borraceiro, chuv (ar) ada; chuva-de-pedra, granizo, saraiva (da); chuvisco, garoa; xixixi, arenga-de-mulher, morrinha, molhe-molhe; bruega, ondeirada, pancada; bátega. Embriaguez, bebedeira. Abundância. beberão, pau-d’-água.”

Segundo Roquete & Fonseca (1985:150), as definições de “chuva-de-pedra”, “granizo” e “saraiva” vêm a ser a mesma coisa:

“Meteoros aquosos formados por água que congela no ar e cai no solo. Parece que caem do céu pedras, pequenos grãos; daí os nomes.”

Variantes presentes apenas no ALPR:

O ALPR apresenta, sem dúvida, um número maior de variantes lingüísticas, sendo que muitas delas não ocorrem no EALMG. Citamos aqui: “ave-Maria”, “gelo”, “granito”, “rajada”.

A expressão “ave-Maria”, apesar de apresentar uma freqüência pequena, é bastante significativa, pois como vimos anteriormente, o tabu, na Antropologia, reporta-se à dicotomia: sagrado X profano. Assim, o fato de o falante buscar no poder divino, mais especificamente, no poder de Maria, a proteção contra a chuva que destrói a plantação, mostra que o falante acredita que aquilo que ele diz pode

repercutir de alguma forma sobre a realidade que ele vive. A seguir, verificaremos no dicionário se existe alguma alusão à expressão “ave-Maria” com “chuva-de-pedra”.

Segundo afirmam alguns lexicógrafos, uma lexia consagra-se à língua portuguesa quando está dicionarizada. Portanto, com o intuito de sabermos se a variante já consta da língua portuguesa e também de investigarmos mais sobre o seu significado, pesquisamos nos dicionários de língua, nos analógicos e de sinônimos. Buscamos também verificar se essa lexia composta aparecia com a acepção relativa à chuva. No entanto, apenas encontramos essa acepção em Cunha (1982: 86):

“ave-Maria. s.f. ‘oração em louvor da Virgem Maria, e que começa com estas palavras/ *avemaria* XIII. / do lat. ecles. Ave Maria, do lat ave (fórmula de saudação) e do Antrop. Maria.”

No ALPR, temos a ocorrência das lexias simples “gelo” e “granito” que não aparecem no EALMG. Optamos pelas definições de “gelo” que fossem relacionadas ao tempo, temperatura:

Bivar (1948: 1608): “ (...) Frio excessivo (...)”

Cunha (1982: 381): “ (...) ‘ext. frio excessivo’ (...)”

Ferreira (1999: 979) “ (...) 2. Frio excessivo: *Não vou sair: lá fora está um gelo.*”

Houaiss (2001: 1439): “ 4. fig. temperatura excessivamente baixa, frio intenso (...)”

Fernandes (2002: 485):

“sin. Geleira; caram (b) elo; neve. Frio. Frieza, frialdade, indiferença, insensibilidade, desamor (...)”

No dicionário analógico de Bivar (1948: 1651) encontramos a seguinte acepção para granito:

“ s.m. (...) Bras. de Minas. Sol ou calor intenso depois de muitos dias de chuva.”

Ferreira (1999: 1005) traz uma acepção semelhante:

“ granito ³. s.m. Bras. MG sol ou calor forte, após muitos dias chuvosos.”

A lexia simples “pedra” apenas aparece no ALPR. Pesquisamos nos dicionários a lexia simples “pedra” com o intuito de verificarmos se existia alguma relação de “pedra” com “chuva-de-pedra”.

No dicionário de Ferreira (1999: 1526), temos uma pequena alusão ao que buscamos:

“ (...) as pedras de gelo do granizo: *Ontem choveu pedra* (...)”

Houaiss (2001: 2165) traz uma definição mais detalhada, porém menciona “chuva-de-pedra” explicitamente:

“ 21. MET. pedregulhos de gelo, formado nas nuvens, devido à queda brusca de temperatura; granizo < *as pedras da chuva causaram grandes estragos*>”.

Apenas no dicionário de Fernandes (2002: 663) encontramos referência à lexia “chuva-de-pedra”, embora o autor não traga sua definição:

“ sin. (...) granizo, saraiva, pedrisco, pedraço: chuva-de-pedra (...)”

A variante lingüística “rajada”, apesar de apresentar uma frequência baixa, foi pesquisada quanto ao seu significado. Em alguns dicionários, como no de Cunha (1982: 661), no de Ferreira (1999: 1701) e no de Fernandes (2002: 716), encontramos a seguinte acepção relacionada apenas a “vento”, não havendo nenhuma referência à “chuva-de-pedra”:

“ s.f. ‘vento forte e de curta duração’ XVI. De etimologia incerta, talvez do cast. ou lat. *ratxada* (...)” (Cunha, 1982: 661)

Dos dicionários pesquisados, apenas o Houaiss (2001: 2379) traz uma acepção relacionada à chuva:

“ 1. aumento súbito e de curta duração de força e intensidade do vento. 2. p. ana. ímpeto violento < r. fortes de chuva> sin O var. ver sinonímia de pé-de-vento”

Análise quantitativa

Elaboramos duas tabelas distintas de frequência, uma para o EALMG e outra para o ALPR, que mostrassem as variantes lingüísticas, suas ocorrências e respectiva frequência, a fim de podermos estabelecer comparações entre os dois atlas lingüísticos mencionados. Abaixo, apresentamos as tabelas citadas:

Inicialmente, apresentamos uma tabela que contém a distribuição da ocorrência, bem como outras informações relativas a algumas variáveis e sua distribuição, e a análise delas. A seguir, a carta lexical que mostra a distribuição das ocorrências no ALPR e no EALMG.

Chuva de Pedra – ALPR – carta 24 e 25

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
Pedra/ de pedra	23	19,01%
Chuva-de-flor	16	13,22%
granito	12	9,92%
granizo	11	9,09%
Chuva-de-granito	7	5,79%
chuva-de-rosa	6	4,96%
Flor	5	4,13%
Chuva-de-granizo	5	4,13%
Neve	5	4,13%
Rosinha	4	3,31%
Caieira	3	2,48%
Tormenta	2	1,65%
Ave-maria	2	1,65%
Gelo	2	1,65%
Chuva-de-flore (s)	2	1,65%
Flores	2	1,65%
Manga de chuva de pedra	1	0,83%
Rosa	1	0,83%
Tempestade	1	0,83%
Tempo feio	1	0,83%
Chuva de arroz	1	0,83%
Chuva de feijão	1	0,83%
Pe (dra) de gelo	1	0,83%
Chuva de neve	1	0,83%
Chuva com granito	1	0,83%
Rajada	1	0,83%
Total de variantes	121	100%

Chuva de Pedra - EALMG

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
chuva-de-gelo	16	22,86%
saraiva	16	22,86%
chuva de granito	8	11,43%
chuva-de-flor	8	11,43%
granizo	8	11,43%
chuva-de-rosa	6	8,57%
chuva-de-pingo	6	8,57%
geada	1	1,43%
chuva-de-sal	1	1,43%
Total de variantes	70	100%

Análise lingüística das tabelas

Para a presente análise, foram consideradas todas as ocorrências obtidas no *corpus* da pesquisa em ambos os atlas lingüísticos pesquisados, excluímos apenas as de cunho regional que se manifestaram por modificações fonéticas.

Inicialmente, discorreremos brevemente sobre os dados do ALPR. Foram obtidas vinte e seis variantes. Podemos observar que a lexia “pedra” obteve o maior número de ocorrências no *corpus*, equivalendo a 19,01% do total. Em segundo lugar, com 13,22%, aparece o termo “chuva-de-flor”. Em terceiro lugar, com 9,92%, aparece o termo “granito”. O termo “granizo” aparece em quarto lugar, com 9,09% . Outros termos, como “chuva de granito”, figura em sexto lugar, com 5,79%. Em quinto lugar, aparece o termo “chuva-de-rosa”, com 4,96%. Em sétimo lugar, com 4,13%, os seguintes termos: “flor”, “chuva de granizo” e “neve”. Em oitavo lugar, com quatro ocorrências cada, o que representa 3,31% do total, temos “rosinha”. Apenas um termo, “caieira”, apresentou três ocorrências, representando 2,48%. Temos vários termos com duas ocorrências (1,65% de freqüência): “tormenta”, “ave-Maria”, “gelo”, “chuva-de-flore(s)”, “flores”. O restante, dez termos, com apenas uma ocorrência, o que significa 0,83%, foram: “manga de chuva-de-pedra”, “rosa”, “tempestade”, “tempo feio”, “chuva de arroz”, “chuva de feijão”, “pe(dra) de gelo”, “chuva de neve”, “chuva com granito”, e “rajada”.

Variantes presentes apenas no EALMG:

No EALMG, na carta 12, também encontramos várias denominações semelhantes às que ocorrem no ALPR, porém em quantidade menor. Constatamos nove ocorrências: “granizo”, “chuva-de-gelo”, “chuva-de-rosa”, “chuva-de-flor”, “chuva-de-granito”, “geada”, “saraiva”, “chuva-de-pingo” e “chuva-de-sal”.

Iniciaremos pela variante lingüística que obteve um número maior de ocorrências, ou seja, “saraiva”. Procuramos o significado em dicionários para verificar possíveis proximidades com “chuva-de-pedra”. A maior parte dos dicionários pesquisados faz alusão à lexia composta “chuva-de-pedra”:

Cunha (1982: 705): “ sf. ´chuva-de-pedra, granizo´(...)”

Houaiss (2001: 2519): “(...) 1. chuva-de-pedra; granizo. (...)”

Fernandes (2002: 769): “Sin. Granizo, pedrisco, chuva-de-pedra, saraivada (...)”

Apenas o dicionário de Ferreira (1999: 1818) não faz referência à “chuva-de-pedra”:

“ [De or. obscura] S. f. 1. V. granizo (1) 2. Saraivada.”

No EALMG, temos a ocorrência de “geada”, citada pelos entrevistados para se reportarem à “chuva-de-pedra”. Essa variante lingüística não ocorre no ALPR. Observamos que, devido aos prejuízos que a geada causa à lavoura, esse termo não é bem visto, e, portanto, evitado de certa forma.

Dos dicionários pesquisados, o Houaiss (2001: 1437) é o que traz o significado mais completo:

“ s.f. (...) 1. MET. orvalho congelado que, sob a forma de fina camada branca, recobre as superfícies onde cai. geada branca. MET. Depósito de gelo cristalino, formado de maneira análoga ao orvalho, mas sob temperaturas inferiores a 0° C; branquinha, dona-branca. (...)”

As variantes “chuva-de-pingo” e “chuva-de-sal” desempenham uma função importante que é iludir o falante/ ouvinte da língua com a idéia que a chuva que cai não é forte (pingo) e pode ajudar na lavoura (sal).

Variantes comuns ao ALPR e ao EALMG:

Verificamos que algumas variantes lingüísticas eram comuns ao ALPR e ao EALMG, a saber, “granizo”, “chuva de flor”, “chuva-de-rosa”. Iniciaremos nosso

estudo verificando a frequência desses termos em ambos os atlas mencionados, a fim de podermos detectar qual a variante mais utilizada entre eles.

TABELA COMPARATIVA ENTRE AS FAIXAS DE FREQUÊNCIA DO ALPR E DO EALMG

Chuva de Pedra

Variante lingüística	ALPR	EALMG	ALPR	EALMG
chuva-de-flor	17	8	19,54%	4,15%
granizo	3	8	3,45%	4,15%
chuva-de-rosa	4	6	4,60%	3,11%
Total de variantes	24	22	100%	100%

A primeira variante lingüística a ser analisada é a lexia simples “granizo”.

Pesquisamos no dicionário de Bivar (1948:1651) e encontramos a acepção:

“ s.m. chuva-de-pedra, saraiva 00 Fig,. Grande Quantidade de coisas miúdas.”

Já o dicionário de Ferreira (1999:1005) traz uma acepção mais extensa e completa, pois apresenta algumas variantes lingüísticas:

“ [Do esp. granizo] s.m. 1. Met.Tipo de precipitação atmosférica na qual as gotas de água se congelam ao atravessar uma camada de ar frio,caindo sob a forma de glóbulos ou pedaços de gelo, separadamente ou aglomerados em blocos irregulares; saraiva, chuva-de-pedra.”

Houaiss (2001: 1477) traz uma acepção semelhante à de Ferreira:

“(...) 1. MET. Precipitação atmosférica constituída de pedregulhos de gelo, formados nas nuvens, devido à queda brusca de temperatura; saraiva. (...) 3. Grão miúdo; granito, grânulo (...)”

Buscamos no dicionário de Fernandes (2002: 490) os possíveis sinônimos para granizo:

“ sin. Saraiva, saraivada, pedrisco, pedraça, chuva-de-pedra.”

O dicionário Houaiss (2001: 1477) apresenta três acepções de granito; porém, apenas a terceira acepção está relacionada à temperatura:

“ ³ granito. s.m. MG dia ensolarado ou de temperatura quente, após longo período de chuvas. Etim. orig. obsc. (...)”.

Pode-se dizer que o tabu lingüístico “chuva-de-pedra”, ao mesmo tempo em que denota um certo teor de “conservadorismo” do falante, proporciona também momentos de inovação lingüística, como observamos nas lexias compostas “chuva-de-flor” e “chuva-de-rosa” que não se encontram dicionarizadas e são, portanto, neologismos criados pelos falantes.

Em relação à lexia composta “chuva de flor”, observamos que no ALPR esse termo ocorreu em substituição à “chuva-de-pedra”. Aqui destacaremos essa preferência declarada por alguns informantes:

“01 (inf. A): (...) Perguntou-se qual o melhor nome para o fenômeno: “chuva-de-pedra, [por que] diz que 'num' é bom 'falá' chuva-de-pedra”.

“12 (inf. A): 'nói' (s) 'fala' rosinha”. Perguntou-se porque não falavam chuva-de-pedra: 'porque diz que não presta, né ... um fala granizo, né, 'otos' fala rosinha, 'nóis' fala rosinha”.

“30 (inf. A): (...) eles 'fala' que é 'frores' que tá caindo, 'mai' (s) de medo 'memo' (...), de medo de cair 'mai' .. diz que se a gente 'dizê' que tá caindo pedra cai mais”.

“11 (inf. B): “[baixa o tom de voz e vira-se contra o gravador] ah,deu uma chuva-de-pedra, 'mais' eu já não falo. Falo [que] deu uma chuva-de-flor. (...) A gente sabe, 'mais' às 'vez' não pode falá. Se a gente fala :: deu uma chuva-de-pedra aí a gente tá ... tá brigando com Deus, né, tá chamando mais. Então a flor... a flor é um troço 'cheroso', um troço da terra, né”.

Na resposta 11, nota-se o medo de lidar com o desconhecido, com o sagrado (Deus), ao passo que a flor pertence ao seu universo de mundo.

Pesquisamos a origem do medo na literatura de modo que é possível fazer algumas referências a Delumeau (1989) em sua obra sobre o medo no ocidente. O autor (1989:15) ressalta as razões ideológicas do longo silêncio sobre o papel e a importância do medo na história dos homens. Salienta (1989: 21) que o historiador

não precisa procurar muito para identificar a presença do medo nos comportamentos de grupos, pois é possível encontrá-lo dos povos ditos “primitivos” às sociedades contemporâneas nos setores mais diversos da existência cotidiana. Ressalta a existência do medo das forças da natureza e medo dos mortos, dentre outros e, acima de tudo, medo do desconhecido, de tudo que precede e segue a existência do homem.

Como vimos anteriormente, o dicionário é considerado fonte fidedigna para considerar se determinada palavra, termo ou expressão faz parte da língua portuguesa. Contudo, analisando o *corpus* selecionado, verifica-se a existência de outras variantes lingüísticas que, apesar de não estarem dicionarizadas, são formas que foram comprovadas pela pesquisadora.

Considerações preliminares

Com base nas tabelas apresentadas, constatamos que o ALPR apresenta vinte e seis variantes lingüísticas para a lexia composta “chuva-de-pedra”, enquanto no EALMG verificamos a presença de nove ocorrências, ou seja, o ALPR possui mais variantes lingüísticas que podem ser classificadas como tabus lingüísticos. Conforme Guérios (1979:12) , os vocábulos tabu podem ser substituídos por:

- diminutivo, como em “rosinha” (hipocorístico);

Também observamos a existência de eufemismos no ALPR, ou seja, “chuva-de-flor”, “tempo feio”, “rosa”, “chuva de neve”, “chuva-de-feijão”, “chuva-de-arroz”.

Neste pequeno estudo sobre os processos de variação lingüística no português existentes nos dois atlas pesquisados (EALMG e ALPR), alguns pontos podem ser ressaltados. Observamos que a primeira hipótese por nós levantada, a de que existe uma diversidade lingüística no Português do Brasil e que fatores

extralingüísticos podem influenciar nesta diversidade, pode ser por nós confirmada, pelo menos até este ponto da pesquisa. Também constatamos que os tabus lingüísticos ocorrem de forma distinta em diferentes regiões do Brasil, no caso, em Minas Gerais e no Paraná. Com isso, é possível afirmar que os tabus lingüísticos fazem parte destes fatores extralingüísticos e que proporcionam a variação lingüística em diferentes regiões brasileiras.

A segunda hipótese proposta confirmou que é possível que atlas lingüísticos diferentes revelem um maior ou menor número de variáveis lingüísticas devido à existência dos tabus lingüísticos. Assim, constatamos que o número de variantes lingüísticas aumenta na medida em que existe um maior número de tabus lingüísticos. Portanto, os tabus lingüísticos podem ser considerados como elementos que contribuem para a produtividade lingüística.

4.1.1.2. ARCO-ÍRIS

A pergunta do QSL é: “17. Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa?”

Esta pergunta ocorreu em cinco atlas lingüísticos: três do nordeste - Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), Atlas Lingüístico de Sergipe I (ALS I) e Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) -; um do sudeste - Minas Gerais (EALMG) - e outro no sul (ALPR). Faremos uma análise quantitativa e qualitativa das variantes lingüísticas encontradas.

Análise quantitativa

Apresentamos a seguir as tabelas com as respectivas ocorrências de cada atlas lingüístico pesquisado:

ARCO-ÍRIS – EALMG

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
arco-da-velha	55	78,57%
rabo-de-galo	5	7,14%
arco-da-aliança	3	4,29%
arco-do-sol	3	4,29%
olho-de-boi	1	1,43%
mãe-d'água	1	1,43%
rabo-de-pavão	1	1,43%
navio	1	1,43%
Total de variantes	70	100,00%

Arco-íris - carta 4

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
arco inselent (e)	1	50,00%
arco-celeste	1	50,00%
Total de variantes	2	100,00%

Arco-íris – ALPB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
arco celeste	24	57,14%
olho de boi	7	16,67%
as barras	4	9,52%
as torres	2	4,76%
sub-dourada	1	2,38%
os vieiras	1	2,38%
arco	1	2,38%
cu de boi	1	2,38%
os véus	1	2,38%
Total de Variantes	42	100,00%

Arco-íris – APFB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
arco-da-velha	13	59,09%
arco-de-velho	9	40,91%
Total de variantes	22	100,00%

ARCO-ÍRIS – ALPR - Carta 18

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
circo	3	16,67%
arco-de-velho	3	16,67%
arco-da-velha	2	11,11%
aliança	1	5,56%
chama-chuva	1	5,56%
sartera	1	5,56%
arco-celeste	1	5,56%
aquela coisa	1	5,56%
aliança de Jesus	1	5,56%
arca da aliança	1	5,56%
arco-da-nova-aliança	1	5,56%
aliança de Cristo com os homens	1	5,56%
arca-de-Noé	1	5,56%
Total de variantes	18	100,00%

Dos atlas da região do nordeste, o ALPB teve mais variantes lingüísticas do que o ALS I e o APFB, ambos com duas variantes lingüísticas diferentes. De todos os atlas lingüísticos pesquisados, o ALPR foi o que apresentou mais variantes lingüísticas (21), seguido do ALPB (9), do EALMG (8) e, por fim, figuram o ALS I e o APFB, com duas ocorrências cada. Embora o EALMG tenha um maior número de ocorrências do que o ALPR (56), o que mais nos interessa nesta pesquisa é a variedade de termos que aparecem e não a quantidade em si mesma. Até o presente momento, o ALPR destaca-se dos outros atlas em termos de variedade lingüística das variantes lingüísticas. A seguir, buscamos traçar uma comparação entre os termos nos cinco atlas distintos:

variante lingüística	ALPB	ALS I	APFB	EALMG	ALPR
arco-da-velha			X	X	X
arco-da-velha	X	X			X
arco celeste	X	X			X
arco-de-velho			X		X
olho de boi	X			X	
arco-da-aliança				X	X
arcu-da-aliança /aleança					

Nesse quadro comparativo, notamos, mais uma vez, que o ALPR destaca-se com maior número de termos coincidentes nos dois atlas. Talvez por uma questão de proximidade geográfica, os atlas EALMG e ALPR apresentam mais termos coincidentes. Contudo, o mesmo não ocorre com os atlas do nordeste (ALPB, ALS I e APFB).

Análise qualitativa

Neste segundo momento da análise de “arco-íris” e de suas variantes lingüísticas, mostramos a pesquisa feita em dicionários sobre o significado do termo e a classificação dos mesmos com base na tipologia de Guérios (1979).

Consultamos a lexia composta “arco-íris” no dicionário de superstições e crendices de Oliveira (1940:180), a fim de conhecermos o referente cultural para essa palavra:

“o arco-da-velha da imaginação popular fornece motivo para diversos abusões; assim é que, achando-se voltado sôbre alguma correnteza, esta a sugar-lhe as águas que, levadas às nuvens, transformam-se em chuvas; se se aproxima alguém nesse momento, corre o risco de ser arrebatado pelos ares onde é consumido. É êle que conduz os peixes dos rios para os regatos e lagoas, explicando-se, assim, a existência dêsses pequenos vertebrados nos lagos e lagunas isolados de outras correntes aquáticas.”

No entanto, no dicionário do folclore de Cascudo (1962:101), arco-íris é explicado com mais detalhes:

“arco, arco celeste, arco-da-chuva, Olho-de-boi, conhecido em Portugal e no sul do Brasil como arco-da-velha. (...) sobre o arco-íris, Luís da Câmara Cascudo (*Informação de História e Etnografia*): ‘O sertanejo não gosta do arco-íris porque furta água(...). O arco-íris víbora é a materialização mais espalhada do mundo. Na terra americana é sempre maléfico e odiado. Na Europa é figura de carinho e com respeitos sobrenaturais. Os gregos e romanos diziam-no sinal luminoso da passagem de Íris, voando do Olimpo à terra, com mensagem de Juno (...). Quem passa por debaixo do arco-íris muda de sexo e o recobrará, se o repassar em sentido contrário. (...). A serpente, personalizando um fenômeno meteorológico, é universal (...).O arco-íris serpente desapareceu nas tradições brasileiras mas sobrevive a impressão indecisa e vaga de uma grandeza maléfica. Arco-da-velha, comum em Portugal e Brasil (...). A idéia de velha, reunida a arco, provém da corcova ou corcunda que é própria tanto do arco como da velha ...(...)”

Já o dicionário Ferreira (1999:44) traz uma explicação mais ligada a uma visão bíblica e que explica a ocorrência da variante “aliança”, “aliança de Jesus”, “aliança de Cristo com os homens”:

“Na Bíblia, é o sinal da aliança e da benevolência divina. Aparecendo depois do dilúvio aponta um novo começo da vida sob a complacência de Deus (Gn 9, 12-17). Na tradição bíblica e rabínica é o traço permanente da extensão da misericórdia divina sobre o mundo. (...) os cristãos bizantinos e romanos retomaram a idéia bíblica e reproduziram em obras de arte a figura de Cristo, autor da nova aliança, coroado com um arco-íris.”

As variações registradas no Atlas Lingüístico do Paraná para “arco-íris” foram: “arco-da-velha”, “arco-da-aliança”, “arco-de-velho”, “sartera”, “arco-celeste”, “aliança-de-Jesus”, “arco-da-nova-aliança”, “arca-de-Noé”, “aliança”, “aliança de Cristo com os homens”. Dessas ocorrências, verificamos quais delas eram realmente registradas como variantes. Para tanto, utilizamos dicionário da língua portuguesa como fonte de pesquisa. Verificamos as seguintes lexias consideradas como variantes lingüísticas pelos dicionários pesquisados:

Lexia	Significados do dicionário Ferreira
Arco-da-velha	[De arco+da+velha (lei)] S.m. V. <i>arco-íris</i>
Arco-da-nova-aliança	[De arco+da+aliança (a aliança que, segundo a Gênese, Deus fez com os homens após o dilúvio)]
Arco-celeste	s.m. V. <i>arco-íris</i>

As lexias compostas: “arca da Aliança”, “arca de Noé” e “aliança”, apesar de estarem dicionarizadas, não apresentam o mesmo significado de “arco-íris”, conforme este foi descrito anteriormente. Assim, consideramos essas formas como neologismos, pois não estão dicionarizados.

Nas respostas do atlas, há referência às crendices de se passar por baixo do arco-íris que correspondem ao que encontramos nos dicionários supra citados:

“14 (inf. B): ‘(...) [se] um home passá dibaixo vira muié; agora, isso daí (vo) ce num pode dizê nada, né”. (p.58)

“23 (inf. B): Sobre o que o **arco-íris** faz no rio, comentou: ‘muitos fala que ele tá chupano a água, otos fala que é pa dismanchá tempestade, quele [= que eles] diz.”

“65 (inf. A): (...) ‘no meu tempo [o] pai dizia que aonde que era, a criança tomando água ... era pirigoso que :: ela chupava a gente né, ingulia, né, porque se (es) tivesse perto, né ... ela tem uma grande pressão assim que chupava, né (...), perto é pirigoso (...).”

Observamos que nas respostas existe uma incidência maior das variantes de “arco-íris” e não da *lexia* em si. Muitos citam as crendices, e talvez evitem a palavra por causa do medo que têm do fenômeno causar a suposta mudança de sexo ou de “chupar a água”. O desconhecimento da origem do fenômeno provoca esse temor. Algumas respostas evitaram repetir a *lexia* e usaram substitutos como “esse negócio aí” e “aquela coisa”:

“15 (inf. B): (...) ‘mais é criança, né, eles vai na escola e eles vêm quesse [com esse] *negócio aí*’. (...)”

“44 (inf. B): (...) ‘ali os antigo já dizia que s’importa, *aquela coisa* engole a pessoa, engole e sorta do otro lado (...)”.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo da tipologia das variantes lingüísticas, realizada com base em Guérios (1979):

Tabela da tipologia de arco-íris

eufemiso	Disfem.	Hipo.	Expr. gen.	metonímia	metáfora
-Arco-celeste (ALPR/ALPB) -aliança de Cristo com os homens (ALPR) -arca-da-nova-aliança (ALPR) -aliança de Jesus (ALPR) -arca da aliança (ALPR) -aliança (ALPR) -chama-chuva (ALPR) -mãe-d'água (ALPR)	-Aquele coisa (ALPR)	-arco-de / di-velho (ALPR/ APFB) -arco-da-velha (ALPR/APFB/ EALMG) -Cu de boi (ALPB)	-arco-inselent (e) (ALS I) -sub-dourada (ALPB) -os vieiras (ALPB) -navio (EALMG) -circo (ALPR) -sartera (ALPR)	-arco (ALPB) -as barras (ALPB) -as torres (ALPB)	-arco-do-sol (ALPR) -arca-de-Noé (ALPR) -rabo-de-galo (EALMG) -rabo-de-pavão (EALMG) -olho-de-boi (ALPB) -os véus (ALPB)

Com base no quadro acima, notamos que as tipologias podem ser resumidas da seguinte forma:

Eufemismo	Disfemismo	Hipocorístico	Expr. gen.	metonímia	metáfora
8	1	3	6	3	6

Os eufemismos sobressaem-se dentre toda a tipologia com oito ocorrências, seguida das expressões genéricas e das metáforas (6), das metonímias (3) e dos hipocorísticos (3). Por último, temos os disfemismos (1). De forma geral, os termos são classificados de forma a atenuar o sentido da palavra tabu.

O temor da humanidade pelo arco-íris é confirmado por Delumeau (1989:78), ao ressaltar que, sendo um fenômeno celeste incomum, causava temor na sociedade. Exemplifica com o anúncio que Lutero tem da morte do príncipe-eleitor de Saxe, em maio de 1525, ao avistar um arco-íris no último inverno.

4.1.1.3. **ECLIPSE**

A pergunta do QSL é a seguinte: “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos.”

A presente pergunta apareceu em dois atlas lingüísticos: o Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB) e o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR).

Análise quantitativa

Apresentamos as duas tabelas referentes às variantes lingüísticas de eclipse:

ECLIPSE - ALPR - carta 152

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
circo	3	25,00%
criso/cris	3	25,00%
iscuridão / (e) scuridão	3	25,00%
tempo dos fogo	1	8,33%
deu um circo na lua	1	8,33%
dilúvio	1	8,33%
Total de variantes	12	100,00%

Eclipse – ALPB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
planeta	16	51,61%
sol eclipse	8	25,81%
lua eclipse	6	19,35%
briga da lua mais sol	1	3,23%
Total de Variantes	31	100,00%

Faremos uma análise comparativa entre os dois atlas em questão. Embora o ALPB tenha mais ocorrências do que o ALPR, este apresenta maior número de variantes lingüísticas para “eclipse”, ou seja, treze, enquanto no ALPB temos cinco variantes lingüísticas. Não existem termos coincidentes entre os dois atlas. Posteriormente, veremos a tipologia destes termos.

Análise qualitativa

O dicionário Ferreira (2004: 711) traz a seguinte acepção para eclipse:

“S.m. 1. *Astr.* Fenômeno em que um astro deixa de ser visível totalmente ou em parte, ou pela interposição de outro astro entre ele e o observador, ou porque, não tendo luz própria, deixa de ser iluminado ao colocar-se no cone de sombra de outro astro (...). **Eclipse da Lua.** *Astr.* Aquele em que a Lua penetra no cone de sombra da Terra, deixando de ser visível para todos os observadores terrestres que a têm acima do horizonte naquele intervalo de tempo; eclipse lunar (...). **Eclipse do sol.** *Astr.* Aquele em que o Sol deixa de ser total ou parcialmente visível, por haver a Lua ficado entre o Sol e os observadores terrestres situados em uma região interceptada pelo cone de sombra da Lua; eclipse solar (...)”.

Essa lexia é explicada por Cascudo (1962) em seu dicionário do folclore:

“Os eclipses, inexplicáveis para os sertanejos, importam sempre conseqüências calamitosas. Quando a *folhinha* marca um eclipse lunar, para que não morram os algodoads, os agricultores vão acordar os algodoeiros a gritos, pancadaria em latas, tiros de espingarda e clamores de búzios: *a lua Cris* só será funesta se surpreender adormecidos os capulhos (Leonardo da Mota, *Viroleiros do Norte*, 220, São Paulo, 1925). Criança morena de pais brancos nasceu durante o eclipse. Os gritos, tiros, alarmas, seriam para afastar do astro a sombra do monstro ameaçador. É uma tradição quase universal e já adotada no Brasil.”

Constatou-se a presença das seguintes variantes: “circo/ deu um circo na lua”, “criso”, “escuridão”. Das lexias mencionadas, apenas “criso” e “escuridão” aparecem dicionarizados. No dicionário Ferreira (1999:580), encontramos apenas a lexia “Cris” e que apresenta um significado condizente com o de eclipse:

“cris3. [De elipse, com aférese, rotacismo e síncope] Adj. 2g. 1. Ant. que está em eclipse (1) lua *Cris* 2. P. ext. que causa medo; medonho, terrível. S.m. 3. Ant. Eclipse [Sin. Brás., nesta acepç.: *criso*] [Pl.: crises.]”

Existe uma nota no ALPR (carta 152, p. 326) que cita a dificuldade de se obter a resposta desejada, talvez devido aos danos provocados pelo eclipse na

lavoura. O entrevistador relata que teve que reformular a questão várias vezes (17, 22, 22, 31, 52, 59). Os informantes mostram uma certa hesitação em responder como vemos em: “17 (inf. A): Inicialmente declarou não saber responder. (...)” (p. 326)

No final das respostas, o entrevistador comenta que alguns entrevistados declararam não lembrar ou não saber o nome. Observou-se nas respostas que, apesar de desconhecerem a palavra, muitos conhecem as simpatias para acabar com o eclipse. As respostas evidenciam que se trata de um fenômeno temido, e talvez falar nele “atraia” mais. Por esse motivo, o jeito é tentar espantá-lo de alguma forma.

Mostramos abaixo a tipologia das variantes lingüísticas de “eclipse” nos dois atlas lingüísticos analisados:

Disfemismo	Diminutivo Hipocorístico	Expr. gen. com ou sem restrição
-dilúvio (ALPR) -tempo dos fogos (ALPR) -criso (ALPR) -escuridão (ALPR)	-um bicho comendo a lua (ALPR) -briga da lua mais sol (ALPB) -deu um circo na lua (ALPR) -circo (ALPR)	-sol eclipse (ALPB) -lua eclipse (ALPB) -planeta (ALPB)

Por uma questão de melhor visualização, apresentamos um quadro-resumo da tipologia acima:

Disfemismo	Hipocorístico	Expr. gen.
04	03	03

É possível resumir dizendo que disfemismos predominam, seguidas das expressões genéricas e dos hipocorísticos.

Buscamos na literatura da história do medo indícios que talvez justifiquem o receio do eclipse para a sociedade. Delumeau (1989:79-80) ressalta que os eclipses inquietavam as populações e exemplifica com o fato de que o sol, a 12 de agosto de 1654, despertou um verdadeiro pânico europeu porque astrológicos haviam multiplicado anteriormente sombrias previsões. Comenta que na Baviera, na Suécia, na Polônia e na França, raras foram as pessoas lúcidas que mantiveram o sangue-frio, e que foram inúmeros aqueles que acreditaram na iminência do fim do mundo. O autor explica que o pavor provocado pelo eclipse de 1654 tem uma causa particular: peritos astrólogos haviam calculado que, tendo o dilúvio ocorrido em 1656 a.C., o fim do mundo aconteceria simetricamente 1656 anos após nascimento do Salvador; o eclipse marcaria então o começo do cataclismo final.

4.1.1.4. TEMPESTADE

Baseado na pergunta do QSL: “11. Temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para _____?”

Essa pergunta esteve presente em três atlas lingüísticos: Atlas lingüístico do Paraná (ALPR), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG) e Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB).

Análise qualitativa

O dicionário Ferreira (2004:1930) traz a seguinte definição:

“[Do lat. *Tempestade*] S.f. agitação violenta da atmosfera, às vezes acompanhada de chuva, vento, granizo ou trovões; procela, temporal. 2. Grande estrondo (...)”

No dicionário de folclore de Oliveira (1940:217) encontramos a seguinte referência quanto à lexia tempestade e às simpatias para evitá-la:

“aplaça-se: 1- queimando-se restos de lenha carborizada que serviu para a fogueira de São João; 2- incinerar, no momento da convulsão dos elementos, palmas bentas em Domingo de Ramos; 3- sobre vindo tempestade durante uma festa, servir primeiramente a comida aos cachorros que aí se acharem; 4- queimar sementes de algodão, ou então, trapos velhos; 5- não é conveniente ter fermentas de aço e até espelhos próximos a nós, por ocasião de violenta tempestade.”

Observamos que muitos informantes no ALPR evitam falar em tempestade, usam substitutos que acreditam que atenuem o fenômeno:

“22 (inf. B): ‘só fala (as) sim dá (a) queles ... fala **raio** essas coisa que ... quando é ... pelo trovão, né’. Reperguntando-se, ocorreu: ‘nói (a) qui fala **trovejano**, otos fala **trovejada**, otos ... bastante, já fala as coisa que num pricisa de fala, a gente fala tamém, né’. (p.78)

Tabela da tipologia de tempestade

euf.	Disfem.	Hipocorístico/ Antífrase	Expr. gen. com ou sem restrição
-chuva passageira (ALPB) -chuva boa (ALPB) -chuva de repente (ALPB) -pé d'água (ALPB)	-chuva-de-pedra (ALPB) -dilúvio (ALPB) -tromba d'água (ALPB) -chuva forte (ALPB) -tempo brabo (ALPR) -chuva grossa (ALPB) -chuva pesada (ALPB) -chuva de vento (ALPB) -chuva braba (ALPB) -chuva grande (ALPB) -chuvada (ALPB) -bastante trovão (ALPR) -temporal (EALMG/ALPR /ALPB) -terremoto (ALPR) -rebento (ALPR)	-aguaceiro (ALPB)	-raio (ALPR) -corisco/ curisco (ALPR) -relâmpago (ALPR) -nuvem mariante (ALPB)

Apresentamos agora um quadro-resumo da tipologia:

Eufemismo	Disfemismo	Hipocorístico	Expr. gen.
04	15	01	04

O quadro-resumo acima mostra a predominância de disfemismos, seguidos das expressões genéricas e, em menor escala, os eufemismos e os hipocorísticos.

Em relação a isso, podemos remeter a Delumeau (1989:47), ao relatar que os elementos desencadeados – tempestade ou dilúvio – evocavam para os homens de outrora o retorno ao caos primitivo. Exemplifica com o relato de que as populações costeiras na Bretanha comparavam o mar em fúria a um cavalo que salta para fora de seu campo ou a uma égua enfurecida. Finaliza com o comentário de que a tempestade não era um fenômeno natural. Adiante, o autor (p. 49) descreve que, nos romances medievais, volta como um *topos* o episódio da tempestade que se forma por causa da presença de um grande pecador – ou de uma mulher grávida, e portanto impura – a bordo do navio assaltado pelas ondas, como se o mal atraísse o mal.

Análise quantitativa

Trabalharemos com três atlas lingüísticos que apresentam o termo “tempestade”, o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG) e o Atlas Lingüístico do Paraíba (ALPB).

Tempestade - EALMG

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
tempestadi	142	85,54%
temporal	24	14,46%
Total de variantes	166	100,00%

Tempestade - ALPR - CARTA 28

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
trovão/ truvão	23	43,40%
raio	9	16,98%
trovuada/ truvuada/ trovoadas	9	16,98%
corisco/ curisco	4	7,55%
relâmpago	2	3,77%
rebento	2	3,77%
tempo brabo	1	1,89%
terremoto	1	1,89%
temporal	1	1,89%
bastante trovão	1	1,89%
Total de variantes	53	100,00%

Tempestade - ALPB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
chuva grossa	9	18,37%
chuva de pedra	6	12,24%
dilúvio	6	12,24%
chuva pesada	4	8,16%
chuva de vento	4	8,16%
chuva passageira	3	6,12%
tromba d' água	3	6,12%
pé d' água	3	6,12%
chuva forte	2	4,08%
chuva braba	2	4,08%
chuva boa	1	2,04%
chuva grande	1	2,04%
chuva de repente	1	2,04%
aguaceiro	1	2,04%
temporal	1	2,04%
nuvem mariante	1	2,04%
chuvada	1	2,04%
Total de Variantes	49	100,00%

Em relação às tabelas acima, observamos que o ALPB apresenta maior número de variantes lingüísticas para “tempestade”, com dezessete variantes e quarenta e nove ocorrências. Embora o EALMG apresente maior número de ocorrências (166) do que o ALPB, possui apenas duas variantes lingüísticas (nesta pesquisa, como já foi mencionado, consideramos produtividade lingüística o maior número de variantes lingüísticas diferentes presentes nos atlas). Já o ALPR apresenta maior número de variantes lingüísticas (10) do que o EALMG, com cinquenta e três ocorrências. Nesta análise quantitativa, o ALPB mostrou-se mais produtivo por apresentar maior número de variantes lingüísticas do que os outros atlas citados.

4.1.1.5. Estrela cadente

A pergunta do QSL que motivou este item foi: “De noite, muitas vezes no céu pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”

Esta pergunta ocorreu em dois atlas lingüísticos distintos, o Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG) e o Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB).

Análise quantitativa

Estrela cadente - EALMG - carta 22

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
mãe-do-ouro	25	30,12%
cometa	15	18,07%
planeta	13	15,66%
zelação	13	15,66%
estrela-de-rabo	6	7,23%
satélite	6	7,23%
diamante	3	3,61%
papa-ceia	2	2,41%
Total de variantes	83	100,00%

Estrela cadente – ALPB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
estrela dalva	13	22,03%
planeta	13	22,03%
zelação	12	20,34%
papa-ceia	7	11,86%
estrela se mudando	4	6,78%
rabisca	2	3,39%
elevação	2	3,39%
sete estrelas	1	1,69%
viração	1	1,69%
mercúrio	1	1,69%
barca	1	1,69%
Deus te abrande	1	1,69%
estrela mariana	1	1,69%
Total de Variantes	59	100,00%

No EALMG, temos oito variantes lingüísticas para “estrela cadente”, totalizando oitenta e três ocorrências. Já no ALPB, temos treze variantes lingüísticas e cinquenta e nove ocorrências. Comparando os termos coincidentes nos dois atlas, notamos a existência de apenas dois termos: “planeta” e “zelação”. Percebe-se, com isso, que, em termos quantitativos, que o ALPB é o atlas com mais variantes lingüísticas e, portanto, mais produtivo, em termos de diversidade lingüística.

Análise qualitativa

Nesta parte, apresentamos um quadro em que aparecem as variantes lingüísticas e sua respectiva tipologia:

Eufemismo	Hipocorístico Antífrase	Expr. gen. com ou sem restrição
-diamante (EALMG)	-estrela-de-rabo (EALMG)	-cometa (EALMG)
-mãe-do-ouro (EALMG)	-elevação (ALPB)	-satélite (EALMG)
-Deus te abrande (ALPB)	-estrela se mudando (ALPB)	-planeta (EALMG/ALPB)
-estrela dalva (ALPB)	-papa-ceia (ALPB/EALMG)	-mercúrio (ALPB)
-zelação (ALPB/EALMG)	-rabisca (ALPB)	
	-sete estrelas (ALPB)	
	-viração (ALPB)	

Com base no quadro acima, observamos a predominância dos hipocorísticos (07) seguidas dos eufemismos (05) e das expressões genéricas (04).

Segundo Delumeau (1989:80-81), a crença no poder das estrelas aumentou na cultura vigente depois do século XIII. Segundo o autor, o medo das estrelas tornava-as seres mais fortes que a esperança cristã – isso especialmente nos meios cultos da Itália da Renascença. A astrologia aproveitou-se da crise da Igreja para invadir as consciências, assediando o saber.

4.1.1.6. RELÂMPAGO

Vamos nos basear na seguinte pergunta do QSL: “... um clarão que surge no céu em dias de chuva?”.

Essa pergunta esteve presente em dois atlas lingüísticos: o Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais (EALMG) e o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR).

Análise quantitativa

Nesta parte, mostramos as tabelas correspondentes às variantes lingüísticas dos dois atlas analisados, o EALMG e o ALPR, suas ocorrências e respectivas frequências.

RELÂMPAGO - carta 18 – EALMG

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
corisco	22	52,38%
raio	11	26,19%
faisca	9	21,43%
Total de variantes	42	100,00%

Relâmpago - carta 30 - ALPR

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
relampo	12	38,71%
curisco	9	29,03%
relampear	1	3,23%
vuesca	1	3,23%
lampezo	1	3,23%
fuzil	1	3,23%
corisco	1	3,23%
raio	1	3,23%
arrebento	1	3,23%
lampo de trovoada	1	3,23%
lampo	1	3,23%
trovoada do fuzilo	1	3,23%
Total de variantes	31	100,00%

O ALPR apresentou um maior número variantes lingüísticas (26) do que o EALMG, no qual temos apenas três variantes. Comparativamente, os dois atlas não têm muitos termos em comum. Apenas dois: “corisco” e “raio” estão presentes em ambos.

Análise qualitativa

Com base na tipologia de Guérios, faremos um quadro mostrando a classificação das variantes lingüísticas encontradas nos dois atlas em questão.

Eufemismo	Estrangeirismo	disfemismo	Expr. gen. com ou sem restrição
-faísca (EALMG)	<ul style="list-style-type: none"> – vuesa (ALPR) – lampezo (ALPR) 	<ul style="list-style-type: none"> -relampo (ALPR) -fuzil (ALPR) -fuzila(ALPR) -trovoada do fuzilo(ALPR) -lampo (ALPR) -lampo de trovoada (ALPR) -relampear (ALPR) -raio (ALPR) 	<ul style="list-style-type: none"> -corisco (ALPR) -arrebento (ALPR)

4.1.1.7. TROVÃO

Atentamos aqui para a seguinte pergunta do QSL: “... o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”.

Essa pergunta foi realizada em dois atlas lingüísticos: o Esboço para um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG) e o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR).

Análise quantitativa

Exibimos aqui as tabelas dos dois atlas lingüísticos em questão e que trazem as variantes lingüísticas, suas ocorrências e frequências.

Trovão - carta 27 – ALPR

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
raio	6	17,65%
ronco	4	11,76%
arrebento	4	11,76%
rebento	4	11,76%
relampo	4	11,76%
trovejo	3	8,82%
trovejada	3	8,82%
tempestade	2	5,88%
tá brabo	1	2,94%
trovoada	1	2,94%
arrevento	1	2,94%
fuzil	1	2,94%
Total de variantes	34	100,00%

Trovão - carta 16 – EALMG

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
trovão	78	63,41%
trovoada	45	36,59%
Total de variantes	123	100,00%

No ALPR, temos doze variantes lingüísticas, com trinta ocorrências, ao passo que no EALMG temos apenas duas variantes lingüísticas para “trovão”. Notamos a existência de apenas um termo coincidente entre os dois atlas lingüísticos: “trovoada”. O que nos interessa nesta pesquisa é a quantidade de variantes lingüísticas e não o número de ocorrências. Por esse motivo, pode-se dizer que o ALPR mostrou mais produtividade lingüística do que o EALMG.

Análise qualitativa

Por meio de um quadro, mostraremos a tipologia dos tabus lingüísticos para “trovão”:

disfemismo	metáfora	expr. gen. com ou sem restrição
-tá brabo (ALPR)	-ronco (ALPR)	-tempestade(ALPR)
-trovejo (ALPR)		-arrebento (ALPR)
-trovejada(ALPR)		
-trovoada (ALPR/ EALMG)		
-fuzil (ALPR)		
-raio (ALPR)		
-relampo (ALPR)		
-rebento (ALPR)		
-arrevento (ALPR)		

Com base no quadro acima, observamos que temos um maior número de disfemismos (9), seguidos das expressões genéricas (2) e das metáforas (1).

4.1.1.8. TROVOADA

O fenômeno atmosférico “trovoada” apareceu em dois atlas lingüísticos, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e o Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB). Faremos uma análise quantitativa e qualitativa das variantes lingüísticas encontradas.

Análise quantitativa

Exibimos aqui as tabelas correspondentes às ocorrências e às freqüências dos dois atlas pesquisados:

Trovoada – ALPB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
chuva forte	3	25,00%
chuvinha	2	16,67%
cai algum corisco	1	8,33%
chuva um pouco grossa	1	8,33%
corisco	1	8,33%
cambueiro	1	8,33%
chuvas de aguaceiros fortes	1	8,33%
trovão	1	8,33%
tempo de trovoada	1	8,33%
Total de variantes	12	100,00%

Trovoada - APFB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
trovuada	14	45,16%
truvuada	9	29,03%
trivada	5	16,13%
trevuada	3	9,68%
Total de variantes	31	100,00%

Análise qualitativa

Por meio de um quadro, mostraremos a tipologia dos tabus lingüísticos correspondentes aos atlas lingüísticos analisados:

eufemismo	Disfemismo	Diminutivo Hipocorístico	Expr. gen. com ou sem restrição
-cai algum corisco (ALPB) -chuva um pouco grossa (ALPB)	-chuva forte (ALPB) -chuva de aguaceiros fortes (ALPB) -trovão (ALPB) -tempo de trovoada (ALPB) -cambueiro (ALPB)	-chuvinha (ALPB)	-corisco (ALPB)

Temos um maior número de disfemismos (5), seguidos dos eufemismos (2), por fim, temos um exemplo de diminutivo e de expressão genérica. Embora os

eufemismos estejam em menor número, ressaltamos o seguinte: em “cai algum corisco” e “chuva um pouco grossa”, os termos “algum” e “um pouco” servem para atenuar o efeito da trovoada, enquanto nos disfemismos, “forte” acentua o efeito dela. Quando o entrevistado diz “chuvinha” para “trovoada”, ele realmente não faz uma identificação exata do efeito real do termo.

Conclusões preliminares

Nosso propósito é verificar a tipologia dos tabus lingüísticos. Para tanto, apresentamos um quadro dos diferentes termos pesquisados e as tipologias:

Fen. Atm.	Euf.	Disf.	Dim.	Hipo.	Estran.	Expr.gen	Metáfora	Meton.	TT
chuva-de-pedra	13	10	1	/	/	3	/	/	27
arco-íris	9	1	/	03	/	5	6	3	27
Eclipse	/	4	/	3	/	3	/	/	10
tempestade	5	15	/	2	/	4	/	/	24
Estrela cadente	5	/	/	7	/	4	/	/	16
relâmpago	1	8	/	/	2	2	/	/	13
Trovão	/	9	/	/	/	2	1	/	12
Trovoada	02	05	01	/	/	01	/	/	09
TT=	33	53	2	14	2	25	7	3	130

O campo semântico dos fenômenos atmosféricos foi analisado em oito perguntas diferentes do QSL. Ao ser aplicada a tipologia dos tabus lingüísticos, obtivemos nove tipos diferentes de classificação deles.

Observando o quadro acima, percebemos que, em termos de número de variantes lingüísticas classificadas como tabus para os fenômenos atmosféricos, temos o seguinte: em primeiro lugar, temos “arco-íris” e “chuva-de-pedra”, com vinte e sete ocorrências; em segundo lugar temos “tempestade” com vinte e quatro ocorrências; em terceiro lugar, temos “estrela cadente” com dezesseis ocorrências; em quarto lugar, “relâmpago”, com treze ocorrências; em quinto lugar, “trovão”, com doze ocorrências; em sexto lugar, “eclipse”, com dez ocorrências; em sétimo lugar, “eclipse”, com dez ocorrências.

Pesquisamos a origem do medo na literatura de modo que é possível fazer algumas referências a Delumeau (1989) em sua obra sobre o medo no ocidente. O autor (1989:15) ressalta as razões ideológicas do longo silêncio sobre o papel e a importância do medo na história dos homens. Salienta (1989: 21) que o historiador não precisa procurar muito para identificar a presença do medo nos comportamentos de grupos, pois é possível encontrá-lo dos povos ditos “primitivos” às sociedades contemporâneas nos setores mais diversos da existência cotidiana. Ressalta a existência do medo das forças da natureza e medo dos mortos, dentre outros e, acima de tudo, medo do desconhecido, de tudo que precede e segue a existência do homem.

Delumeau (1989:43) afirma que a literatura de ficção e as crônicas apresentam uma visão estereotipada da tempestade no mar. Descreve-a da seguinte forma: “ela se levanta de modo brutal e cai de repente. Vem acompanhada de trevas (...). Os ventos sopram em todos os sentidos. Desencadeiam-se raios e

trovões.” Cita Rabelais no *Quart Livre* (cap. XVIII): “O céu começou a trovejar do alto, fulminar, brilhar, chover, granizar; o ar a perder sua transparência, tornar-se opaco, tenebroso e escurecido, sem que outra luz nos parecesse que não a dos raios, clarões e refrações das flamantes nuvens.” Nos *Lusíadas*, Camões faz Vasco da Gama dizer:

“[...] contarte longamente as perigosas cousas do mar, que os homens não entendem, súbitas trovoadas tenebrosas, relâmpados que o ar em fogo acendem: negros chuueiros, noites tenebrosas, bramidos de trovões que o mundo fendem, não menos te trabalho, que grande erro. Ainda que tivesse a voz de ferro.”

Delumeau ainda (1989:45) afirma que em *A tempestade*, de Shakespeare, Gonzalo, no coração do perigo, declara preferir ao oceano a terra mais ingrata: “a essa hora, daria bem mil jeiras de mar por um acre de terra estéril: uma grande charneca, pinheiros queimados, qualquer coisa [...]”. Adiante, o autor (p.47) comenta que os elementos desencadeados – tempestade ou dilúvio – evocavam para os homens de outrora o retorno ao caos primitivo. Deus, no segundo dia da criação, separara “as águas que estão sobre o firmamento” (Gênesis, 1:7). Se, com a permissão divina, está claro, elas transbordam novamente os limites que lhes haviam sido designados, o caos se reconstitui. A propósito da tempestade enfrentada por Pantagruell e seus companheiros, Rabelais escreve: “Crede que aquilo nos parecia ser fogo, ar, mar, terra, todos os elementos em refratária confusão.” (cap. XVIII) ”

Delumeau (1989: 48) ressalta que as populações costeiras, na Bretanha, por exemplo, comparavam o mar em fúria a um cavalo sem cavaleiro, ou a um cavalo que salta para fora de seu campo ou, ainda, a uma égua enfurecida. A tempestade não era, portanto, considerada – e vivida – como um fenômeno natural. Na origem de sua demência, suspeitava-se facilmente de feiticeiras e demônios (...).”

Ainda em *A tempestade*, Ariel, espírito do ar, conta a Próspero como, segundo as instruções deste, ele “organizou o furacão:

(...) Fiz flamejar o terror. Por vezes eu me dividia e queimava em toda parte: no mastro, na gávea, nas vergas, no gurupé, acendia chamas distintas que se reencontravam para juntar-se. Os raios de Júpiter, precursores do terrível trovão, não são mais instantâneos, nem mais fugidios ao olhar.

Delumeau (1989:50) relata que em meio à tempestade contada por Ariel na peça de Shakespeare, o filho do rei, Ferdinando, tomado de pavor, lança-se à água gritando: “O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui.”

Ligado a esse tema, em nossa pesquisa fomos surpreendidos por um grande número de variantes lingüísticas referentes a fenômenos atmosféricos, ou seja, detectamos oito tipos diferentes relacionados à natureza: chuva-de-pedra, arco-íris, eclipse, tempestade, estrela cadente, relâmpago, trovão e trovoada. Delumeau (1989:70) reafirma a presença do medo em relação às forças da natureza (tempestade, etc) à nossa volta:

Um medo por toda parte e sempre presente porque a natureza não obedece a leis, porque tudo nela é animado, suscetível de volições inesperadas e sobretudo de inquietantes manipulações por parte daquelas e daqueles que têm pacto com os seres misteriosos que dominam o espaço sublunar e são portanto capazes de provocar loucura, doenças e tempestades.

4.1.2. Campo semântico: ciclos da vida

Neste capítulo, trabalharemos com o campo semântico “ciclos da vida”. Baseando-nos no Questionário Semântico-Lexical (QSL), abordaremos dois termos que pertencem ao campo em questão: “menstruação” e “entrar na menopausa”. No item “menstruação”, faremos um estudo comparativo entre três atlas lingüísticos: Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I) e Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), bem como as variantes lingüísticas presentes nas cartas dos atlas selecionados.

O segundo termo a ser estudado é “entrar na menopausa”, que ocorreu em dois atlas do nordeste: Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I) e Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB). No final da análise dos dois termos pesquisados, faremos uma análise comparativa entre eles a fim de verificarmos qual foi a tipologia do tabu lingüístico que predominou nessa análise e qual termo teve maior incidência de variantes lingüísticas classificadas como tabus lingüísticos.

4.1.2.1. Menstruação

0. Preliminares

O *corpus* é constituído das ocorrências das respostas dadas pelos entrevistados nos seguintes atlas lingüísticos: Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas Lingüístico de Sergipe I (ALS I), Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), e que demonstrem esses tabus. Tomaremos por base o Questionário Semântico-Lexical (QSL) que consta dos Questionários 2001 do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). No presente trabalho, iremos analisar a seguinte pergunta do QSL:

“As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”

Centraremos nossa análise na resposta sugerida pelo QSL, ou seja, “menstruação”.

O presente trabalho será norteado pela seguinte hipótese inicial:

- Quanto à variabilidade / diversidade lingüística, podemos, baseando-nos nos tabus lingüísticos, fazer induções de natureza histórica a respeito do caráter “conservador” ou “inovador” de um dialeto. Se os tabus lingüísticos contribuem para esta mudança lingüística, então podemos afirmar que os tabus lingüísticos são fenômenos lingüísticos de inovação ou de conservação?

Primeiramente, esta pesquisa reporta-se à Antropologia, pois, nessa área do conhecimento, a questão do tabu aparece de forma contundente. Douglas (1966:148) classificou cuidadosamente os contextos nos quais a sujeira corporal é considerada poderosa. Segundo a autora, ela pode ser usada ritualmente para o bem nas mãos daqueles investidos com poder de benção. O sangue, na religião hebraica, era visto como fonte da vida, e não deveria ser tocado, exceto em condições sagradas de sacrifício. Para Douglas (1966:149), a experiência social e cultural é a chave que explica a irregularidade com que diferentes aspectos do corpo são tratados nos rituais do mundo. Em alguns, a poluição menstrual é temida como um perigo letal; em outros, isso não ocorre. Freud (1950) também compartilha da mesma visão de Douglas, referente aos tabus, quando ele faz a distinção entre tabus permanentes e tabus temporários. O primeiro refere-se aos ligados aos padres e chefes, assim como às pessoas mortas e qualquer coisa pertencente a elas. Os tabus temporários, por outro lado, podem ser ligados a certos particulares, tais como a menstruação e o parto, aos guerreiros antes e depois de uma expedição, ou a atividades especiais, tais como a pesca e a caça.

Dentre os estudos realizados sobre tabus lingüísticos, que são poucos, apoiaremos nossas análises em Guérios (1979). Em suas pesquisas sobre o referido

tema, o autor apresenta uma definição e uma classificação para o termo. É interessante observar em seu estudo sobre este tema que há uma carência de exemplos de tabus lingüísticos presentes na língua portuguesa. O autor cita exemplos de diversos lugares da Polinésia e outros, porém são muito escassos os exemplos referentes ao Brasil.

Consultando as respostas dadas pelos informantes, assim como as notas apresentadas pelo pesquisador, que teve que repetir a pergunta diante de uma certa resistência do informante em dizer “menstruação”, constatou-se que essa lexia era um tabu para aquela comunidade entrevistada. Guérios (1979: 77) não faz referência direta à lexia simples “menstruação”, nem tampouco às suas variantes lingüísticas. Porém, quando o autor reporta-se aos “tabus em nomes de membros do corpo” (124), no capítulo 19, ele discute a questão do sangue e seu significado para os diferentes povos:

“O sangue, em todos os povos, sempre representou papel importante – foi considerado a sede da vida, da alma, ou confundido com a própria vida, atribuindo-se-lhe força mágica ou sobrenatural, e, por conseqüência, sujeito a tabuagem – sangue da vítima sacrificada, sangue de vítima de homicídio, sangue de animal consagrado ou não.”

Análise qualitativa das variantes lingüísticas encontradas

Ressaltamos, aqui, que o dicionário é considerado fonte fidedigna para considerar se determinada palavra, termo ou expressão faz parte da língua portuguesa. Contudo, analisando o *corpus* selecionado, verificamos a existência de outras variantes lingüísticas que, apesar de não estarem dicionarizadas, são formas que foram comprovadas pela pesquisadora. A análise mais detalhada dessas outras variantes lingüísticas será realizada posteriormente. Consultamos dicionários da língua portuguesa a fim de verificar quais variantes lingüísticas já estavam

dicionarizadas. Constatamos em Ferreira (1999) que já existem variações dicionarizadas para menstruação: “regra”, “boi”, “chico”, “incômodo”, “lua”, dentre outras que serão mencionadas posteriormente.

Uma prova de que o tabu lingüístico “menstruação”, ao mesmo tempo em que denota um certo teor de “conservadorismo” do falante, proporciona também momentos de inovação lingüística, pôde ser observada nas variantes lingüísticas que não estão dicionarizadas e que apareceram nos atlas lingüísticos analisados:

APFB: “flor vermelha”, “matou o pinto”, “pote quebrado”, “quebrou o pote”;

ALS I: “estar movida”, “estar ofendida”, “estar de férias”, “meus tempo”, “estar sem poder”;

ALPB: “tá de bode”, “tá de vaca”, “tá choca”.

De acordo com Guérios, existem meios de substituição dos vocábulos tabus, pois, segundo ele:

“Se é vedado pronunciar uma palavra, se esta é tabu, então qual é o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a idéia expressa por ela, uma vez que se faz mister exprimi-la?” (Guérios, 1979, p.11).

O autor ressalta que o recurso empregado são os meios indiretos e os meios diretos dissimulados, i.e., substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido. Para realizarmos uma análise qualitativa do *corpus*, baseamo-nos nos estudos de Guérios (1979: 12) e elaboramos a seguinte tipologia:

eufem.	ironia	metáfora	disfem.	dim.	Expr. gen.
-estar de férias (ALS I)	-estar de boi (ALS I)	-pote quebrado (APFB)	-estar doente (ALSI)	-chico (APFB/ALPB)	-os tempos (ALPB)
-estar ofendida (ALS I)	-matou o pinto (APFB)	-quebrou o pote (APFB)	-doente (ALPB)		-meus tempos (ALS I)
-flor vermelha (APFB)	-boiada (APFB)	-paquete (TB)	-estar assistida (ALSI)		-menstruada (ALPB)
	-boi (APFB)		-tem que berrar todo mês (ALS I)		-estar de regra
	-tá de boi (ALPB)		-estar movida (ALSI)		-regra (ALS I)
	-tá de vaca (ALPB)		-incomodada (ALPB)		-regular (ALS I)
	-tá choca (ALPB)		-estar incomodada (ALSI)		-as regras (ALPB)
			-estar sem poder (ALS I)		-regula (APFB/ALS I)
			-lua (APFB)		-estar menstruada (ALSI)
			-tá de bode (ALPB)		-ter as regras (TIETA)

Consultamos o dicionário a fim de verificar a existência de sinônimos da lexia simples “menstruação” já dicionarizados. Dessa forma, confirmamos as variantes constantes em Ferreira (1999:1317) e que coincidem com as variantes dos atlas estudados, ou seja, “regras, boi, chico, lua, pacote, incômodo”.

“[De *menstruar* + - cão] S. f. Fisiol. Gim. 1. Perda fisiológica de sangue de origem uterina, de caráter cíclico, e que, habitualmente a cada período de cerca de quatro semanas (...).”

[Sin.: *catamênio, menorreia, menarquia, mênstruo, regras e (pop.) boi, chico¹, conjunção, costume¹, embaraço, escorrência, incômodo, lua, mês, pacote, período, pingadeira, purgação do mês, sangue, veículo, visita, volta-da-lua*] 2. Período menstrual (q.v.)”

Análise quantitativa

Realizamos a coleta do *corpus* seguindo algumas etapas: leitura criteriosa das cartas lingüísticas e organização de tabelas que demonstrassem a ocorrência tanto do tabu lingüístico quanto das variantes relacionadas à mesma lexia que correspondia ao tabu. Em seguida, elaboramos tabelas que mostrassem, por meio de um levantamento estatístico, os tabus que tivessem o maior número de variantes lingüísticas. Com vistas a um tratamento interpretativo, observou-se a etimologia e a origem de algumas palavras em dicionários da língua portuguesa. Inicialmente,

apresentamos uma tabela que contém a distribuição da ocorrência, bem como outras informações relativas a algumas variáveis e sua distribuição, e a análise dela. A seguir, apresentamos as tabelas que mostram a distribuição das ocorrências nos atlas em questão.

Menstruação - ALS I

Variante lingüística	Ocorrência	Freqüência
estar doente	5	16,67%
estar assistida	4	13,33%
estar menstruada/ estou menstruada	4	13,33%
estar de boi	3	10,00%
estar incomodada	2	6,67%
estar de regra	2	6,67%
estar movida	2	6,67%
tem que berrar todo o mês	1	3,33%
estar ofendida	1	3,33%
estar de férias	1	3,33%
regula	1	3,33%
meus tempo	1	3,33%
incomodada	1	3,33%
regra	1	3,33%
estar sem poder	1	3,33%
Total de variantes	30	100,00%

Menstruação - APFB

Variante lingüística	Ocorrência	Freqüência
boi	37	74,00%
lua	6	12,00%
boiada	1	2,00%
flor vermelha	1	2,00%
matou o pinto (1a menstruação)	1	2,00%
pote quebrado	1	2,00%
quebrou o pote	1	2,00%
regula	1	2,00%
chico	1	2,00%
Total de variantes	50	100,00%

Menstruação - ALPB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
boi	14	23,33%
doente	10	16,67%
tá de boi	9	15,00%
os tempos	6	10,00%
chico	5	8,33%
tá de bode	5	8,33%
as regras	4	6,67%
menstruada	3	5,00%
incomodada	2	3,33%
tá de vaca	1	1,67%
tá choca	1	1,67%
Total de Variantes	60	100,00%

A lexia de maior frequência é a mesma em dois dos três atlas pesquisados, ou seja, “boi”, para o ALPB com 23,33% , e o APFB com 74%. Já no ALS I encontramos a expressão “estar de boi” com 10% de frequência. Como pudemos observar, a alusão ao “boi” aparece nos três atlas pesquisados. A figura do boi está presente no folclore baiano e Vianna (1981: 33) disserta sobre os folguedos folclóricos, como o bumba-meu-boi, e sobre o folclore infantil, como o acalanto, que, segundo a autora (1981: 51), estão em franco desaparecimento nas zonas urbanas, quiçá até nas rurais. Ao falar da linguagem popular baiana, Vianna (1981:12) ressalta que, para doenças, o baiano comum tem o seu ementário, sendo que se refere a “dor-de-madre”, “dor-do-mês” ou “dor-de-boi” para cólica menstrual.

4.1.2.2. ENTRAR NA MENOPAUSA

A pergunta 122 do QSL é:

“Numa certa idade acaba a/ o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece se diz que a mulher _____?”

A expressão “entrar na menopausa” ocorreu em dois atlas do Nordeste, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e o Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I). O primeiro atlas apresentou três variantes lingüísticas para o termo em questão.

Análise quantitativa

Apresentamos duas tabelas em que aparecem as variantes lingüísticas e as ocorrências para o termo em questão:

Menopausa- APFB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
amarrar o facão	41	95,35%
cair o facão	1	2,33%
quebrar o facão	1	2,33%
Total de variantes	43	100%

Menopausa - ALS I - carta 92

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
amarrar o facão	17	85,00%
tirar o facão	1	5,00%
vai amarrar	1	5,00%
se amarrou	1	5,00%
Total de variantes	20	100%

Nas tabelas acima, observamos que no APFB temos a seguinte disposição: “amarrar o facão” (41), “cair o facão” (1) e “quebrar o facão” (1), totalizando 43 ocorrências. Já o ALSI mostra quatro variantes lingüísticas, sendo que a de maior ocorrência, “amarrar o facão” (17), é igual a de maior ocorrência no APFB. Seguindo, temos: “tirar o facão”, “vai amarrar” e “se amarrou”, todas com uma ocorrência apenas.

Análise qualitativa

Comparando os dois atlas, APFB e ALSI, observamos semelhanças, como a presença da palavra “facão” em diferentes formações: “amarrar o facão”, “cair o facão”, “quebrar o facão” e “tirar o facão”.

Consultamos no dicionário a definição do termo a fim de nos auxiliar nas classificações. Conforme Ferreira (2004: 1311):

“[De men (o)-+- pausa- s.f. Fisiol.Gin. Cessação da menstruação; menostasia
[cf. *Climatério*]”

Buscamos classificar essas expressões conforme a proposta de Guérios, contudo, percebemos que elas não se enquadraram exatamente na tipologia apresentada. Os termos elencados foram, em sua totalidade, classificados como metáforas.

A expressão “amarrar o facão” está dicionarizada em Ferreira (1999: 870) sob a entrada “facão”:

“[De faca¹ + ão¹] s.m. 1.v. faca¹ (1) (...) * **Amarrar o facão**. Brás. Pop. BA. Chegar ao climatério (...)”.

Consideramos as expressões elencadas metáforas, pois existe uma comparação implícita com “facão” e “amarrar”, simbolizando o fim da atividade sexual da mulher. No documento escrito por Rossi (1965), autor do APFB, a expressão “amarrou o facão” foi classificada como metáfora, nos pontos questionados em São José das Itapororocas e Tanquinho. Nas notas referentes à carta 96 do ALS I, não há explicação referente à origem das expressões registradas no atlas. O contexto dos informantes também não auxilia muito em relação à origem, nem dá explicações quanto à utilização das expressões elencadas no ALS I:

“29 (inf. B): Disse antes: ‘vai amarrar’.”
 “53 (inf. A): ‘se amarrou’”.

As notas do ALS I apenas nos informam que, “em virtude do interesse predominante e prioritariamente lexical da informação contida nesta carta, não se leva em conta a diversidade de formas flexionais anotadas.” Concluimos que entre os dois atlas, APFB e ALS I, existem muitas semelhanças nas ocorrências encontradas que podem se dar devido a dados extra lingüísticos, tais como, a história política dos Estados da Bahia e do Sergipe, a sua formação populacional, a semelhança de colonização, a vizinhança geográfica e, numa perspectiva sincrônica, a atividade de pequena lavoura predominante na área rural. Tais fatos podem explicar as coincidências já ressaltadas por Antenor Nascentes (1958) ao considerar como um único falar, o “falar baiano”, a realidade lingüística dos dois Estados, evidenciada pelas cartas dos atlas lingüísticos da Bahia (APFB) e do Sergipe (ALS I). De acordo com Carlota (1987)¹², existe um grande número de isoglossas, confirmando a classificação do mestre filólogo. Ela afirma, contudo, que há isoglossas de menor amplitude, que demonstram a existência de diversidade dentro

da área, e que detectamos como as diferenças entre os dois atlas lingüísticos pesquisados.

Considerações finais

Apresentamos uma análise comparativa entre os dois termos pesquisados: “menstruação” e “entrar na menopausa”. O primeiro termo apresentou maior número de variantes lingüísticas, além do fato de que pudemos classificar um maior número de tabus lingüísticos. Estes foram classificados como: eufemismos, hipocorísticos, disfemismos, diminutivos, modificados foneticamente e expressões genéricas com ou sem restrição. As variantes lingüísticas para “entrar na menopausa”, por outro lado, foram apenas classificadas como metáforas.

Tivemos por objetivo descrever os aspectos semântico-lexicais no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação dos tabus lingüísticos manifestados no Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), no Atlas Lingüístico de Sergipe I (ALS I) e no Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB). Oferecemos, assim, aos interessados, uma amostragem de estudo possível sobre as variantes lingüísticas do Brasil e uma reflexão sobre elas, ampliando o universo de estudo existente. Buscamos também contribuir para o entendimento dos mecanismos de controle social existente na língua portuguesa que se impõem ao falante por meio dos tabus.

Podemos observar que, no que se refere ao termo “menstruação”, a lexia “boi” teve o maior número de ocorrências no *corpus*, equivalente a 69,81% de todas as ocorrências. Observamos que algumas palavras elencadas por alguns dicionários como sinônimos de menstruação apareceram também nesse *corpus*. Constatamos, ainda, que as formas: “regras”, “boi”, “chico”, “incômodo”, “lua” e “paquete” estão dicionarizadas. Relatamos a existência de neologismos, isto é, criações apresentadas pelo informante pesquisado, ou seja, “flor vermelha”, “matou o pinto”,

“pote quebrado”, “quebrou o pote”, “estar movida”, “estar ofendida”, “estar de férias”, “meus tempo”, “estar sem poder”, “tá de bode”, “tá de vaca” e “tá choca”.

No início deste trabalho, levantamos a seguinte hipótese: se os tabus lingüísticos contribuem para a mudança lingüística, então podemos afirmar que os tabus lingüísticos são fenômenos lingüísticos de inovação ou de conservação. Verificamos, no caso dos atlas lingüísticos analisados, que o tabu lingüístico apresenta indícios tanto de inovação quanto de conservação lingüística, pois existem variantes lingüísticas que se utilizam dos meios de substituição do tabu lingüístico apresentados por Guérios, como no caso dos hipocorísticos, dos disfemismos, do diminutivo, da substituição por um sinônimo simples ou locucional. Finalizando, citamos o caso em que o vocábulo tabu é substituído por uma expressão genérica com ou sem restrição. Em relação aos elementos de conservação lingüística, confirmamos a hipótese de que, no caso do tabu lingüístico “menstruação”, os informantes optam pelo uso das variantes.

Buscamos, por meio deste trabalho, contribuir para os estudos dos aspectos semântico-lexicais dos atlas lingüísticos e esperamos que estudos posteriores venham a ampliar o campo de estudos geolingüísticos e dialetológicos. Ressaltamos que, embora existam peculiaridades na constituição dos diferentes atlas lingüísticos publicados no Brasil, é possível que façamos estudos acerca de semelhanças e diferenças presentes neles.

Em nossa hipótese sobre a variabilidade lingüística e o caráter de inovação ou de conservação de um tabu lingüístico, entendemos que, para se referir à “menstruação”, os informantes mostraram-se mais conservadores, utilizando-se de mais variantes lingüísticas do que para se referir a “entrar na menopausa”.

Na primeira hipótese, referente à diversidade lingüística e à ocorrência de tabus lingüísticos de forma diferenciada em diferentes regiões do Brasil, observamos

que, no campo semântico “ciclos da vida”, o termo menstruação apresentou mais variantes lingüísticas em diferentes atlas lingüísticos na região Nordeste do Brasil (BA, SE, PB). Comportamento similar aplica-se ao termo “entrar para a menopausa”, que aparece na mesma região do Brasil (BA e SE). Desta forma, não pudemos comprovar a primeira hipótese totalmente, pois os termos estudados não ocorreram em atlas lingüísticos de outras regiões brasileiras. Na segunda hipótese, salientamos que os atlas apresentam um maior número de variantes lingüísticas para “menstruação”, como observamos no quadro abaixo:

MENSTRUUAÇÃO

atlas lingüístico	nº ocorrência	nº variante lingüística
ALS I	32	15
APFB	50	09
ALPB	60	11

MENOPAUSA

atlas lingüístico	nº ocorrência	nº variante lingüística
ALS I	20	04
APFB	43	03

A seguir, apresentamos um quadro-resumo da tipologia dos tabus lingüísticos e, com isso, pretendemos verificar qual foi a que predominou nesta análise:

ciclos da vida	eufem.	disfem.	dim.	ironia	Expr. gen.	metáfora	TT
menstruação	03	11	01	07	10	03	35
entrar na menopausa	/	/	/	/	/	06	06
Total	03	11	01	07	10	09	41

Com base no quadro-resumo acima apresentado, observamos que os disfemismos (11) e as expressões genéricas (10) aparecem em maior quantidade, seguidas das antífrases/ironias (04), e, por último, dos eufemismos (03) e diminutivos (01).

Assim, observamos que os disfemismos apareceram em maior quantidade, seguidos das expressões genéricas, das ironias, dos diminutivos e dos hipocorísticos. Concluindo, podemos afirmar, com base nos dados levantados, que os disfemismos predominam no campo semântico “ciclos da vida”, lembrando que o emprego do disfemismo tem por função agravar o termo tabuizado.

4.1.3. Campo semântico: convívio e comportamento social

A presente pesquisa iniciou-se, primeiramente, com o estudo das variantes lingüísticas referentes à pergunta 142 do QSL, do campo semântico “convívio e comportamento social”, encontradas nos seguintes atlas lingüísticos: Atlas Lingüístico dos Falares Baianos (APFB) e Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I):

“... a mulher que se vende para qualquer homem?”

A resposta sugerida pelo QSL é “prostituta”.

Análise quantitativa

Primeiramente, apresentamos as tabelas que mostram as variantes lingüísticas, suas ocorrências e respectiva frequência.

Prostituta - ALS I - Carta 112

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
Solteira	9	30,00%
Quenga	5	16,67%
mulher solteira	4	13,33%
Mulher dama	3	10,00%
Dama	3	10,00%
meretriz	3	10,00%
Mulher (es) da rua	2	6,67%
A-toa	1	3,33%
Total de variantes	30	100%

Prostituta - APFB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
rapariga	21	30,00%
barredeira	10	14,29%
meretriz	9	12,86%
vasora	9	12,86%
quenga	7	10,00%
mulher dama	4	5,71%
dama	3	4,29%
mulher soltera / solteira	2	2,86%
fora do lugar	1	1,43%
quando é muito devassa	1	1,43%
Total de variantes	70	100%

O APFB apresentou dez variantes lingüísticas para prostituta: “rapariga” com vinte e uma ocorrências e 30% de freqüência, “barredeira” com dez e 14,29%, “meretriz” e “vasora” com nove ocorrências e 12,86%, “quenga” com sete e 10%, “mulher dama” com quatro e 5,71%, “dama” com três e 4,29%, “mulher solteira” com duas e 2,86%, “fora do lugar” e “quando é muito devassa” com uma ocorrência e 1,43%. O ALS I, por sua vez, possui nove variantes. Mostraremos, por meio de um quadro comparativo entre os dois atlas, termos que coincidiram entre eles e a respectiva ocorrência:

	APFB	ALS I
Quenga	07	05
Mulher soltera/ solteira	02	04
Dama	03	03
Mulher dama	04	03
Meretriz	09	03
Total	25	27

Na análise comparativa, os termos em comum nos dois atlas são cinco: “quenga”, “mulher solteira/soltera”, “dama”, “mulher dama” e “meretriz”. Dos termos não coincidentes, observamos nos atlas o seguinte:

No APFB: “rapariga”, “barredeira”, “vasora”, “fora do lugar”, “quando é muito devassa”;

No ALS I: “à-toa”, “mulher”, “mulher (es) da rua”.

Com base na tipologia de Guérios (1979), temos a seguinte classificação das variantes elencadas :

Antífrase	Disfemismo	hipocorístico	Expressão genérica com ou sem restrição	Elipse
-Dama (APFB/ALS I) -mulher dama (APFB/ALS I)	-fora do lugar (APFB) -quando é muito devassa (APFB) -mulheres da rua (ALS I) -meretriz (ALS I/ APFB) -rapariga (APFB)	-vasora (APFB) -vasora (APFB)	-mulher (ALS I) -mulher solteira (APFB/ALS I) -barreadeira (APFB) -solteira (ALS I)	- à toa (ALS I)

Exibimos um quadro-resumo da tipologia do termo “prostituta”:

<i>tipologia</i>	disfem.	hipo.	antífrase ironia	Expr. gen.	elipse	TT
prostituta	05	02	02	04	01	14

No *corpus* conjunto, constante das duas obras literárias analisadas e dos atlas lingüísticos, observamos que, nas classificações, temos um número maior de disfemismos (05): “fora do lugar”, “quando é muito devassa”, “mulheres da rua”, “meretriz”, “rapariga”. Em seguida, temos os hipocorísticos: “quenga”, “vasora”.

Depois, temos expressões genéricas com ou sem restrição: “mulher” (ALSI), “mulher solteira” (APFB/ALS I), “barredeira” (APFB). E, com dois exemplos, a antífrase ou eufemismo: “mulher-dama”, “dama”.

Nos dois atlas lingüísticos analisados, APFB e ALSI, também classificamos um maior número de variantes como expressões genéricas com ou sem restrição: “mulher solteira”, “solteira”, “mulher”. Em número igual de ocorrências, temos os eufemismos, disfemismos e hipocorísticos. Nos atlas encontramos a elipse “à-toa” que, corresponde à expressão “mulher-à-toa”.

Consultamos os dicionários de língua geral a fim de verificarmos se os termos já estavam dicionarizados e, em caso afirmativo, se o sentido era o mesmo nos dois casos. Os termos não dicionarizados por Ferreira são quatro: “barredeira”, “fora do lugar”, “quando é muito devassa”, “mulher solteira”, sendo, portanto, neologismos.

Os termos dicionarizados por Ferreira são cinco: “dama”, “mulher-dama”, “rapariga”, “mulher da rua” e “meretriz”. Todos os termos remetem à “meretriz”, que, conforme o Ferreira (1999:1320), seria: “[Do lat. *Meretrice*] s.f. Mulher que pratica o ato sexual por dinheiro (...)”.

Em número maior estão os termos dicionarizados, o que indica que a língua já consagrou essas variantes como parte dela.

De todas as variantes lingüísticas, notamos a predominância do núcleo “mulher” que formará os sintagmas: “mulher dama”, “mulher solteira”, “mulher da rua”. Consultamos a definição dos termos nos dicionários de língua geral a fim de verificar as semelhanças entre as variantes encontradas referentes à “prostituta”.

4.1.4. Campo semântico: Doenças

0. Preliminares

Primeiramente, buscamos na literatura disponível autores que discutissem o tema da doença. Deparamo-nos com a história da doença. Esta introdução será baseada, principalmente, nos estudos realizados por François Laplantine, em sua obra *Antropologia da doença* (1991), e em Dilene Raimundo Nascimento *et alli*, no que diz respeito à história brasileira das doenças. Conforme Laplantine (1991:27), os escritores que melhor descreveram e analisaram o tema da doença foram: Kafka, Proust, Katherine Mansfield, Virgínia Woolf e Celine Thomas Mann. Tais autores, por sua capacidade de criação artística, tendem a uma exigência de verdade que confere à literatura um valor científico inegável.

Na literatura, Laplantine (1991:54) ressalta que, em algumas obras, a doença é vista como “coisa”. O autor afirma estar impressionado pelo fato de um grande número de escritores utilizarem o termo “coisa” para designar a doença. Rilke reporta-se à doença como a “grande coisa” (1941:86), enquanto Tolstoi (1979:48) descreve-a como “coisa horrível que havia tomado corpo no organismo” de Ivan Illitch.

Por meio de Laplantine (1991:125), pudemos compreender que o tema da doença e da dor em *La recherche du temps perdu* (1927) é um dos maiores dos quinze volumes da obra-prima de Marcel Proust.

Em uma nota de rodapé, mais precisamente a nota 7, Laplantine (1991:136) afirma que a literatura romanesca fornece-nos numerosos exemplos em que o escritor, o narrador e o herói apreendem com facilidade a doença. Assim, temos, por exemplo, o ceticismo calmo e resignado de Tchekhov (particularmente em *Ivanov* e

Uma história banal), a atitude de Stevenson diante da tuberculose que suprime “a paixão de viver”, o personagem de Michael Furey em *The Dead* (1978), de Joyce ou, ainda, os romances de Virgínia Woolf.

Em suas pesquisas sobre a antropologia da doença, Laplantine (1991:149) conclui que a vitória pela doença que caracterizava o romance de Proust, de Thomas Mann, de Hermann Hesse, é substituída, a partir de então, pela vitória sobre a doença. O autor (1991:102), ao tratar do modelo da doença maléfica, observa que: “A doença é nociva, perniciosa, indesejável. Ela é completamente *privadora*: é a anormalidade ou a anomalia que deve ser evitada – por ser uma rede muito densa de tabus nas sociedades tradicionais, pela profilaxia e a prevenção em nossas sociedades – e, quando ela se produz, deve ser combatida seja frontalmente por uma contra-agressão, como no caso da terapia antibiótica, seja lateralmente por uma correção quantitativa, como no caso das terapias de inspiração psicológica.” Ele questiona a procedência da extrema dificuldade de ser canceroso em nossa sociedade (como, com efeito, o ser humano poderia conseguir uma identificação satisfatória com aquilo que é percebido por todos como o próprio mal em seu princípio, e continuar a viver em sociedade?) e a repugnância que quase todos nós sentimos ao pronunciar a própria palavra “câncer”.

Laplantine (1991:242) considera que o fato de hoje assistirmos a uma desmistificação do progresso infinito da medicina, bem como da utopia de um indivíduo sem males e de uma sociedade perfeitamente sã, não invalida, na opinião do autor, o caráter eminentemente religioso do fenômeno considerado. A transgressão do tabu – ou seja, as críticas vindas, ao mesmo tempo, do interior da medicina (e que são julgadas como um ato de traição) e de seu exterior (que aparecem desta feita como uma suprema ignorância reforçada por uma imensa

ingratidão) – implicam, com efeito, a existência do sagrado, que alguns adoram e outros profanam.

Reportamo-nos, neste momento, ao livro de Nascimento (2004) sobre a história brasileira das doenças. A autora inicia sua discussão apontando para os significados distintos de morte a cada época. No caso das epidemias, por exemplo – cujas características são o grande número de vítimas, a impotência diante da morte e a exclusão dos doentes -, a explicação para a morte pode mudar: da inevitabilidade do castigo divino, numa época, passa-se à revolta, ao terror e à discriminação, em outra. Ângela Pôrto (2004:20), outra contribuidora deste livro, buscará na obra poética de Manuel Bandeira a fonte para construir sua história de doenças. Sem negar o valor das abordagens que se utilizam de fontes científicas sobre a tuberculose, a autora aponta uma lacuna existente nesses trabalhos: a ausência da experiência individual e intransferível de se estar tuberculoso. Assim, ela utiliza o conceito de “trajetória de vida” para compreender como o impacto da tuberculose sobre a vida de Bandeira desencadeou um movimento de destruição e reconstrução de si, de forma a lhe garantir, ainda que marcado pela doença, a sobrevivência e a lhe permitir afirmar-se no mundo que o circundava. A autora mostra que o projeto poético de Manuel Bandeira é a chave para a superação de sua condição de tísico.

Barbosa (2004:83) menciona a publicação (no final de julho de 1855, e por duas vezes no mês de setembro) de um artigo em *O comercial* que tenta exprimir o clima de expectativa e de temor quanto à possibilidade de uma epidemia no Ceará: “O cólera ... a esta palavra de temor e de morte não há quem se não sinta abalar-lhe o ânimo, quem se não sinta possuir de uma apreensão de dor e de recordação afetiva...”. Mais adiante, Barbosa (2004:84) reporta-se ao artigo publicado no mesmo jornal, porém em data diferente – 20/09/1855 – em que a simples pronúncia da

palavra referente à doença é capaz de gerar incômodo: “Ao som da palavra cólera quem se não sente comover profundamente! Quem pode ouvir tranqüilamente o horrível grito de morte! Todos estremecem perguntando interiormente a Deus, com os olhos no Céu: - Senhor qual será a minha sorte?”.

Pôrto (2004:103), no artigo *Tuberculose: a peregrinação em busca da cura e de uma nova sensibilidade*, ressalta que a tísica aparece como símbolo de tudo o que, requintado e delicado, não se enquadra no padrão social vigente. Salienta que a literatura romântica da primeira metade do século XIX representará os tísicos como indivíduos libertos de quaisquer preocupações materiais, unicamente envolvidos com a redefinição de sua individualidade ou de sua identidade num mundo em que tudo é estranho, e até mesmo adverso, à sua sensibilidade. Por outro lado, a experiência da doença será trabalhada com o objetivo de afirmação da vida criadora. Doença e arte, neste caso, aliam-se quase que misticamente em função da representação de um ideal que se expressaria socialmente pelo rompimento das convenções. A autora atesta que, mesmo depois de o período romântico haver cedido lugar a uma outra forma de sentimento do mundo – desta vez mais realista e consentânea com o que poderíamos chamar de mentalidade burguesa -, era comum identificar, em alguns jovens escritores, estágios de uma sensibilidade para com a doença, mais própria dos inícios do século XIX, a ponto de “ser escritor” e “morrer tuberculoso” se constituírem em aspirações intimamente associadas nos sonhos dos intelectuais de dezoito anos. A autora (2004:106) retrata a evolução da imagem da tuberculose, na virada do século XIX para o século XX que, embora ainda se encontrem, nos inícios do século XX, reminiscências de uma aura romântica desenvolvendo a figura do tuberculoso, a doença tende a ser tratada muito mais como fruto de condições sócio-econômicas precárias. A literatura realista-naturalista, quando tematiza a tuberculose, tirará partido da equação miséria

/ doença / decadência moral como uma forma de leitura da sociedade, buscando, sem necessariamente desculpar o doente pelo seu mal, chamar a atenção para a urgência de intervenções médico-institucionais que refreiem a disseminação da dupla miséria humana.

É ainda Pôrto (2004:107) quem afirma que doentes e sadios procuram sistematicamente a redefinição de suas identidades, valendo-se para tal de toda ordem de expedientes, como a estigmatização e a metaforização, pela qual se torna possível falar sobre a doença, resguardando-se ao mesmo tempo de uma intimidade indesejável ao nível da linguagem.

Neste mesmo contexto, Ricardo Augusto dos Santos, em *Representações sociais da peste e da gripe espanhola* (2004:128), salienta que:

apesar das diferenças de tempo e espaço, não há como negar as manifestações simbólicas coletivas invariáveis nas epidemias. Por exemplo, em várias ocorrências de peste, gripe ou cólera, a associação entre a doença e castigo divino está presente. De forma análoga, indivíduos de comportamento “suspeito” foram e são apontados como propagadores do mal, sejam pobres, judeus, irlandeses ou negros, mas, sempre existe um elemento sempre constante: o medo (...).

Santos (2004: 129) ressalta que está nos textos e na iconografia medieval a presença da justiça divina imposta aos mortais como a razão para as epidemias. O flagelo era explicado como um castigo dos deuses contra os pecados cometidos pelos homens. Nota-se um grande número de imagens representando criaturas divinas lançando flechas contra as pessoas.

No campo semântico denominado por nós como “doenças”, verificamos a incidência dos seguintes exemplos:

1. Tuberculose
2. Erisipela

4.1.4.1. Tuberculose

O *corpus* é constituído pelas respostas dadas nas entrevistas realizadas para dois atlas lingüísticos estaduais: Atlas lingüístico de Sergipe II (ALS II) e o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR). A pergunta do QSL que motivou a presente pesquisa é a seguinte: “Uma doença que a pessoa fica magra, amarela, tosse muito, às vezes escarra sangue?” A resposta sugerida para a pergunta citada é “Tuberculose”.

No ALSE II, há uma nota do autor referente ao tabu do termo citado "um número considerável de informantes disse não conhecer lexia específica para designar a pessoa acometida de tuberculose, o que se pode explicar pelo tabu que existe em pronunciar o nome da doença ou o portador dela. Registraram-se dez ocorrências de *tuberculoso* e uma de *tísico*".

Análise qualitativa

Com base na classificação de Guérios (1979:12), adaptamos, ou melhor, condensamos os processos de substituição do tabu lingüístico para os seguintes itens de substituição da palavra tabu conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 1. classificação dos tabus lingüísticos

Eufemismo	disfem.	Dim./ hipo.	metonímia	Expr. genérica
-bronquite (ALPR)	-Doença ruim (ALS II/)	-a fininha (ALS II)	-Duença de seca (ALPR)	-diabete (ALPR)
-mancha/ Mancha no pulmão (ALPR)	-Nó na tripa (ALPR)		-dos pulmão/ dos pulmão (ALPR)	-tiriça (ALPR)
-doença/duença da magra/ magra(ALPR)	-Aquela doença (ALPR)			-hepatite (ALPR)
-a fina (ALS II)	-Corpo seco (ALPR)			-Chaga (ALPR)
-(a)taca os pulmões (ALPR)	-tuberculoso (a) (ALS I/ ALPR)			-Hética (ALPR)
-tá duen (te) dos pormão (ALPR)				
-fraqueza nos pulmão (ALPR)				
-pulmão fraco (ALPR)				
-Duença dos pulmão (ALPR)				
-tá sofrendo do pulmão (ALPR)				
-tísico (ALPR)				

Além de apresentar um maior número de variantes lingüísticas, o ALPR apresenta um maior número de termos que podem ser classificados como tabus lingüísticos, como vimos na tabela acima. O ALPR apresenta os seguintes substitutos para a palavra tabu: eufemismos, disfemismos e expressões compostas formadas pelo termo “doença”. Enquanto que o ALS II apresenta apenas dois substitutos para a palavra tabu: o disfemismo “doença ruim” e a diminutiva “fininha”.

Recorremos ao dicionário Ferreira (1999:2013) a fim de verificar se as variantes lingüísticas encontradas nos dois atlas correspondem aos sinônimos do dicionário pesquisado. Reproduzimos aqui os sinônimos constantes no dicionário para “tuberculose”:

“[(...) A tuberculose pulmonar, ou simplesmente tuberculose, é conhecida, ainda, por *tísica pulmonar*, ou apenas *tísica* e pelas denominações populares e eufêmicas (*delicada, doença do peito, doença-ruim, fininha, fraqueza do peito, magra, magrinha, moléstia-magra, mal-de-secar, mal-dos-peitos, queixa do peito, seca (ê) (...)]*”.

Dos sinônimos dicionarizados que coincidem com as variantes lingüísticas encontradas nos atlas lingüísticos temos:

- ALPR: “magra”, “doença ruim”;
- ALS II: “fininha”, “doença ruim”.

Análise quantitativa

TUBERCULOSE - ALPR - carta 72

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
bronquite	15	23,08%
magra	8	12,31%
doença/ duença do (s) pulmão	7	10,77%
tá sofren do (s) pulmão	6	9,23%
duença/ doença (da) magra	6	9,23%
dos pulmão/ dos purmão	4	6,15%
diabete	2	3,08%
mancha/ mancha no purmão	2	3,08%
atacar os pulmões	1	1,54%
aquela doença	1	1,54%
chaga	1	1,54%
tá duen (te) dos pormão	1	1,54%
tirica	1	1,54%
hepatite	1	1,54%
corpo seco	1	1,54%
purmão fraco	1	1,54%
nó na tripa	1	1,54%
hética	1	1,54%
duença de secá	1	1,54%
fraqueza nos purmão	1	1,54%
duença ruim	1	1,54%
(a) taca os purmão	1	1,54%
(a) quela doença	1	1,54%
Total de variantes	65	100,00%

TUBERCULOSE -ALS II

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
a fininha	2	40,00%
a fina	1	20,00%
doença ruim	1	20,00%
tuberculoso (a)	1	20,00%
Total de variantes	5	100,00%

O ALPR apresenta vinte e três variantes lingüísticas diferentes, ao passo que o ALS II possui apenas quatro variantes lingüística para o termo “tuberculose”.

Com base nos dados coletados, observamos que os tabus lingüísticos estão concentrados em maior número no ALPR do que no ALS II. Acreditamos, pautando-nos também em pesquisas anteriores realizadas por nós, que o ALPR é mais influenciado pelos tabus lingüísticos por apresentar mais variantes lingüísticas para designar o termo “tuberculose”, confirmando, assim, a primeira hipótese. A segunda hipótese está interligada à primeira, ou seja, os tabus lingüísticos colaboram para a produtividade lingüística, como observado no caso do ALPR.

Não pretendemos esgotar o assunto por meio desta pesquisa, pois apresentamos uma pequena faceta de estudo possível para o tema em pauta. Trabalhamos com as variantes lingüísticas de dois atlas lingüísticos, a saber, o ALPR e o ALS II, e buscamos estabelecer uma tipologia dos tabus lingüísticos presentes em ambos os atlas mencionados com base em Guérios (1979). Realizamos dois tipos de análises distintas: quantitativa e qualitativa. Na primeira, verificamos que o ALPR é o atlas que apresenta um maior número de variantes lingüísticas. Na segunda análise, constatamos que o ALPR apresenta um maior número de tabus lingüísticos, classificados conforme os critérios por nós estabelecidos no início da pesquisa.

Ressaltamos que o presente estudo pretende colaborar com subsídios teóricos para os profissionais da área de ensino / aprendizagem da língua portuguesa que atualmente tem apresentado uma vertente que tende a aplicar estudos lingüísticos em sala de aula. Salientamos também que as gramáticas, assim como os dicionários de língua, podem utilizar-se desta pesquisa para aprofundar o

estudo da palavra e de seu significado, assim como o estudo do emprego de variantes lingüísticas é de grande valia para tradutores e terminólogos/ lexicógrafos.

4.1.4.2. ERISIPELA

A doença “erisipela” apareceu apenas no ALPR, carta 161. Aguilera (1994) afirma, nas notas do referido atlas, que a questão foi formulada com base nos semas: “doença pouco comum”, “inchaço”, “dor”, “vermelhidão na pele”, “cura apenas com benzimento”.

Análise quantitativa

ERISIPELA - ALPR – Carta 161

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
Reumatismo	22	32,35%
Cobreiro	11	16,18%
Varizes	10	14,71%
Eczema	6	8,82%
Sarna	2	2,94%
Alergia	2	2,94%
Aquilo	2	2,94%
Grosserão	2	2,94%
Sarampo	1	1,47%
Mal de peles	1	1,47%
Trombose	1	1,47%
Sangue novo	1	1,47%
Duença ruim	1	1,47%
Ispinhela caída	1	1,47%
Esse coiso	1	1,47%
Inchação	1	1,47%
Inchaço	1	1,47%
Aquela duença	1	1,47%
As coisa	1	1,47%
Total de variantes	68	100%

Constatamos a ocorrência de dezenove variantes lingüísticas para “erisipela” no ALPR, das quais as que obtiveram maior ocorrência foram: “reumatismo” (22), “cobreiro” (11), “varizes” (10) e “eczema” (60), seguidos de “sarna”, “alergia”, “aquilo”, “grosserão”, com duas ocorrências cada uma. As que tiveram menor ocorrência foram: “sarampo”, “mal de peles”, “trombose”, “sangue novo”, “duença

ruim”, “isinhela caída”, “esse coiso”, “inchação”, “inchaço”, “aquela duença”, “as coisa” com apenas uma ocorrência cada uma. Com base na classificação proposta por Guérios (1979:11-17), obtivemos a seguinte tipologia:

tabela da tipologia de erisipela

Eufemismo	Disfemismo	Hipocorístico	Expressão genérica com ou sem restrição
-sangue novo	-cobreiro -sarna -trombose -aquilo -duença ruim -aquela duença -as coisa -esse coiso -grosserão -mal de peles -inchação	isinhela caída	-alergia -inchaço -reumatismo -varizes -eczema -sarampo

Consultamos dicionários a fim de checar se os termos encontrados teriam alguma relação com “erisipela”. Conforme Ferreira (2004: 786):

“[Do gr. Erysípelas, enrubescimento da pela; pelo lat. Erysipelas (com e breve)] s.f. Med. Doença infecciosa contagiosa, estreptocócica, que atinge pele e plano subcutâneo, e se caracteriza, clinicamente, pelo rubor e tumefação das áreas lesadas, além de acarretar sintomas constitucionais [sin. (pop.): *mal de ponte* ou *mal-de-monte* e (bras.) *mal-da-praia*, maldita e *esipra*]. A melhor forma seria erisípela, mas o uso consagrou a forma paroxítona]”

Guérios (1979:14) ressalta que, no Brasil, a erisipela é chamada de *maldita*, porém, em nosso *corpus*, constatamos a ocorrência de “as coisa” e “esse coiso”. O autor (1979:138), ao tratar dos tabus em nomes de doenças, salienta, novamente, que no Brasil falamos *maldita* para nos referirmos à erisipela. Já em latim, empregou-se a locução *sacer ignis*, “sagrado fogo”, para a erisipela. Adiante, Guérios comenta que, na Alemanha, tratam a erisipela por “a bela, a linda, a benta”, com ou sem junção da palavra “doença”. Em nossa pesquisa, observamos a ocorrência de “duença ruim” sem menção às outras formas mencionadas. O autor comenta que há doenças que têm nomes de santos, que são empregados em vez

das denominações próprias, e são aqueles invocados como protetores. Em relação à erisipela, o autor relata, que na Idade Média, chamou-se fogo de Santo Antão a uma espécie de erisipela epidêmica. Não constatamos qualquer referência a nomes de santos para denominar erisipela em nosso *corpus*. Na Alemanha, ele cita Sankt-Ruprechts-Plage.

O termo “reumatismo” foi o que obteve a maior ocorrência dentre todas as variantes lingüísticas. Buscamos, no dicionário, a definição desse termo a fim de verificar se há alguma semelhança com “erisipela”. Ferreira (2004:1754) define “reumatismo” da seguinte forma:

“(...) s.m. Med. designação imprecisa comum a várias doenças que se caracterizam por inflamação, degeneração ou distúrbios metabólicos de tecido conjuntivo principalmente articulações, músculos, bolsas sinoviais, e tendões (...)”.

Percebemos que isso não corresponde à definição de Ferreira para erisipela. Nas notas do Atlas do Paraná (ALPR), a autora descreve uma das ocorrências da seguinte forma: o entrevistador relata a dificuldade em se obter a resposta esperada quando diz que teve que reformular a questão e que a resposta só foi dada na revisão final. Além disso, algumas vezes a doença é descrita, mas não nomeada ou então referem-se a ela como “aquilo lá”, como se, ao falar o nome da doença, pudesse produzir algum efeito indesejado (p. 344, carta 161):

“21 (inf. A): Inicialmente observou: ‘aquilo minha tia sempre binzia aquilo lá’.

“23 (inf. B): A resposta só foi obtida depois de se reformular duas vezes a questão.”

“44 (inf. B): A doença foi assim descrita: ‘é as coisa que dá cocera e fareleia a perna da pessoa’.

“03 (inf. B): Decodificou apenas como: ‘**reumatismo ... quinzema**’.”

Baseando-nos nas respostas dos informantes acima explicitados, podemos observar que o termo “erisipela” ou mesmo falar na própria doença é evitado e eles utilizam-se de várias outras formas para se referir à doença em si.

1.4. Considerações finais

Retomamos aqui que, segundo Laplantine (1991:54), em algumas obras a doença é vista como “coisa” e esse fato tem grande repercussão entre uma grande parte de escritores que utilizam o termo “coisa” para designar a doença em si. Em nosso estudo sobre doenças, também verificamos a ocorrência do termo “coisa” para a doença “erisipela”, em que detectamos a incidência de “esse coiso” e “as coisa”.

Apresentamos um quadro-resumo das doenças e da tipologia dos tabus lingüísticos:

Tipologia	hipo.	disfem.	eufem.	dim.	expr. gen.	TT
tuberculose	/	06	12	01	05	24
erisipela	01	11	01	/	06	19
Total	01	17	13	01	11	43

Das duas doenças em questão, tuberculose e erisipela, a primeira, com vinte e três variantes lingüísticas no ALPR e quatro no ALS I, apresentou maior número de ocorrências do que erisipela (19 ocorrências no ALPR) e bexiga na obra literária *Teresa Batista*, com duas variantes. Considerando o *corpus* levantado e analisado, podemos ressaltar que a região do Paraná destacou-se por ser a mais tabuizada, apresentando maior número de variantes lingüísticas. O termo tuberculose manifestou-se veementemente em nossas pesquisas, assim como observamos nos estudos realizados sobre a história das doenças no início deste trabalho.

4.1.5.Campo semântico: corpo humano

No campo semântico “corpo humano”, trabalhamos com os seguintes termos: “pomo-de-adão”, “verruga” e “útero”. O primeiro termo, embora ocorra apenas no Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), apresenta uma grande produtividade de variantes lingüísticas, ao passo que o terceiro termo, apesar de estar presente em três atlas lingüísticos, a saber, Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) e o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), não apresenta muitas variantes lingüísticas. Quanto ao segundo termo, detectamos também menos ocorrências do que no primeiro caso. Iniciaremos este estudo com o termo “pomo-de-adão”.

-

- 4.1.5.1. Pomo-de-adão

O *corpus* constitui-se dos dados constantes das cartas geolingüísticas do ALPR, dos registros nas notas que precedem cada carta e das informações contidas nas entrevistas. Utilizamos a pergunta 2.1.3. “esta parte alta do pescoço do homem? (apontar)”, constante do item II: Homem, área semântica: corpo humano, do Questionário Semântico Lexical (QSL). A resposta sugerida pelo questionário é “pomo-de-adão”.

Primeiramente, buscamos o significado das expressões por meio do dicionário da língua portuguesa e do dicionário de folclore e crenças. Posteriormente, fizemos uma classificação das lexias selecionadas segundo a classificação apresentada por Guérios (1979).

O Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), publicado em 1994, com 191 cartas, das quais 92 são lexicais, 70 fonéticas e 29 isoglossas (isófonas e isoléxicas), é resultado da tese de doutorado de Aguilera, defendida em 1990 na UNESP/Assis.

Segundo a pesquisadora (2002:406), os fatos lexicais e fonéticos registrados nas cartas têm proporcionado estudos variados ao longo desses anos: uma tentativa de definição de áreas de isoléxicas e de isófonas e sua associação com os períodos de ocupação sucessiva do território (Aguilera, 1997); estudos específicos sobre determinados campos semânticos, como a análise da distribuição espacial das variantes lexicais referentes ao campo semântico *milho* (Aguilera e Oliveira, 1999b); a iotização como fenômeno rural brasileiro (Aguilera, 1989 e 1999a); o processo de criação sígnica, em torno das variantes lexicais para *alpargatas* (Aguilera, 1998), entre outros.

Apesar da importância de que se reveste cada um desses estudos como fonte de conhecimento para a reconstituição da história do português do Paraná, nenhum se deteve em analisar as palavras e expressões tabuizadas que muito colaborariam para o estudo das variantes lingüísticas. Dessa forma, a linguagem, enquanto meio de comunicação entre os homens, nunca corresponde, nem pode corresponder, a um plano estritamente individual, pois forma-se na prática social, e serve para a transmissão do conhecimento armazenado socialmente, passando de uma geração a outra no processo social de formação e “culturalização”. O conhecimento não é perfeito e definitivo, nem, portanto, absoluto, podendo sofrer deformações. Centraliza sua análise na discutida possibilidade de alcançar a verdade objetiva no processo do conhecimento, dado o condicionamento deste pelo interesse de um grupo e pela influência da linguagem.

Análise quantitativa:

Apresentamos a tabela do ALPR com os dados encontrados:

POMO DE ADÃO-ALPR - Carta 69

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
garganta	9	13,04%
adão	6	8,70%
gogó	5	7,25%
caroço	5	7,25%
papo	4	5,80%
fruta do Adão	3	4,35%
(o) osso	2	2,90%
nó	2	2,90%
pelote	2	2,90%
pecado	2	2,90%
gongo (s)	2	2,90%
nó do pecado	1	1,45%
pelota	1	1,45%
a papa	1	1,45%
fruta do pecado	1	1,45%
fruta	1	1,45%
jaca	1	1,45%
coiso de Adão	1	1,45%
congo	1	1,45%
fruitinha do pecado	1	1,45%
carocinho	1	1,45%
güela	1	1,45%
caroço do pecado	1	1,45%
Crao de Pêssego	1	1,45%
fruto do pecado	1	1,45%
caroço do pescoço	1	1,45%
bola do pecado	1	1,45%
bola no pescoço	1	1,45%
fruta que o Adão comeu	1	1,45%
gurgulinha	1	1,45%
ganga	1	1,45%
caroço da maçã	1	1,45%
gargalo	1	1,45%
gargalho	1	1,45%
osso da garganta	1	1,45%
gogozinho	1	1,45%
congó	1	1,45%
caroço da garganta	1	1,45%
Total	69	100,00%

Análise qualitativa

Analisando o *corpus* selecionado, verificamos a existência de outras variantes lingüísticas, que, apesar de não estarem dicionarizadas, são formas que foram comprovadas pela pesquisadora.

A lexia composta “pomo-de-adão” apareceu muito pouco, de modo que praticamente deu lugar para outras ocorrências como: “garganta”, “pelota”, “gongo”, “a papa”, “fruta” de Adão”, “caroço da garganta”, “o osso”, “fruta”, “papo”, “gogó”, “jaca”, “coiso de Adão”, “nó”, “pelote”, “congo”, “fruitinha do pecado”, “carocinho”, “Adão”, “güela”, “caroço do pecado”, “crao de pêssego”, “nó do pecado”, “bola do pecado”, “caroço”, “bola no pescoço”, “fruta que o Adão comeu”, “gurgulinha”, “ganga”, “caroço da maçã”, “gargalo”, “gargalho”, “osso da garganta”, “gogozinho”, “congo”, “pecado”, “fruta do pecado”, “fruto do pecado”, “caroço do pecado”. De todas essas ocorrências, apenas “gogó” é apontado como variante pelo dicionário Ferreira (2004). É ainda necessário observar que lexias como “garganta”, “papo”, “gargalo” e “gargalho” não apresentam o mesmo significado. Contudo, podemos dizer que “caroço”, pela definição do dicionário, mostra alguma semelhança com o “pomo-de-adão”.

Muitas respostas remetem à história bíblica sobre Adão e o caroço da fruta do pecado que ficou presa na garganta e originou o “gogó”. Outros informantes mostram-se hesitantes em se referir a esse assunto e dizem desconhecer a palavra, utilizando-se de formas equivalentes (p. 160, carta 69):

“43 (inf. A): A resposta foi imediata: **‘fruto do pecado’**.”

“46 (inf. B): Hesitando: (...) **gurgulinha**, que eu sei que dizem (...)”.

“55 (inf. B): (...) isso aí que é formado do tempo de Adão e Eva qu(e) inguliu a fruta e parô e ficô esse caroço aqui, né, mas o nome eu num lembro o nome disso aí, não”.

“61 (inf. A): Hesitante, referiu-se à **garganta e papo**.”

Consultamos o dicionário Ferreira (2004) para verificar se as variantes constantes no Atlas são consideradas como sinônimos e para conferir a explicação da lexia composta:

“[De pomo+de+antr. Adão. (v. adâmico).] S.m. A saliência da cartilagem tireóide (...) [Tb. Se diz apenas *adão*; sin.: gogó, maçã-de-adão, nó-da-garganta, nó-da-goela, nó-de-adão. Pl.: *pomos-de-adão*.]

Lexia	Significado do dicionário Ferreira
Gogó	“[alter-de-goela] S.m. Brás. Fam. V. pomo-de-adão” (p.994)
caroço	(...)S.m. 4. pó. Glândula enfartada e endurecida; íngua. 5. Pop. Tumor ou erupção cutânea (...)” (p.413)
Papo	“papo1 [Dev. De <i>papa</i>] S.m. (...) 5. Pó. Aumento de volume do pescoço , provocado por diversas causas, esp. O bócio.”(p. 1491)
gargalho	[Do rad. onom. Garg-, como no esp. <i>Gargajo</i> e no port. <i>Garganta</i> + - <i>alho</i>] S.m. escarro espesso, que se expele a custo.” (p. 970)
gargalo	(...) S.m. 2. Burl. Pescoço, garganta 3. Fig. Obstáculo, empecilho [Cf. gargalho.] (p.940)
garganta	“(...) S.f. 1. Pó. Segmento anterior do pescoço contendo as vias que levam da boca e do nariz, respectivamente, ao estômago e aos pulmões (...)”(p.970)

Para realizarmos uma análise qualitativa do *corpus*, baseamo-nos nos estudos de Guérios (1979: 12) a fim de apresentarmos a tipologia dos termos:

Hipo.	Disfem.	Dim.	Exp. gen. com ou sem restrição	meton.	metáfora	elipse
-coiso de Adão	-nó	do	-carocinho	-garganta	-Adão	-fruta que o-nó
-gogó	pecado	do	-fruitinha do	-pelota	-fruta	Adão comeu
-crao	de-bola	no	pecado	-güela	-fruta do	-fruto do
Pêssego	pescoço	do	-gurgulinha	-gargalo	Adão	pecado
-caroço da maçã	-bola	do	-gogozinho	-a papa	-gongo (s)	-caroço do
-congó	pecado			-caroço		pecado
-caroço da garganta	-papo			-congo		-caroço do
	-jaca			-ganga		pescoço
	-osso da			-gargalho		-fruta do
	garganta			-o osso		pecado
	-pecado			-pelote		

Considerações preliminares

Neste trabalho, elencamos alguns exemplos de tabus lingüísticos detectados no Atlas Lingüístico do Paraná. Não nos comprometemos, porém, com uma análise de todas as ocorrências possíveis, mas salientamos as que julgamos mais

representativas para esse estudo. Ressaltamos, aqui, a importante contribuição de Augras (1989) ao afirmar que o tabu não designa apenas o caráter sagrado ou perigoso de uma pessoa ou de uma coisa, mas também os dispositivos montados para lidar com esses elementos.

Buscando um direcionamento dessa definição de “tabu” para “tabu lingüístico”, podemos dizer que esses dispositivos montados para lidar com o proibido são os meios de substituição dos vocábulos tabus. Baseando-nos em Guérios (1979: 11-17), observamos que o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a idéia expressa pela palavra tabu manifestou-se por meio dos seguintes processos exemplificados com as respostas dadas no Atlas Lingüístico do Paraná:

– o vocábulo tabu é: substituído por um hipocorístico ou por uma antífrase; substituído por um disfemismo; apresentado no diminutivo (como em: “carocinho”, “fruitinha do pecado”, “gurgulinha” e “gogozinho”). De todos os substitutos elencados, os relativos ao diminutivo e ao disfemismo apresentam maior número de variantes lingüísticas.

A respeito desses substitutos apresentados por Guérios, podemos relacionar ao que Ducrot (1972: 13) chama de “formas implícitas de falar”. A existência dessas formas permite-nos dizer o que queremos quando temos a necessidade de dizer coisas que não podem ser pronunciadas. Dessa forma, segundo Ducrot, essas expressões permitem deixar entender sem acarretar a responsabilidade de ter dito, por se acreditar que esse substituto seja neutro e não possa acarretar nenhum malefício a quem o profere. Porém, podemos acreditar na neutralidade da palavra?

Os critérios que definem o que se pode ou não falar estão ligados, em parte, à transferência de conhecimentos e cultura de um indivíduo para outro. Retomando o

que foi dito anteriormente, a linguagem, enquanto meio de comunicação entre os homens, nunca corresponde, nem pode corresponder, a um plano estritamente individual, pois forma-se na prática social e serve para a transmissão do conhecimento armazenado socialmente, passando de uma geração a outra no processo social de formação e “culturalização”. O conhecimento não é perfeito e definitivo, nem, portanto, absoluto, podendo sofrer deformações. Centraliza sua análise na discutida possibilidade de alcançar a verdade objetiva no processo do conhecimento, dado o condicionamento deste pelo interesse de um grupo e pela influência da linguagem.

O intuito desta pesquisa não é elaborar um modelo teórico relativo ao léxico. Mas sim, por meio de um estudo diacrônico, apresentar uma abordagem de avaliação da incidência de tabus lingüísticos e das variações produzidas em decorrência deles.

Devido à pequena amostragem, não pudemos analisar a situação dos tabus lingüísticos como um todo. Baseamo-nos em um *corpus* restrito para abordar, sob diferentes ângulos, a tipologia desses tabus lingüísticos e sua influência na língua de uma determinada região, com sua cultura própria.

Julgamos ter apresentado elementos que resultaram de uma abordagem inicial e desprovida de qualquer pretensão conclusiva e esperamos vê-los discutidos à luz de novas idéias que venham possibilitar a abertura de outras perspectivas, como, por exemplo, comparar os tabus lingüísticos detectados no Atlas Lingüístico do Paraná com a ocorrência ou não dos mesmos em outros atlas lingüísticos. Um estudo comparativo semelhante foi elaborado por Aguilera (1999c) que, ao comparar os dados do *Atlas prévio dos falares baianos* (Rossi *et al.*, 1963) e do *Atlas lingüístico de Sergipe* (Ferreira *et al.*, 1987), constatou que, quanto às variantes para

os conceitos de *lua*, *calcanhar* e *útero*, que a fala paranaense revelou-se mais conservadora do que em ambos os estados nordestinos.

4.1.5.2. ÚTERO

Baseamo-nos na pergunta 113 do QSL: “... parte do corpo da mãe onde fica o nenê/ bebê antes de nascer?” e cuja resposta sugerida é “útero”. Este termo esteve presente em três atlas lingüísticos: Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), Atlas Lingüístico dos Falares Baianos (APFB) e no Atlas lingüístico da Paraíba (ALPB).

Análise quantitativa

Inicialmente, apresentamos um levantamento quantitativo das variantes lingüísticas encontradas por meio de tabelas que mostram a ocorrência e a frequência dos termos nos atlas em questão:

UTERO - APFB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
dona do corpo	22	66,67%
mãe-do-corpo	6	18,18%
bacia	2	6,06%
uma bola que tem dentro da mulher	1	3,03%
é uma peça que a mulher tem no ventre	1	3,03%
onde se criam as crianças antes de nascer	1	3,03%
Total de variantes	33	100,00%

UTERO – ALPB

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
ventre	6	66,67%
bacia	1	11,11%
mãe de corpo	1	11,11%
ventre da mãe	1	11,11%
Total de variantes	9	100,00%

UTERO - ALPR

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
mãe de corpo	36	62,07%
barriga	4	6,90%
bolsa	4	6,90%
bacia	3	5,17%
trompa	3	5,17%
seio da mãe	2	3,45%
ovário	2	3,45%
barriga da mãe	1	1,72%
ventre	1	1,72%
amada	1	1,72%
placenta	1	1,72%
Total de variantes	58	100,00%

A lexia “útero” praticamente não apareceu no *corpus* consultado. Esse termo pode ser, sem dúvida, classificado como um tabu lingüístico, pois ocorreram várias variantes do termo mas ele próprio praticamente não ocorreu. Arriscaremos o palpite de que esse termo, ligado a um tema relativo a sexo, é assunto considerado tabu, pelo menos pela Antropologia. Assim, das várias ocorrências, temos: “ventre”, “mãe do corpo”, “barriga”, “barriga da mãe”, “ovário”, “placenta”, “bolsa”, “trompa”, “seio da mãe”, “bacia”, “amada”, “útero”, “bolsa”. O dicionário de Celso Luft (1991) da língua portuguesa define “útero” da seguinte forma:

“mãe-do-corpo: útero.” (p.460).

Alguns informantes declararam não saber o nome: 19A, 40B, 45B, 49B e 63A.

Outros se negaram a responder ou se mostraram hesitantes (168):

“64 (inf. A): Devido à presença de uma acompanhante adolescente, a informante negou-se a responder. Quando ficou a sós com a pesquisadora, observou: ‘pos [= pois] dizem que a gente tem a tar de **overa** tamém, diz que tem uma overa. Eu co essa idade que tô inda num sei o que que é a mãe do corpo (...)’.

“24 (inf. B): (...) ‘**mãe do corpo** é :: dispois que a criança nasce, né’. Demonstrou-se hesitante em reconhecer útero e mãe do corpo como sinônimos”.

Dentre os três atlas lingüísticos em questão, o ALPR é o que apresenta maior número de variantes lingüísticas, ou seja, onze variantes para “útero”, totalizando cinquenta e nove ocorrências. O APFB apresenta seis variantes lingüísticas e trinta e três ocorrências; já o ALPB registra quatro variantes lingüísticas e nove ocorrências. Apresentamos um quadro-comparativo entre os três atlas com os termos coincidentes e suas respectivas ocorrências:

Atlas lingüístico	ALPR	APFB	ALPB
Mãe-do/de-corpo	36	06	01
Bacia	03	02	01
Ventre	01	/	06

Os termos de maior incidência não aparecem nos três atlas de forma igual. Temos apenas três termos coincidentes: “mãe-do-corpo”, “bacia” e “ventre”.

Mesmo sendo ambos o APFB e o ALPB da região nordeste, também não apresentam dados muito semelhantes, pois detectamos apenas “mãe-do-corpo” e “bacia” como termos coincidentes. Apesar de o ALPR e do ALPB pertencerem a regiões geográficas distintas, notamos a existência de mais termos coincidentes entre eles: “mãe-do-corpo”, “bacia” e “ventre”.

Consultamos a definição de “útero” a fim de estabelecer analogias entre a definição e o que foi encontrado nos atlas lingüísticos. Conforme o dicionário Ferreira (1999: 2038), temos outras significações para a lexia: “[Do lat. *Uteru*] S.m. Anat. Órgão onde se gera o feto dos mamíferos [Sin (pop.): matriz, madre, ventre e (bras.) mãe-do-corpo (...)]. Dos termos elencados como sinônimos por Ferreira, apenas dois estão presentes nos atlas: “mãe-do-corpo” (ALPR), com trinta e seis ocorrências e ventre, no APFB, com a segunda maior ocorrência.

Apresentamos um quadro-resumo da tipologia dos tabus lingüísticos de “útero” em todos os atlas pesquisados:

eufemismo	disfem.	expr. gen.
------------------	----------------	-------------------

-mãe do corpo (ALPR/APFB/ALPB) -amada (ALPR) -dona do corpo (APFB) -onde se criam as crianças antes de nascer (APFB) -é uma peça que a mulher tem no ventre (APFB) -ventre da mãe (ALPB) -seio da mãe (ALPR) -barriga da mãe (ALPR)	-uma bola que tem dentro da mulher (APFB)	-bolsa (ALPR) -barriga (ALPR) -bacia (ALPR/ALPB/APFB) -placenta (ALPB/ALPR) -ventre (ALPR/ALPB) -trompa (ALPR) -ovário (ALPR)
---	---	--

4.1.5.3. Verruga

Essa questão apareceu apenas no ALPR, carta 136. As notas do atlas informam que a questão era formulada inicialmente através dos semas: “carne meio mole”, “qualquer parte do corpo”, “aparece quando se apontam as estrelas”. Nas últimas entrevistas, passou-se a formulá-la apenas com o último sema: “dizem que, quando se apontam as estrelas, nasce o quê na pessoa?”

Análise quantitativa

Fizemos um levantamento das variantes lingüísticas referentes à verruga. Apresentamos a seguir uma análise quantitativa que mostre as variantes lingüísticas, o número de ocorrências e suas freqüências. Abaixo apresentamos a tabela que exhibe os dados mencionados:

VERRUGA - ALPR

Variante lingüística	Ocorrência	Freqüência
espinha	8	47,06%
berruga	3	17,65%
cravo	2	11,76%
sinal	1	5,88%
pinta	1	5,88%
berruguinha	1	5,88%
figuera	1	5,88%
Total de variantes	17	100,00%

Com base na tabela acima, verificamos que verruga apresenta sete variantes lingüísticas, com dezesseis ocorrências. Com maior número de ocorrências e 47,06% de frequência temos *espinha*; em segundo lugar, com três ocorrências, temos *berruga*; em terceiro lugar, com 11,76%, temos *cravo*; em quarto lugar, com 5,88%, temos quatro termos, a saber, *sinal*, *pinta*, *berruguinha* e *figuera*.

Análise qualitativa

No dicionário de folclore de Oliveira (1940), encontramos uma explicação para verruga:

“curam-se, passando sôbre elas o primeiro ramo que se encontrar ao clarear o dia de São João. O hábito de contar estrêlas, apontando-as com o dedo, provoca o aparecimento de verrugas nos pés”.

Durante a entrevista para o atlas, o entrevistador teve que reformular a questão para obter a resposta. Notamos isso quando ele diz “repergunta”. Esse receio de se falar em algo como a verruga, que, conforme diz a crença, surge após apontar as estrelas (medo do desconhecido), pode ser notado em:

“29 (inf. A): Na repergunta acrescentou: ‘uns fala – otos fala figuera, assim pa num aumentá.’ (p. 294)

Apresentamos abaixo um quadro em que mostramos a tipologia das variantes lingüísticas, baseada na proposta de Guérios (1979):

Tabela da tipologia de verruga

Metáfora	Disfemismo	Diminutivo Hipocorístico	Expressão genérica com ou sem restrição
figuera	berruga	berruguinha	espinha cravo sinal pinta

Sintetizando o quadro acima, temos quatro incidências de expressões genéricas, seguidas de um diminutivo, um disfemismo e uma metáfora.

tipologia	hipo.	disfem.	eufem.	dim.	meton.	expr. gen.	metáf.	elipse	TT
pomo-de- adão	06	07	0	04	04	11	05	01	38
útero	0	01	08	01	0	07	0	0	17
ga <i>verru</i>	0	01	0	01	0	04	01	0	07
total	06	09	08	06	04	22	06	01	62

Com base nos dados acima descritos, observamos que a lexia “pomo-de-adão” apresenta uma tipologia diversificada, ou seja, uma variedade maior de variantes lingüísticas, ocorrendo hipocorísticos, disfemismos, diminutivos, metonímias, e expressões genéricas. Por outro lado, “útero” apresenta apenas duas classificações: eufemismos e expressões genéricas. Concluimos que “pomo-de-adão”, embora presente apenas em um atlas lingüístico (ALPR), apresenta trinta e oito formas diferentes de tabus lingüísticos. Já “útero” apesar de estar presente em três atlas diferentes (ALPR, ALPB, APFB) apresenta menos tipos de tabus lingüísticos, ou seja, dezoito. Enquanto que “verruga” possui apenas quatro tipos diferentes.

4.1.6. Campo semântico: Religião e crenças

No campo semântico “religião e crenças”, observamos termos que eram vistos com reservas a ponto de quase não serem usados e aparecerem várias variantes do termo. Neste campo semântico analisamos os termos: entidade-tabu que anima o redemoinho presente apenas no Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR).

4.1.6.1. Entidade-tabu que causa o redemoinho:

O termo que analisamos a seguir diz respeito à sub-questão que surgiu sobre a entidade-tabu que animaria o redemoinho. Esta questão apareceu apenas no Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), na carta 132. Conforme observamos nas notas do atlas, Aguilera (1994:286) esclarece que, com a evolução da pesquisa que versava sobre as variantes fonéticas para o redemoinho, acrescentou-se uma sub-questão acerca de uma crendice popular infantil sobre a entidade-tabu que animaria o redemoinho.

Análise quantitativa

No ALPR, temos vinte e uma variantes lingüísticas em resposta à sub-questão sobre a entidade-tabu que anima o redemoinho. Elaboramos uma tabela a fim de podermos quantificar as ocorrências e verificar as variantes e suas freqüências:

Entidade-tabu - ALPR

Variante lingüística	Ocorrência	Frequência
saci	16	24,24%
capeta	12	18,18%
diabinho	10	15,15%
bichinho	4	6,06%
sacizinho	3	4,55%
cão	3	4,55%
capetinha	2	3,03%
bicho	2	3,03%
aquilo	1	1,52%
bicho feio	1	1,52%
bicho ruim	1	1,52%
caramujo	1	1,52%
chifrudo	1	1,52%
coisa feio	1	1,52%
demônio	1	1,52%
demuninho	1	1,52%
fantasma	1	1,52%
pé-de-pato	1	1,52%
rabudo	1	1,52%
que não prestava	1	1,52%
tentação	1	1,52%
coisinha feio	1	1,52%
Total de variantes	66	100,00%

Constatamos que *saci* obteve maior frequência com 24,24%, seguido de *capeta* (18,18%), *diabinho* (15,15%), *bichinho* (6,06%), *sacizinho* e *cão* (4,55%), *capetinha* e *bicho* (3,03%). Os termos de menor frequência obtiveram uma ocorrência apenas de 1,52%, são os seguintes: *aquilo*, *bicho feio*, *bicho ruim*, *caramujo*, *chifrudo*, *coisa feio*, *demônio*, *demuninho*, *fantasma*, *pé-de-pato*, *rabudo* e *tentação*.

Análise qualitativa

Inicialmente, partimos da explicação presente no dicionário de folclore de Cascudo (1962) e Oliveira (1940) sobre a origem do redemoinho. Ambos atribuem ao Saci-Pererê o responsável pelos remoinhos. No dicionário de Cascudo (1962), encontramos uma explicação pertinente para redemoinho:

“Redemoinho, vento circular. Remoinho, redemoinho, rodamoinho não é o pé-de-vento. (...) A origem, diz o povo, é o encontro de dois ventos. Briga de ventos, duelo, vadiação. No sul do Brasil é o Saci-Pererê o responsável pelos remoinhos. Salta no meio dos ventos e roda, gira, corcoveia, arrebatando folhas, garranchos, poeiras. Atira-se um rosário de contas brancas ou uma palha benta e tudo cessa. Ou se dá o alarma: Aqui tem Maria! Aqui tem Maria! Aqui tem Maria. Com o nome de Nossa Senhora, o Saci-Pererê não quer confiança (...)” (p. 771)

Oliveira (1940: 213) exemplifica remoinho como o provável causador desse fenômeno:

“ou redemoinho, nada mais é que espírito de alguém que passa em torvelinho ao cumprir seu fadário. Também pode ser o Saci-pererê a praticar suas costumeiras diabruras. Quem possui remoinho no cabelo, ou seja, em forma de espiral, é pessoa geniosa, atrabiária e irrequieta.”

No dicionário FERREIRA (2004: 1787), encontramos a seguinte definição para saci:

“[Do tupi] s.m. Bras. 1. Etmogr. Uma das mais populares entidades fantásticas do Brasil, negrinho de uma só perna, de cachimbo e com barrete vermelho (fonte, este último, de seus poderes mágicos) e que, consoante a crença popular, persegue os viajantes ou lhes arma ciladas pelo caminho; saci-cererê, saci-pererê, matim-pererê, martim-pererê, matinta pereira, matintaperera e matitaperê (...)”

A lexia *diabo*, ou mesmo, *saci-pererê*, praticamente não ocorrem. Isso pode ser considerado um exemplo típico de tabu. As ocorrências manifestadas são: *capetinha*, *saci/ sacizinho*, *capeta*, *diabinho*, *cão*, *bichinho*, *bicho*, *bicho feio*, *bicho ruim*, *caramujo*, *chifrudo*, *coisa feio*, *demonho*, *demônio*, *demuninho*, *dítico*, *fantasma*, *pé-de-pato*, *que não prestava*, *rabaner*, *rabudo*, *tentação*. Os entrevistados detiveram-se mais em descrever do que em nomear propriamente. Acredita-se que, ao pronunciar o nome do diabo ou do saci, eles apareçam.

De acordo com Cascudo (1962:238) a palavra “cão” assume os seguintes significados:

“no seio do povo brasileiro diz-se sempre como sinônimo demoníaco, Satanás, Diabo, Lúcifer, Belzebu. Cachorro pertence ao vocabulário socialmente superior (...)”

No ALPR o informante dá a seguinte informação relacionando a entidade-tabu com a crença, ao mesmo tempo que demonstra o receio em falar sobre o caso:

“65 (inf. A): Sobre a crendice explicou: ‘a siora me desculpa, mas vô falá o que eles falavam. Diz que era o capeta que passava por perto’.

Ao tratar dos meios de substituição dos vocábulos tabus, Guérios (1979:14) ressalta que o vocábulo tabu é substituído por um hipocorístico ou por uma antífrase. Segundo o autor, por ser a coisa tabu perniciosa ou tida como tal, não há propriamente substituição por hipocorístico, mas, sim, por uma antífrase. Cita como isso se manifesta em alguns países (p.14): ‘o demônio é chamado *ded*, “avô”, *didko*, “avozinho”, entre os eslavos orientais; “os melhores que nós”, na Armênia; *daeva*, “deus”, no avéstico; *boginká*, “deusinha” (di. De *bogini*, “deusa”), na Polônia; “o alto espírito”, o jacútico; “o justo”, na Rússia. No oeste do Paraná, o saci-pererê é chamado *tiozinho*.” Ele apresenta como exemplos disfêmicos no português: *coisa-ruim*, *malvado*, *maldito*, *etc*, referentes ao demônio. Em nosso *corpus* encontramos: *bicho ruim*, *coisa feio*, *bicho*, *cão* e *tentação*.

eufem.	Disfem.	Diminutivo	Expr. gen. com ou sem restrição	Part. físicas
-saci	-bicho -coisa feio -bicho feio -bicho ruim -capeta -demônio -que não prestava -fantasma -cão -tentação	-bichinho -sacizinho -capetinha -demuninho -coisinha feio -diabinho	-aquilo -caramujo	-chifrudo -rabudo -pé-de-pato

Outro recurso apontado por Guérios (1979:15) é o uso do diminutivo. Em português, cita: *diabinho, demoninho*, etc; italiano *diavoletto, demonietto*, etc.

O diminutivo também serve para atenuar a forma original. Assim, temos várias ocorrências dele: *capetinha, bichinho, coisinha feio, demuninho, sacizinho*, como em (p. 286, carta 132):

“02 (inf. B):” (...) diz que parece, que o capetinha tá aí dentro aí, né “.

No campo lexical, Guérios (1979:19) afirma que, nas formas derivadas, os diminutivos são empregados com frequência, pois: “Foge-se a pronunciar o nome do diabo, mas diz-se afoitamente – *diabito, diabinho, diabrete*. Em nossas pesquisas, constatamos um grande número de diminutivos: *bichinho, sacizinho, capetinha, demuninho, coizinha feio, diabinho*. Guérios também salienta o uso de termos genéricos que, muitas vezes, substituem os vocábulos ou expressões próprias e cujo significado facilmente ressalta a situação ou o momento especial em que foram empregados. Por exemplo, em vez de *diabo* o uso de *o inimigo, o pecado*, etc. Em nosso *corpus* encontramos: *tentação, aquilo*.

Guérios (1979:20) apresenta alguns aspectos da deformação eufêmica, dos quais destacamos a mutação de fonemas, que consiste em substituir um ou mais fonemas de uma palavra por outra. São principalmente as terminações que sofrem a troca. Segundo ele, este processo eufêmico é usado largamente no campo dos eufemismos de superstição, e cita, como exemplos: *dialho, democho, demongres* em vez de *diabo, demônio*. Temos, como ocorrência em nosso *corpus*, *demonho*, ao invés de *demônio*.

No capítulo intitulado “Tabus em nomes de espíritos malignos”, Guérios (1979:53) salienta que evitam-se as palavras *diabo, demônio* e *satanás*. Conforme o autor, existem muitos nomes substituidores que podem ser classificados como: 1º) os deformados, de propósito, fônica ou morfológicamente; 2º) os metalexismos –

que se subdividem em: hipocorísticos (eufêmicos); b) antifrásticos ou irônicos; 3º) disfêmicos; 4º) qualificativos. São desfigurações voluntárias, na língua portuguesa: *diá, diacho, díamo, dianho, diangras, diangas, diango* e outros. Não detectamos a presença destes termos em nosso *corpus*, porém, é conveniente informarmos de outros tipos de manifestações dos tabus lingüísticos além dos presentes aqui.

Guérios (1979:54) considera eufêmicos hipocorísticos no português: *diabinho, diabrete, diabilho, demoninho, demonete, maioral, compadre*. Dos termos citados, coincidem com nosso *corpus*: *diabinho* e *demuninho*.

Segundo aponta Guérios (1979:55), os disfêmicos são muito numerosos. Dos exemplos citados, os coincidentes em nosso *corpus* são: *bicho, cão, bicho-feio, tentação*. Nas línguas eslavas, cita *fantasma*, que nós também encontramos. O autor destaca que várias designações se referem a particularidades físicas. Das citadas, coincidem com nosso *corpus*: *chifrudo, rabudo, pé-de-pato*. Atenta-se para outras designações substituidoras, sendo que, dentre elas, coincide conosco: *capeta*.

Para Guérios (1979:17), o vocábulo tabu apresenta-se no gênero neutro, pois, contrariamente ao gênero masculino-feminino ou animado, é o dos seres inanimados ou inertes, desprovidos de fluido vital ou mana ou “alma”, e que, por conseguinte, não têm força para agir, e as entidades sobrenaturais não podem servir-se dos seres neutros para malefícios. Segundo ele, se explica, por tabu, os neutros *daemonium*, como no grego, de onde proveio *dimónion* – além de diminutivo; *diabolum*. Cita, ainda, que em Shakespeare, o espírito é muitas vezes designado com o pronome neutro *it*, e também com o substantivo *thing*, como no português *coisa* (=demônio). Do que foi exposto, encontramos *coisa feio* em nosso *corpus*. Discordamos de Guérios, ou seja, classificar “fantasma” como neutro pois de

acordo com a definição do termo constante na ficha terminológica presente no volume II da tese:

“[Do gr. *phántasma*, pelo lat. *phantasma*. s.m. 1. Imagem ilusória; fantasmagoria (...) 4. Coisa espantosa, medonha (...)” (AUR:1999, p.878)

Retomamos que, em se tratando das substituições, o demônio tem designações no gênero neutro, pois neste gênero acredita-se que isso possa destruir-lhe as forças malévolas. Guérios (1979: 58) apresenta exemplos no gênero neutro em vocábulos referentes a espíritos em geral, tais como, o grego *phásma*, *phántasma*; latim *spetrum*, *terrículum*, *terrículamentaum*, *monstrum*, *mostellum*; no alemão *Gespenst*; no holandês *spook*, *gespuis*; etc.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo que mostra a tipologia de tabus lingüísticos das variantes lingüísticas referentes à entidade-tabu. Dentre os que se destacam com maior incidência, temos os termos classificados como: diminutivos (7) e os disfemismos (05). A fim de visualizarmos melhor, temos as ocorrências e suas respectivas frequências:

tipologia tabu	ocorrência
diminutivo	07
disfemismo	07
part. físicas	04
mod. fon.	03
expr. gen.	04
neutro	01
Metáfora	01
eufemismo	02

Considerações preliminares

No campo semântico “religião e crenças”, analisamos o termo: *entidade-tabu que anima o redemoinho*. Nosso objetivo é realizar uma análise comparativa entre os dois e verificar qual dos dois teve maior número de tabus lingüísticos. Apresentamos um quadro-resumo da tipologia dos tabus lingüísticos:

<i>tipologia</i>	<i>eufem.</i>	disfem.	dim.	Expr. gen.	Part. físicas
<i>entidade-tabu</i>	01	10	06	02	03
<i>total</i>	1	10	06	02	03

Com base no quadro acima, notamos que *entidade-tabu*, com vinte e nove ocorrências obteve grande número de tabus. No total, temos a seguinte tipologia: com dez ocorrências temos os disfemismos, seis diminutivos/ hipocorísticos e duas expressões genéricas. Com três ocorrências, as particularidades físicas e com uma temos os eufemismos.

Capítulo V - Considerações finais

Considerando-se que nosso estudo possui uma linha mestra constituída por hipóteses que visam a nortear nossa pesquisa e dar-nos a diretriz necessária a fim de que possamos constatar ou não a veracidade das conjecturas propostas, buscamos realizar um estudo comparativo do *corpus* coletado almejando a aplicação das suposições por nós pré-estabelecidas. Tomamos por parâmetro a tipologia apresentada por Guérios (1979) para podermos classificar as variantes lingüísticas detectadas.

Ao buscar um significado para o tabu, Guérios (1979:2) reporta-se a Josué de Castro, segundo o qual os tabus são “produtos de reflexos condicionados, nos quais a coisa, pessoa ou palavra, isto é, o objeto *tabu* desempenha o papel de estímulo condicionado a outro estímulo reflexo, provocador de um reflexo de medo”. Em alguns exemplos de nosso *corpus*, detectamos a questão do medo como um dos fatores que influenciam o tabu lingüístico. Para ilustrar o que foi dito, reproduzimos alguns exemplos da relação entre o tabu lingüístico e o medo em “chuva-de-pedra” no ALPR:

“30 (inf. A): (...) eles 'fala' que é 'frores' que tá caindo, 'mai' (s) de medo 'memo' (...), de medo de cair 'mai' .. diz que se a gente 'dizê' que tá caindo pedra cai mais”.

“01 (inf. A): (...) Perguntou-se qual o melhor nome para o fenômeno: “chuva de pedra, [por que] diz que 'num' é bom 'falá' chuva de pedra”.

“12 (inf. A): 'nói' (s) 'fala' rosinha”. Perguntou-se porque não falavam chuva de pedra: 'porque diz que não presta, né ... um fala granizo, né, 'otos' fala rosinha, 'nóis' fala rosinha”.

“11 (inf. B): “[baixa o tom de voz e vira-se contra o gravador] ah,deu uma chuva de pedra, 'mais' eu já não falo. Falo [que] deu uma chuva-de-flor. (...) A gente sabe, 'mais' às 'vez' não pode falá. Se a gente fala :: deu uma chuva de pedra aí

a gente tá ... tá brigando com Deus, né, tá chamando mais. Então a flor... a flor é um troço 'cheroso', um troço da terra, né”.

Em nosso *corpus*, encontramos indícios de tabus lingüísticos provenientes dessa relação entre medo e religião em algumas variantes de “pomo-de-Adão” (caroço do pecado, nó do pecado, etc), “chuva-de-pedra” (ave-Maria), “arco-íris” (aliança de Cristo com os homens, arca-de-Noé, aliança de Jesus).

Ao abordarmos o campo semântico das doenças, retomamos aqui a relação entre doença e religião retratada por Ricardo Augusto dos Santos, em *Representações sociais da peste e da gripe espanhola* (2004:128):

apesar das diferenças de tempo e espaço, não há como negar as manifestações simbólicas coletivas invariáveis nas epidemias. Por exemplo, em várias ocorrências de peste, gripe ou cólera, a associação entre a doença e castigo divino está presente. De forma análoga, indivíduos de comportamento “suspeito” foram e são apontados como propagadores do mal, sejam pobres, judeus, irlandeses ou negros, mas, sempre existe um elemento sempre constante: o medo (...).

Como resultados potenciais da pesquisa, espera-se que possamos contribuir com mais um estudo da língua portuguesa. Desta maneira, os resultados do presente estudo viriam a suprir, em parte, a escassez de estudos sobre tabus lingüísticos, pesquisas que colaboram para o conhecimento do comportamento da sociedade e da cultura brasileira.

O intuito desta pesquisa é contribuir não apenas para o aprofundamento das pesquisas lingüísticas de cunho dialetológico, como também fornecer elementos a uma vertente de estudo que vise a aprofundar os ensinamentos da língua portuguesa. Esperamos que, com base neste estudo realizado aqui, outras linhas de pesquisa referentes ao mesmo tema possam surgir.

Tivemos como objetivo abordar os seguintes campos semânticos: religião e crenças, corpo humano, convívio, ciclos da vida, doenças e fenômenos atmosféricos.

As tabelas apresentada no capítulo IV da análise tiveram por função auxiliar a graduação dos campos semântico em níveis a fim de detectar o campo mais e o menos tabuizado. Com base nas tabelas supra, observamos que o campo semântico mais tabuizado foi, em primeiro lugar, o dos fenômenos atmosféricos, com 140 ocorrências; em segundo lugar, temos o do corpo humano, com 62 ocorrências; em terceiro, o das doenças, com 43 variantes; em quarto lugar, o campo dos ciclos da vida, com 41; em quinto lugar, o campo da religião e das crenças, com 22 ocorrências; e, por último, o campo do convívio e comportamento social, com 14 ocorrências.

Considerando-se a primeira hipótese por nós levantada, ressaltamos a questão do medo como um dos fatores extralingüísticos que influenciaram a ocorrência maior dos tabus lingüísticos no campo semântico dos fenômenos atmosféricos. Pautando-nos nos dizeres de Castro (1979) e Delumeau (1989), referentes ao tabu e ao medo em relação aos fenômenos da natureza, ou seja, o medo pode ser apontado como um dos fatores que influenciam a criação e a utilização dos tabus lingüísticos. O campo do corpo humano demonstrou muitas variantes lingüísticas ligadas à questão do medo e da religião, como observamos em vários exemplos quando analisamos o campo citado. Da mesma forma, o campo das doenças também manifestou-se contundente com a questão do medo de lidar com o desconhecido, assim como o campo dos ciclos da vida e o da religião.

Com o intuito de respondermos à segunda hipótese por nós levantadas com relação ao atlas lingüístico que apresenta maior número de tabus lingüísticos,

apresentamos um quadro que contém os campos semânticos e o número de ocorrências nos atlas lingüísticos pesquisados:

campo semântico	ALPR	EALMG	APFB	ALPB	ALS I	ALS II	total
fen. atm.	78	36	02	52	02	0	170
corpo humano	56	0	06	04	0	0	66
Doenças	42	0	0	0	0	04	46
ciclos da vida	0	0	12	11	19	0	42
religião e crenças	22	0	0	0	0	0	22
convívio e comportamento social	0	0	10	0	08	0	18
total=	198	36	30	67	29	04	364

Ao apresentarmos o quadro referente aos campos semânticos e à incidência nos diferentes atlas lingüísticos brasileiros, observamos que:

- 1- O atlas lingüístico que se mostrou mais tabuizado foi o ALPR, pois, no resultado de todos os campos semânticos pesquisados, obteve um total de 198 ocorrências. Além disso, no ALPR notamos exemplos em quase todos os campos, com exceção do campo dos ciclos da vida e do convívio e comportamento social. No campo semântico dos fenômenos atmosféricos, o ALPR apresentou 78 variantes, ou seja, mais do que o ALPB (52) e o EALMG (36). O APFB e o ALS I apresentaram apenas duas ocorrências;
- 2- O campo referente ao corpo humano apresentou 66 ocorrências, sendo que o ALPR foi o atlas com maior número de ocorrências (56), seguido do APFB, com 6, e do ALPB, com 4 ocorrências;
- 3- No campo das doenças temos 46 ocorrências, sendo 42 no ALPR e 4 no ALS II;
- 4- No campo dos ciclos da vida temos 42 tabus lingüísticos, sendo que o ALS I tem o maior número, com 19, o APFB com 12 e o ALPB com 11;
- 5- No campo da religião e crenças temos apenas o ALPR com 22 ocorrências;

6- No campo do convívio e comportamento social temos 18 ocorrências, sendo 10 no APFB e 8 no ALS I.

Diante do exposto, constatamos a veracidade da segunda hipótese, isto é, que os atlas revelam número maior ou menor de variáveis lingüísticas devido à existência de tabus lingüísticos. De todos os atlas lingüísticos, o ALPR foi o que apresentou incidência maior na maioria dos campos semânticos com 198 variantes do total nos seguintes campos semânticos: fenômenos atmosféricos, corpo humano, doenças, religião e crenças. Podemos afirmar, portanto, que o ALPR mostrou-se mais produtivo em termos lingüísticos. O segundo atlas mais produtivo foi o ALPB com 67 variantes do total dos campos semânticos: fenômenos atmosféricos, corpo humano e ciclos da vida. O terceiro atlas mais produtivo foi o EALMG com 36 variantes apenas no campo dos fenômenos atmosféricos. Em quarto lugar temos o APFB com 30 ocorrências do total de fenômenos atmosféricos (2), corpo humano (6), ciclos da vida (12) e convívio 10). Em quinto lugar temos o ALS I com 29 ocorrências do total de fenômenos atmosféricos (2), ciclos da vida (19) e convívio (8). Por último, temos o ALS II com 4 ocorrências apenas.

Este estudo teve por objetivo principal contribuir para o entendimento dos mecanismos de controle social existentes na Língua Portuguesa, que se impõem ao falante por meio dos tabus. Além disso, buscou oferecer aos interessados uma amostragem de estudo possível sobre as variantes lingüísticas do Brasil e uma reflexão sobre elas, ampliando o universo de estudo existente. Também pretendeu examinar os dados selecionados na perspectiva de sua relação com outras áreas do conhecimento, tais como, sociologia, antropologia e outras, por meio do estabelecimento de semelhanças e diferenças nos dados selecionados para análise. Por fim, teve ainda o objetivo de proporcionar aos estudiosos da Língua Portuguesa

e de áreas afins, materiais de análise para o entendimento e uma melhor interação do uso da língua de caráter dialetal.

As observações e afirmações que aqui fazemos limitam-se a uma amostragem de nosso *corpus* coletado, restrito aos seis atlas lingüísticos pesquisados. Outras conclusões podem, contudo, ser colocadas conforme o referencial para o qual queremos atingir. Neste estudo, concentramo-nos nas duas hipóteses e nos objetivos gerais e específicos. No final, elaboramos um glossário que visa a colaborar com estudiosos de estudos de língua em geral. Contudo, é válido não descartamos a possibilidade de que a pesquisa apresentada possa proporcionar outras visões, assim como incentivar outros estudos a serem realizados sobre o assunto, como, por exemplo, aprofundar o estudo dos tabus lingüístico na literatura, assim como realizar pesquisas de campo sobre o assunto.

Bibliografia

AGUILERA, V. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

_____. **Atlas lingüístico do Paraná: Apresentação**. Londrina: Editora da UEL, 1996.

_____. - (Org.) **A Geolingüística no Brasil: Caminhos e Perspectivas**. Londrina: Editora da UEL. 1998.

AGUILERA, V. – “Para uma história do português paranaense: nas veredas o Atlas Lingüístico do Paraná”(p. 403-417). In: ALKIMIN, Tânia Maria – **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP, volume III: Novos estudos, 2002.

ALKIMIN, T.; CAMACHO, R. G. “Sociolingüística”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.) 2001. **Introdução à lingüística. Domínio e fronteiras. Tomo I**. São Paulo: Cortez, p. 21-75).

ALMEIDA, L. de – **Incidência de Anglicismos no Discurso Jornalístico na Área Econômica**. Monografia de Mestrado apresentada em 1992 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, sob a orientação da Profª Drª Victoria Namestinikov El Murr.

ALVAR, M. **Estúdios de geografia lingüística**. Madri: Paraninfo, 1991.

ALVES, I.M. (org.) - **A constituição da normalização terminológica no Brasil. Cadernos de Terminologia nº 1**. São Paulo, CITRAT/ FFLCH/ USP, 1996.

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. 3 ed. São Paulo: (São Paulo). Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. 1976.

ARAGÃO, M. do S.S. de et MENEZES, C.B. de - **Atlas Lingüístico da Paraíba: v. 1: Cartas léxicas e fonéticas e v. 2: Análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas**. Brasília: UFPA/CNPq. 1985.

AUBERT, F. H – **As (in) fidelidades da tradução. Servidões e autonomia do tradutor**. Campinas, Ed. UNICAMP, 1993.

_____. – “Desafios da tradução cultural” In: **TradTerm nº 2**. São Paulo, FFLCH/ CITRAT, 1995.

_____. - **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1996. (Cadernos de Terminologia, 2)

AUGRAS, M. – **O que é tabu**. 1 ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

AULETE, C. – **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 5ª ed., RJ, Denta, 1964.

BAKHTIN, M. – **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4 ed., São Paulo: Hucitec, 1988.

BELINE, R. – “A variação lingüística” In: FIORIN, J. L. (org.) – **Introdução à lingüística. Tomo I. Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, p.121-140.

BERTI SANTOS, S.S. - **Estudo Geolingüístico de Aspectos Semântico-Lexicais do Campo Semântico ‘Alimentação e Cozinha’ (Questionário do ALiB) no Município de Sorocaba**. 227p. Dissertação (Mestrado). São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2002.

BESSA, R.F. et. al. **Questionário do Atlas do Estado do Ceará**. Fortaleza. Imprensa Universitária da UFCE. 1982.

BIDERMAN, M. T. C. – **Dicionário Contemporâneo de Português**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

BIVAR, A. – **Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa**. Porto, Portugal, Ouro, 1948.

BOLÉO, M. de P. – **Brasileirismos (problemas de método)**. Portugal, Coimbra. Ed. Ltda, 1943.

BRANDÃO, S.A. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CÂMARA JR., J. M. - **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

CARDOSO, S.A M. (Coord.) **Caminhos e perspectivas para a Geolingüística no Brasil**. Salvador. Universidade Federal da Bahia / Instituto de Letras, 1996

_____ - **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do /Rio de Janeiro, 2002.

CARUSO, P. **Atlas lingüístico do Estado de São Paulo: Questionário**. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia / UNESP: Prefeitura Municipal de Assis. 1983.

CASCUDO, L. C. - **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9ª edição, Rio de Janeiro: Ediouro, 1962.

_____ - **Locuções tradicionais no Brasil**, São Paulo, Global, 2004.

CHAMBERS, J.K. et TRUDGILL, P. - **Dialectology**. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

CHASE, S. – **Power of words**, USA, Harcourt, Brace&World, Inc., 1954.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. – **Dicionário de símbolos**. 2ª edição, RJ, José Olympio, 1989.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB - **Atlas lingüístico do Brasil: questionários**. Londrina: Editora da UEL, 2001.

CONTI, M.F. **Para um dicionário das expressões idiomáticas e/ ou metafóricas do português (contemporâneo) do Brasil**. Tomo I, Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CORREA, R.H. M. A . **Barreiras culturais da Tradução: Um estudo de obras de Jorge Amado traduzidas para o inglês**. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

COSERIU, E. **Lições de lingüística geral**. Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

_____. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Trad. de Agostinho Dias Carreiro. Rio de Janeiro, Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.

_____. **O homem e a sua linguagem**. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: EDUSP, 1982.

CRUZ, M. L. C. – **Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

CUNHA, A . G. - **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. [et. al.] RJ, Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, C. – **A língua portuguesa e a realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Coleção temas de todo tempo 13, 1968.

DELUMEAU, J. – **O medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. Tradução Maria Lucia machado, tradução das notas Heloísa John. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Título original: *La peur em occident (XIV siècles): une cite assiegée*.

DOUGLAS, M. – **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUBOIS, J. et al. – **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUCROT, O. – **Princípios de semântica lingüística. (dizer e não dizer)**. São Paulo: Cultrix,. Título original: *Dire et ne pas dire – Príncipe de Sémantique Linguistique*. Tradução de Carlos Vogt, 1972.

DURHAM, E. R. (org.) - **Malinowski: Antropologia** . São Paulo: Ática, 1986.

ERVIN, S. – “A linguagem na psicologia humana”. In: **Panorama da Antropologia**. Portugal: Fundo de Cultura, 1966.

ENCARNAÇÃO, M. R.T. – **Estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades do município de Ilhabela**. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, defendida em 2005.

FERNANDES, F. – **Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa**. rev. e ampl. por Celso Luft, 41ª ed., São Paulo, Globo, 2002.

FERREIRA, A . B. de H. – **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, A . B. de H. – **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, C. da S. et al. - **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA / FUNDESC, 1987.

FERREIRA, C. et CARDOSO, S. - **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FOULCAULT, M. - **Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**, 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FRANCO, C. – **Dicionário de expressões populares brasileiras**. São Paulo, Unidas, s.d.

FREUD, S. – *Totem and Taboo*. Great Britain: Routledge & Kegan Paul, 1950.

GUÉRIOS, R. F. M. - **Tabus lingüísticos**. 2 ed. aum. São Paulo: Nacional, 1979.

HJELMSLEV, L. – **Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 1975.

HOUAISS, A. – **O Português do Brasil**. 3 ed., Rio de Janeiro: Revan, 1992.

HOUAISS, A . e VILLAR, M. S. - **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. – **Lingüística românica**. São Paulo: Ática, 1999.

IMAGUIRE, L. M.C. **Estudo com vistas a um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina abordagem dos aspectos lexicais**. 2 Volumes, 554p. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

_____ - “Análise de aspectos semântico-lexicais da lexia ‘cogumelo’ e variantes no EALISC” (pp. 95-103). In: **As Línguas do Brasil. Tipos, variedades regionais e modalidades discursivas**. Anais do III Encontro dos alunos de Pós-Graduação em Semiótica e lingüística Geral da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. - **Estudo Geolingüístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais.** Universidade de São Paulo, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

IORDAN, I. **Introdução à lingüística românica.** Trad. de Júlia Dias Ferreira. 2 ed., Lisboa: Fundação Calouste Guibekian, 1962.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. et ALTENHOFEN, C. V. – **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS – volume I: Introdução.** Porto Alegre/ Florianópolis/ Curitiba: Editora da UFRGS/ Ed. Da UFSC/Ed. Da UFFPR, 2002.

LADO, R. – “A comparação de duas culturas”. In: **Introdução à lingüística aplicada.** Petrópolis, Vozes, 1971.

LAPLANTINE, François - **Antropologia da doença.** trad. Walter, Lelis Siqueira, Martins Fontes, São Paulo, 1991, título original: *Anthropologie de la Maladie*, 1. ed. fevereiro de 1991.

LEACH, E. – “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal”, coletânea organizada por Roberto da Matta, *Edmund Leach*. São Paulo: Ática, (Coleção Grandes Cientistas Sociais, V. 38), 1983.

LE GOFF, J. - **As doenças tem história.** título original: *Les Maladies ont une Histoire*. 2. ed., Terramar, fev. de 1997, Lisboa, Portugal.

LEITE, J. A. **Metodologia de elaboração de teses.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

MALINOWSKI, B. – **Magia, Ciência e religião.** Título original: *Magic, Science and Religion*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa, Portugal, The Free Press por acordo com John Hawkins & Associates, 1984.

MARCUSCHI, L. - **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 1986.

MARQUES, M.H. (Org.) - **O vocabulário da fala carioca.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

MELO, G.C. - **A língua do Brasil.** Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

NASCENTES, A. - **Bases para a elaboração de um Atlas Lingüístico do Brasil.** Rio de Janeiro, Casa Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. – **Tesouro da fraseologia brasileira.** 3 ed. rev. por Olavo Anibal Nascentes – RJ, Nova Fronteira, 1986.

NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M. (orgs). *Uma história brasileira das doenças.* Brasília: Paralelo 15, 2004.

OLIVEIRA, S. A - **Expressões do populário sertanejo: Vocabulário e superstições**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1940

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs) – **Sociolingüística interacional**. 2ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002.

RODRIGUES, A N. - **O dialeto caipira da região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

ROSSI, N. - **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1963.

ROSSI, N. - **Atlas prévio dos falares baianos: introdução, questionário comentado e elenco das respostas transcritas**. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1965.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 4 ed., Salvador, 1955.

SANTOS, I.P. - **Considerações sobre um Atlas lingüístico da cidade de São Paulo: aspectos lingüísticos**. Anais do XI Congresso Internacional da Associação de lingüística e Filologia da América Latina, 1999.

SAPIR, E. - **Linguagem: introdução ao estudo da fala**. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, F. - **Curso de lingüística geral**. Trad. de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1970.

SCHAFF, A. – Linguagem, conhecimento e cultura. In: **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1976.

_____ - A objetividade da verdade histórica. In: **História e verdade**. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

SILVA NETO, S. - **Guia para estudos dialetológicos**. 2. ed. melhor. e ampl. Belém: CNPG / Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

_____ - **A Língua Portuguesa no Brasil: problemas**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

SOUZA, J.B. de; CAMPEDELLI, S.Y. *Minigramática*. 2.ed. São Paulo: Saraiva, (2001).

TARALLO, F. – **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

VIANNA, H. - **Folclore brasileiro - Bahia**. Rio de Janeiro: Portinho Cavalcanti, 1981.

WHORF, B.L. - **Lenguaje, pensamiento y realidade**. Barcelona: Barral, 1971. 306p.

ZÁGARI, M. et al. - **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**, v. 1, 1977.

ANEXO I - Questionário Semântico-Lexical (QSL)

I – Terra

1.2. FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

Relâmpago

... um clarão que surge no céu em dias de chuva?

Trovão

... o barulho forte que se escuta logo depois de um ... (cf. item 1.2.3)?

Nomes específicos para temporal/ tempestade

Existem outros nomes para ... (cf. item 1.2.5)?

Chuva de pedra

Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

Arco-íris

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?

Eclipse

O sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos

Estrela cadente

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca e faz um risco no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

2. CORPO HUMANO

Pomo-de-adão/gogó

(...) esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar*

Útero

(...) a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/ bebê antes de nascer?

Verruga

Pergunta formulada com base nos seguintes semas: “carne meio mole, qualquer parte do corpo, aparece quando se apontam as estrelas”

3. CICLOS DA VIDA

Menstruação

“As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”

Entrar na menopausa

“Numa certa idade acaba a/o ____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _”

4. CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

Prostituta

“... a mulher que se vende para qualquer homem?”

5. RELIGIÃO E CRENÇAS

Entidade-tabu

“entidade-tabu que anima o redemoinho”

6. DOENÇAS

Tuberculose

“Uma doença que a pessoa fica magra, amarela, tosse muito, às vezes escarra sangue?”

Erisipela

Pergunta formulada com base nos seguintes semas: “doença pouco comum, inchaço, dor, vermelhidão na pele, cura apenas com benzimento”

APÊNDICE :Quadro-resumo dos atlas analisados

	APFB	ALSE I	EALMG	ALPa	ALPR	ALSE II
Publicação	1963	1987	1977	1984	1994	2002
Localidades	50	15	Direta: 116 Indireta: 672	100	65	15
Pontos	599	15	116	25	65	15
nº perguntas	EQ= 182	700	415	289 (geral) 588 (específica)	325 questões	700
Informantes	100	30	302	107	130	Homem
Nº /tipo cartas	154 cartas lingüísticas 44 cartas- resumo	182 Lingüísticas e não lingüísticas	73 cartas 45 onomasiológicas 28 isófonas	149 cartas léxicas e fonéticas	191 cartas: 92= lexicais 70= fonéticas 29 isoglossas	108 -105 das quais são semântico- lexicais e 3 introdutórias
Autores	Rossi, Nelson et alii	Ferreira, C. da S. et alii	Zágari, Mário et alii	Aragão, M ^o do S. S. de	Aguilera, Vanderici	Cardoso, Suzana
Faixa etária	25 a 60 anos	30 a 60 anos	30 a 50 anos	30 a 75 anos	30 a 60 anos	30 a 60 anos
Metodologia	Interrogação indireta/ transcrição imediata	Baseada no APFB	Pesquisa direta (116)	entrevistas	entrevistas	entrevistas
Áreas semânticas	Terra e homem	Terra e homem	Tempo e folguedos infantis de rua	Terra, homem, família e utensílios domésticos, a ves e animais, plantação e atividades sociais	Terra e homem	Terra e homem
Tempo de confecção	1960-1963 (03 anos)	1973-1987 14 anos	6 anos	1979-1984 5 anos	4 anos	Nada consta

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA
GERAL

Laura de Almeida

À GUIA DE UMA TIPOLOGIA PARA OS TABUS
LINGÜÍSTICOS - PROPOSTA PARA UM GLOSSÁRIO

V.2

SÃO PAULO
2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

**À GUIA DE UMA TIPOLOGIA PARA OS TABUS LINGÜÍSTICOS
- PROPOSTA PARA UM GLOSSÁRIO**

Laura de Almeida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Semiótica e Lingüística Geral, do Departamento de
Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Doutora em Lingüística

Orientador: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

v.2

**SÃO PAULO
2007**

Glossário das expressões tabuizadas do português (contemporâneo) do Brasil

As convenções adotadas no Paradigma Pragmático (PP) são:

Nome da Fonte	Abreviaturas utilizadas
Atlas Prévio dos Falares Baianos	APFB
Atlas Lingüístico de Sergipe I	ALS I
Atlas Lingüístico de Sergipe II	ALS II
Atlas Lingüístico da Paraíba	ALPB
Atlas Lingüístico do Paraná	ALPR
Atlas Lingüístico de Minas Gerais	EALMG
Dicionário Aurélio B. H. Ferreira	FERREIRA
Dicionário Francisco Fernandes	FERNANDES
Questionário semântico-lexical	QSL
Teresa Batista Cansada de Guerra	TB
Tieta do Agreste, pastora de cabras ou a volta da filha pródiga	TIETA
Dicionário Cascudo	Cascudo
Dicionário Oliveira	Oliveira

As convenções adotadas no Paradigma Remissional (PR) são:

Adjetivo	adj.
Advérbio	adv.
Antífrase	ant.
Artigo	art.
Diminutivo	dim.
Disfemismo	disf.
Estrangeirismo	estrang.
Eufemismo	euf.
Fenômenos atmosféricos	fen. atm.
Hipocorístico	hipo.
Metáfora	metáf.
Metonímia	meton.
Particularidades físicas	part. fís.
Sintagma nominal	SN
Sintagma verbal	SV
Substantivo feminino	s.f
Substantivo masculino	s.m.
Verbo transitivo direto	v.t.d.
Verbo intransitivo	v.int.

1 nº de entrada 02	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo ADÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu metonímia	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL "...esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>) 8 contexto "20 (INF. B): Adão'. Referiu-se a seguir à história bíblica, completando: 'diz que é o pecado, né.'" "25 (INF. B): 'isso eles fala que é :: de Adão , né (...)." 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160 11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 49)		13 definição dicionarizada "adão². s.m. S.C.O. Pop. F. red. de <i>pomo-de-adão</i> (...)"
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 06 20 frequência 8,70%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo A FINA
4 cópua nº	5 tipologia tabu eufem.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL doença que ataca os pulmões deixa a pessoa muito fraca e tossindo muito		
8 contexto sc		
9 característica		
10 identificador de fonte ALSE II		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 20%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo A FININHA
4 cópua nº	5 tipologia tabu dim.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL doença que ataca os pulmões , deixa a pessoa muito magra e tossindo muito		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALSE II		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 901)	13 definição dicionarizada "[F. subst. do dim. do adj. fino¹] s.f. Bras. N.E. Pop. V. <i>tuberculose</i>]"	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 02		
20 frequência 40%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	AGUACEIRO
4 cópula nº	5 tipologia tabu eufemismo	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “uma chuva com vento forte que vem de repente?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 25		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:75)	13 definição dicionarizada “[De <i>aguaça</i> + <i>-eiro</i>] s.m. 1. Chuva repentina e de pouca duração; cordoada, manga d'água, pé d'água. V. salseiro (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,04%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	ALERGIA
4 córpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical
7 pergunta do QSL: 261		s.f.
8 contexto “01 (INF. A): Só decodificou como cobreiro e alergia.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 162, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não 12 fonte FERREIRA (2004:91)		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	13 definição dicionarizada “[De al (0)-+erg (o)+-ia] s .f. 1. Med. Designação de estado de hipersensibilidade causado por exposição a determinado antígeno, dito alergênico, sendo observadas reações imunológicas nocivas se houver subseqüentes exposições a este mesmo alergênico.]Designa, atualmente, hipersensibilidade a antígeno ambiental ou medicamentoso (..)”
		16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,94%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ALIANÇA
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “17 (inf. B): Na sequência: ‘aquilo uns trata arcuís , né outros trata aliança , agora num sei o qual é que tá certo, né’ (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:98)		13 definição dicionarizada “[Do fr. <i>alliance</i>] s.f. 1. Ato ou efeito de aliar (-se). [Sin. p.us.): <i>alliagem</i>] 2. Ajuste, acordo, pacto (...). 5. <i>Rel.</i> Cada um dos pactos que, segundo as Escrituras, Deus fez com os homens (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ALIANÇA DE CRISTO COM OS HOMENS
4 cópula nº	5 tipologia tabu metonímia	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?” 8 contexto “65 (inf. B): Comentou que a esposa tem uma bíblia que diz ser aquilo ‘a aliança de Cristo com os homens ’ e que ‘ arco-de-velho ’ era o pai que dizia. Observou também que: ‘no meu tempo [o] pai dizia que aonde que era, a criança tomando água ... era pirigoso que :: ela chupava a gente né, ingulia, né, porque se (es) tivesse perto, né ... ela tem uma grande pressão assim que chupava, né (...), perto é pirigoso (...).’ ” 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ALIANÇA DE JESUS
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical s.c.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “53 (inf. A): Na sequência: ‘arco-de-velho, arc (o) íli, aliança de Jesus.’ “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (1999:98)	13 definição dicionarizada “[Do fr. <i>alliance</i>] s.f. 1. Ato ou efeito de aliar (-se). [Sin. p.us.): <i>allagem</i>] 2. Ajuste, acordo, pacto (...0. 5. <i>Rel.</i> Cada um dos pactos que, segundo as Escrituras, Deus fez com os homens (...)	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	AMADA
4 cópula nº	5 tipologia tabu eufem.	6 categoria gramatical part. de amar
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “ 23 (inf. B): A primeira resposta foi: ‘amada’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,72%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	AMARRAR O FACÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher ...”		
8 contexto “63 Uma vez mais, espontaneamente, a propósito da pergunta 176 (MENOPAUSA): ‘justamente, quando a mulher perde os <i>tempo</i> , a gente falamos que ela <i>amarrou o facão</i> (cf. carta 96), não é?’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS, carta 92, APFB		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999; 870)	13 definição dicionarizada “ <i>facão</i> [De <i>faca</i> ¹ + <i>ão</i> ¹] s.m. 1.V. <i>faca</i> ¹ (...) <i>amarrou o facão</i> . Bras. Pop. BA. Chegar ao climatério (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTRAR NA MENOPAUSA
17 nota de uso 18 uso geográfico ALSI, BA		
19 registro 17 (ALSI), 41 (APFB)		
20 frequência 85% (ALSI), 95,35% (APFB)		

1 nº de entrada: 01	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo A PAPA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL "...esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>) 8 contexto "04 (inf. B): Antes de responder que não sabia o nome, perguntou ' a papa'?" 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não 12 fonte FERREIRA (2004: 1481)		
13 definição dicionarizada "papa2 [Do lat. <i>pappa</i> ou <i>papa</i> , 'comida (na linguagem infantil)'] s.f. (...) 2. qualquer substância mole e desfeita, quando cozida. 3. Qualquer sólido reduzido a consistência pastosa (...)"		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	AQUELA COISA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disfemismo	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “44 (inf. B): No decorrer do comentário sobre os costumes dos antigos, observou: ‘ali os antigos já dizia que se si importá, aquela coisa engole a pessoa, engole e sorto do outro lado (...)’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	AQUELA DOENÇA ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença pouco comum”, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento’		
8 contexto “39. (inf. B): Sobre remédios caseiros contra a erisipela, explicou: ‘quando dá aquela duença si ce tá no sítio, que mora, tem que lidá com foia de tartarova. Corta um pedaço de foia de bananera, põe um imprasto, quarqué coisa ... que seja de mel, coisa quente, pa i (r) disinchano. Intão desse jeito que nós fazia.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	AQUELA DOENÇA ² / (A)QUELA DOENÇA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito fraca e tossindo muito”		
8 contexto: “65 (inf. B): ‘(...) nós chamava pra (a) quela doença ... meu pai dizia qu(e) era ... <i>doença do pulmão</i> . No final da elocução, observou: ‘hoje tem [outro nome], a <i>tuberculose</i> , né”.		
9 característica		
10 identificador de fonte: ALPR, p. 166, carta 72		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	AQUILO ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical pron.dem.
7 pergunta do QSL “doença pouco comum”, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento’		
8 contexto “21 (inf. A): Inicialmente observou: ‘aquilo minha tia sempre binzia aquilo lá’ ”.		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 176)	13 definição dicionarizada “aquilo [Do lat. <i>eccum</i> , part. enfática + <i>illud</i> , ‘aquilo’] Pron. dem. 1. Aquela (s) coisa (s) (...) 2. <i>Deprec</i> ou ao invés, <i>apreciat</i> . Aquela pessoa (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,94%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião e crenças	AQUILO ²
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical pron. dem.
7 pergunta do QSL “entidade-tabu que animaria o redemoinho?”		
8 contexto “03 (inf. B): Sobre a crendice expôs: ‘falava que aquilo era um saci que tava no meio que vinha, carregava a gente.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 176)	13 definição dicionarizada “aquilo [Do lat. <i>eccum</i> , part. enfática + illud, ‘aquilo’] Pron. dem. 1. Aquela (s) coisa (s) (...) 2. <i>Deprec</i> ou ao invés, <i>apreciat</i> . Aquela pessoa (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística entidade-tabu
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCA DA ALIANÇA
4 corpus nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	euf.	SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “56 (inf. B): Indagado pelo ‘nome mais antigo’: ‘nos [tempos] antigo tratava uma arca da aliança’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 182)		13 definição dicionarizada “Arco [Do lat. <i>arca</i>] (...) Arca da Aliança . Arca onde os hebreus guardavam as tábuas da lei (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCA-DE-NOÉ
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical s.c.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “Os informantes 22B e 49B referiram-se à arca-de-Noé .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 182)		13 definição dicionarizada “ Arca . [Do lat. <i>arca</i> (...)] Arca de Noé . Embarção que, segundo a Bíblia, Noé construiu por ordem de Deus, e onde refugiou-se com sua família, e casais de animais, para sobreviver ao dilúvio [cf. <i>arca-de-noé</i>] (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCO
4 córpus nº	5 tipologia tabu metonímia	6 categoria gramatical
s.m.		
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 30		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 184)		13 definição dicionarizada “[De arco+ o mit. Íris (a mensageira da deusa Juno) que vinha do céu caminhando por este arco] (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,38%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCO-CELESTE
4 cópula nº	5 tipologia tabu eufem.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?” 8 contexto “44 (inf. A): A resposta ocorreu na repregunta: ‘nós lá no mato falava arco-de-véio , mas aí é arco-celeste .’ ” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58 / ALPB, carta 30/ ALS I, carta 4 11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 184)		13 definição dicionarizada “arco-celeste. S.m. V. arco-íris [Pl.: arcos-celestes]:
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR, PB		
19 registro 01 (ALPR)/ 24 (ALPB) ; ALS I (01)		
20 frequência 5,56% (ALPR); 57,14% (ALPB); 50% (ALS I)		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. Atm.	ARCO-DA-ALIANÇA
4 córpus nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 1		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 184)	13 definição dicionarizada “[De <i>arco+da+aliança</i> (a aliança que, segundo o Gênese, Deus fez com os homens, após o dilúvio)] S.m. V. arco-íris [Pl.: <i>arcos-da-aliança</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG		
19 registro 03		
20 frequência 4,29%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCO-DA-NOVA-ALIANÇA
4 corpus nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “62 (inf. A): Indagada ‘por outro nome’: ‘arco-da-nova-aliança, tamém.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCO-DE-VELHO
4 corpus nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “ 53 (inf. A): Na sequência: ‘arco-de velho, arc (o) íli, aliança de Jesus’. “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58 / APFB [11] [T126]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR/BA		
19 registro 03 (ALPR) / 09 (APFB)		
20 frequência 16,67% (ALPR)/ 40,91% (APFB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCO-DA-VELHA
4 cópula nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	hipo.	SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “15 (inf.B): Sobre o arco-da-velha , comentou: ‘mais é criança, né, els vai na escola e eles vêm quesse [= com ess] negócio aí? Sobre credices: ‘(...) então eles fala assim: que o lugá queli [= em que ele] desce ali é onde que tem, vai, que tem um pote de oru.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58 / APFB/ EALMG		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:184)	13 definição dicionarizada “[De arco+da+velha (lei)] s.m. Pop. V. arco-íris [Pl. <i>arcos-da-velha</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso ““o arco-da-velha da imaginação popular fornece motivo para diversos abusões; assim é que, achando-se voltado sôbre alguma correnteza, esta a sugar-lhe as águas que, levadas às nuvens, transformam-se em chuvas; se se aproxima alguém nesse momento, corre o risco de ser arrebatado pelos ares onde é consumido. É êle que conduz os peixes dos rios para os regatos e lagoas, explicando-se, assim, a existência dêsses pequenos vertebrados nos lagos e lagunas isolados de outras correntes aquáticas.” (p.180)		
18 uso geográfico PR, MG, BA		
19 registro 01 (ALPR); 55 (EALMG); 13 (APFB)		
20 frequência 11,11% (ALPR); 78,57% (EALMG); 59,09% (APFB)		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCO-DO-SOL
4 cópua nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 1		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG		
19 registro 03		
20 frequência		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARCO INSELENT (E)
4 cópua nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	expr. gen.	SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 4		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 50%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARREBENTO ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical
		s.m.
7 pergunta do QSL “... o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”		
8 contexto “42 (inf. A): ‘raio’. Reperguntando: ‘daí é arrebento ’. “		
“41 (inf. A): ‘ Trevuada ’. Na repergunta: ‘arrebento, né?’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim mas com outro sentido () não		
12 fonte	13 definição dicionarizada * “arrebento. [De ar ² + <i>rebento</i>] s.m. V. <i>rebento</i> .”	
*FERREIRA (1999: 1713)		
**FERREIRA (1999:1713)	** “ rebento . [Dev. de rebentar] s.m. 1. Bot. Broto (2) que dá origem a outra planta; retilho, renovo. 2. V. broto (2). 3. V. gema (3). 4. Fir. Filho; descendente (...) 5. Fig. Fruto, produto [Var.: <i>arrebento</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 11,76%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ARREBENTO ²
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical
		s.m.
7 pergunta do QSL “... um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto “31 (inf. B): Inicialmente decodificou como estiagem. Na repregunta, registrou: ‘ah, a carmariada (...) ô dize curisco . Curisco , qué dizê quando dá (a) quele arreberto.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30		
11 termo dicionarizado (X) sim mas com outro sentido () não		
12 fonte *FERREIRA (1999: 198)		13 definição dicionarizada * “ arreberto . [De ar ² + <i>rebento</i>] s.m. V. <i>rebento</i> .”
**FERREIRA (1999:1713)		** “ rebento . [Dev. de rebentar] s.m. 1. Bot. Broto (2) que dá origem a outra planta; retilho, renovo. 2. V. broto (2). 3. V. gema (3). 4. Fir. Filho; descendente (...) 5. Fig. Fruto, produto [Var.: <i>arreberto</i>]”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
		ARREVENTO
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu mod. fon.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL "... o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?"		
8 contexto "53 (inf. A): Inicialmente: 'trevuada'. Na repregunta: '(a) quele é um arrevento que dá'."		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 2,94%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	AS BARRAS
4 cópula nº	5 tipologia tabu metonímia	6 categoria gramatical SN.
7 pergunta do QSL "Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?"		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 30		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 272)	13 definição dicionarizada "barras. [Pl. de <i>barra</i>] s.f. pl. A primeira claridade do dia, ou a cor avermelhada do céu, ao pôr-do-sol. V. <i>barra</i> ."	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 04		
20 frequência 9,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	AS COISA
4 córpus nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	disf.	SN
7 pergunta do QSL “doença pouco comum”, “inchaço”, “dor”, “vermelhidão na pele”, “cura apenas com benzimento” 8 contexto “44 (inf. B): A doença foi assim descrita: é as coisa que dá cocera e fareleia a perna da pessoa.” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344 11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 498)		13 definição dicionarizada “coisa [Var. de <i>cousa</i>] s.f. 1. Aquilo que existe ou pode existir (...) 10. Pop. Perda dos sentidos, ou mal-estar ou indisposição indeterminada; troço (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		ERISPELA
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	AS REGRAS
4 cópua nº	5 tipologia tabu expr.gen.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1732)	13 definição dicionarizada “regras [Pl. de regra] s.f. pl. 1. Pop. V. <i>menstruação</i> (1) [Tb. us. no sing] (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 04		
20 frequência 6,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	AS TORRES
4 cópua nº	5 tipologia tabu metonímia	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 30		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1977)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>turre</i> (cláss. <i>tunim</i>] s.f. 1. Edifício alto que se construía principalmente para defesa em caso de guerra; fortaleza (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 02		
20 frequência 4,76%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	(A) TACA OS PURMÃO
4 cópua nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões deixa a pessoa muito fraca e tossindo muito”		
8 contexto “51 (inf. A): A resposta inicial completa foi: ‘da gripe dá pantamonia. Às vezes dá :: (a) taca os purmão, né, daí ... vai vê que os que tem farta de ar daí escarra sangue, né’. Na repergutna: ‘doença da magra’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	ATACAR OS PULMÕES
4 cópua nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões deixa a pessoa muito fraca e tossindo muito”		
8 contexto “09 (inf.B): Inicialmente respondeu: ‘anímia, tiriça e hepatite é braba tamém’. A resposta adequada ocorreu na repergunta, insistindo-se no sema ‘atacar os pulmões.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		
21 obs:		

1 nº de entrada: 01	2 campo semântico convívio	3 unidade fixa ou termo À-TOA
4 cópula nº	5 tipologia tabu elipse	6 categoria gramatical loc. adv.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 112		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 223)	13 definição dicionarizada “à-toa [De à1 + toa] (...) 6. Diz-se de pessoa que se prostitui [cf. à toa, loc. adv., e <i>atoa</i> , do v. <i>atoar</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 3,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo AVE-MARIA
4 cópula nº	5 tipologia tabu eufem.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “06 (inf.A): ‘aqui nós fala ave-Maria (...) falo que choveu ave-Maria né, costume da gente’. Perguntou-se por simpatias para fazer a chuva parar: ‘(...) é jogé um punha (do) de mio [=milho], né, jogá litro branco também é bom, quan (do) ta caino assim’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 25, p. 72		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:239)	13 definição dicionarizada “[De <i>ave</i> ² +hier. <i>Maria</i>] s.f. Rel. Oração católica em louvor de Nossa Senhora, e que começa com a saudação: Ave, Maria (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 1,65%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	BACIA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical
		s.f.
7 pergunta do QSL “Como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “18 (inf. A): A primeira resposta foi: ‘bacia’. “		
“43 (inf.A): Indagada por um nome mais comum: ‘uns fala bacia , outros fala utro ’(...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 250)	13 definição dicionarizada “Bacia [Do lat. tard. <i>bacia</i> , pelo fr. ant. <i>bassie</i> , poss.] s.f. 12. Anat. Porção inferior do esqueleto do tronco, limitada, anterior e lateralmente, pelos ossos ilíacos, e, posteriormente, pelo sacro e pelo cóccix; pelve (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR, BA, PB		
19 registro 03 (ALPR); 02 (APFB); 01 (ALPB)		
20 frequência 5,17% (ALPR); 5,56% (APFB); 11,11% (ALPB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. Atm.	3 unidade fixa ou termo BARCA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (Mímica) e faz um risco de luz. Como chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:270)		13 definição dicionarizada “barca. [Do lat. tard. <i>barca</i>] s.f. Antigo navio à vela, de mastreação constituída por gurus e três mastros latinos; brigue-barca (...),”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ESTRELA CADENTE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico convívio	3 unidade fixa ou termo BARREDEIRA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB [82]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 10		
20 frequência 14,29%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	BARRIGA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical
		s.f.
7 pergunta do QSL “Como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “12 (inf. B): Para o nome mais comum ocorreu: ‘barriga’.”		
“20 (inf. B): A resposta completa foi: ‘ ovário , num é, num intendo muito (...) a gente falava barriga , mais num sabe o nome da peça’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte	13 definição dicionarizada “[De <i>barrica</i>] s.f. 1. V. <i>abdome</i> . 2. Bojo, saliência, protuberância. 3. Ventre (3) (...)”	
“Bacia”: FERREIRA (1999: 273)		
“ventre”: FERREIRA (1999: 2057)	“[Do lat. <i>ventre</i>] s.m. 1. Cavidade abdominal 2. Abdome (1). 3. A proeminência externa do abdome; barriga. 4. <i>Poét. V. útero</i> (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 6,90%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	BARRIGA DA MÃE
4 cópua nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical S.ADV.
7 pergunta do QSL “Como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “16 (inf. B): Reformulando-se duas vezes a questão registrou: ‘fica na barriga da mãe’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,72%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo BASTANTE TROVÃO
4 cópua nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical adv. + s.m.
7 pergunta do QSL		
8 contexto “16 (inf. A): 'relâmpio. Repetiu-se a pergunta três vezes e em cada uma ocorreu uma resposta diferente: 'raio', 'trovejando', 'bastante trovão'.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 28		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,89%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo BERRUGA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “dizem que, quando se apontam as estrelas, nasce o quê na pessoa?” 8 contexto		
9 característica “carne meio mole”, “aparece quando se apontam as estrelas”		
10 identificador de fonte ALPR, carta 136		
11 termo dicionarizado (X) sim () não 12 fonte FERREIRA (1999: 292)		
13 definição dicionarizada “Berruga [Do lat. <i>verruca</i>] s.f. 1. Derm. Tumor epidérmico de origem virótica. 2. Derm. P. ext. Ploriferação epidérmica de que há vários tipos, semelhante à verruga (1) benigna, de origem outra que não virótica. 3. Bot. Pequena protuberância rugosa [Var. (bras. pop.): <i>berruga</i>]”		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística VERRUGA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 17,65%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpua nº	corpo humano 5 tipologia tabu	BERRUGUINHA 6 categoria gramatical
	dim.	s.f.
7 pergunta do QSL “dizem que quando se apontam as estrelas, nasce o quê na pessoa?”		
8 contexto “25 (inf. A): Na repregunta registrou ainda: ‘berruguinha’.”		
9 característica “carne meio mole”, “aparece quando se apontam as estrelas”		
10 identificador de fonte ALPR, carta 136, p. 294		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 292)	13 definição dicionarizada “Berruga [Do lat. <i>verruca</i>] s.f. 1. Derm. Tumor epidérmico de origem virótica. 2. Derm. p. ext. Ploriferação epidérmica de vários tipos, semelhante à verruga (1) benigna, de origem outra que não virótica. 3. Bot. Pequena protuberância rugosa [Var. (bras. pop.): <i>berruga</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		VERRUGA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,88%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	BICHINHO
4 cópula nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	dim.	s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 296)		13 definição dicionarizada “[Dim. de <i>bicho</i>] El. s.m. Us. na loc. s.m. <i>meu bichinho</i> (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 6,06%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	BICHO
4 cópula nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	disf.	s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 296)		13 definição dicionarizada “ bicho [Do lat. vulg. <i>bestiu</i> < lat. <i>bestia</i> S.m. (...) 17. Bras. V. diabo (2) (...)”
14 forma completa		“ Diabo [Do gr. <i>diábolos</i> , pelo lat. ecles. <i>diabolus</i> . S.m. 1. V. <i>demônio</i> (...)] [Para não enunciar o nome diabo, a superstição popular substitui-o por muitos outros, como : (...) bicho (...)] (A palavra diabo, e bem assim a quase totalidade dos seus sinônimos, escreve-se comumente com cap.)] (...)”
	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		

20 frequência 3,03%

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	
4 cópua nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	
4 cópua nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	BOI
4 corpúsculo nº	5 tipologia tabu ironia	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, [67], [H322] / ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 312)	13 definição dicionarizada “boi¹ [Do lat. <i>bove</i>] s.m. (...) 10. Bras. Gír. Meretriz 11. Bras. N.E. V. <i>menstruação</i> (1) (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística MENSTRUÇÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA, PB		
19 registro 37 (APFB) / 14 (ALPB)		
20 frequência 74% (APFB); 23,33% (ALPB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	BOIADA
4 corpúsculo nº	5 tipologia tabu ironia	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 313)	13 definição dicionarizada “boiada [De boi¹+ -ada¹] S.m. Bras. Boiada grande.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística MENSTRUÇÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 2,00%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	BOLA DO PECADO
4 cópuz nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)		
8 contexto “37 (inf. A): nós dizemo que é o pecado ... a bola do pecado.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	BOLA NO PESCOÇO
4 cópuz nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)		
8 contexto “45 (inf. A): ´esse é uma bola no pescoço (...). Fruta que o Adão comeu. ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	BOLSA
4 cópuz nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “15 (inf. A): No teste de identificação para mãe do corpo relatou: ‘a mãe do corpo diz que é a bolsa que tem den (tro) da barriga né, que alimenta a criança.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 316)	13 definição dicionarizada “bolsa ¹ ‘Do gr. býrsa odre de vinho’, pelo lat. <i>bursa</i>] (...) 6. Cavidade que contém secreção, ou outro fluido (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 6,90%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. Atm.	BRIGA DA LUA MAIS SOL
4 cópuz nº	5 tipologia tabu hipocorístico	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ECLIPSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu disf.	BRONQUITE 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito.”		
8 contexto “25 (inf. A): A resposta completa foi: ‘tem o bronquite que ataca o pulmão também (...) a duença dos purmão que ataca muito e fica muito magro e a pessoa cai. Se num tratá morre memo (...) otos fala hética , otos fala duença dos purmão .’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 335)	13 definição dicionarizada “[De <i>bronqu</i> (i)- + =ite¹. s.f. Pneum. Inflamação brônquica [Sin `brs. pop.): <i>carregação do peito</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 15		
20 frequência 23,08%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu euf.	CAI ALGUM CORISCO 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 7		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 7,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CAIEIRA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “51 (inf. B): ‘tição de fogo de caieira de São João Maria também é bom (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:360)	13 definição dicionarizada “[<i>De caieira</i> ² , poss.] s.f. 1. Fábrica de cal. Forno onde se calcina o calcário para a fabricação da cal. 3. Bras. Forno de olaria construído com os próprios tijolos que vão cozer. 4. Bras. V. sambaqui. 5. Bras. SP. V. carvoeira (1). 6. Bras. V. <i>balão</i> (11).”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 2,48%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	CAIR O FACÃO 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher ...”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ENTRAR NA MENOPAUSA
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 2,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen.atm.	CAMBUEIRO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 7		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 376)	13 definição dicionarizada “[De <i>cambueiras</i>] s.m. 1. Bras. Vento tempestuoso que sopra do Sul. 2. Bras. BA. Aguaceiro que cai antes das primeiras trovoadas do ano. [cf. <i>cambueiras</i>]. “	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 7,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	CAPETA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto . “65 (inf. A): Sobre a crendice explicou: ‘a siora me desculpa, mas vô falá o que eles falavam. Diz que era o capeta que passava por perto’.		
“7 (inf. B): ‘tinh (a) o capeta lá dentro.’		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:396)	13 definição dicionarizada “[De <i>capa</i> 1 + <i>eta</i> (ê)] s.m. <i>Fam.</i> 1. V. diabo (2). 2. Traquinas, capetinha.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 12		
20 frequência 18,18%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	CAPETINHA
4 cópula nº	5 tipologia tabu dim.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto “02 (inf. B):” (...) diz que parece, que o capetinha ta aí dentro aí, né”		
“03 (inf.A): ‘(...) alembro quano minha mãe falava que num podia ir na __ que tinha o capetinha lá.’ ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 396)	13 definição dicionarizada “capetinha [De <i>capeta</i> + - <i>inha</i>] S. 2g. Bras. V. <i>capeta</i> (2)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 3,03%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	religião/ crenças 5 tipologia tabu expr. gen.	CARAMUJO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto N/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 403)	13 definição dicionarizada “[Do esp. <i>escaramujo</i> , 'roseira silvestre de fruto edule'; 'caramujo', com aférese, poss.] s.m. 5. Bras. esquisitão, ensimesmado.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		ENTIDADE-TABU
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	CAROCINHO
4 cópula nº	5 tipologia tabu dim.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “59 (inf. A): Registrou inicialmente como gogó referindo que Adão: ‘inguliu a fruta do pecado (...) paro (...) fico ali (a) quele carocinho.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	CAROÇO
4 cópulus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “41 (inf.b) Depois de se reformular várias vezes a questão respondeu: ‘dizemo garganta. Insistindo-se para ‘outro nome’> ‘diz caroço , né.”		
“55 (inf.B): A resposta completa foi: ‘isso aí diz que é formado do tempo de Adão e Eva qu (e) inguliu a fruta e par}o aqui e fico esse caroço aqui, né, mas o nome eu num lembro o nome disso aí, não.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 413)	13 definição dicionarizada “(...) s.m. (...) 4. Pop. Glândula enfiartada e endurecida; íngua s. Pop. Tumor ou erupção cutânea (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 05		
20 freqüência 7,25%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	CAROÇO DA GARGANTA
4 cópulus nº	5 tipologia tabu hipo.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “05 (inf. B): Na repregunta a resposta completa foi: ‘eis fala que só home tem por causo da fruta do Adão . Insistindo-se. Num lembro ... caroço da garganta, caroço da fruta.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p.160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 freqüência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	CAROÇO DA MAÇÃ
4 cópulus nº	5 tipologia tabu hipo.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “54 (inf. B): Na repregunta: ‘é caroço , né (...) caroço da maçã .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p.160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 freqüência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	CAROÇO DO PECADO
4 cópulus nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “29 (inf. B): ‘esse caroço aí é o caroço do pecado, Adão, né, Adão.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p.160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 freqüência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu metáfora	CAROÇO DO PESCOÇO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “44 (inf. B): Na repregunta: ‘é a fruta do Adão que ele ... Eu conheço por caroço do pescoço isso aí.’ ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p.160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu expr. gen.	CHAGA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito.”		
8 contexto “04 (inf. B): Decodificou inicialmente como: ‘chaga, câncer’. Reformulando-se registrou: ‘bronquite’”.		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 451)	13 definição dicionarizada “(...) s.f. 1. Ferida aberta; úlcera. 2. A cicatriz deixada por essa ferida. 4. Fig. Coisa que penaliza. 5. Fig. Aquilo que produz males ou prejuízos (...) 6. Fig. Desgraça, infortúnio ~V. Chagas.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu hipo.	CHAMA-CHUVA 6 categoria gramatical s.comp.
7 pergunta do QSL "Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?" 8 contexto "24 (inf.A): Sobre o arco-íris , comentou: 'eles fala que é chama-chuva, um que dá um lado do outro assim, que é amarelo e azul, o arco, o arco-da-véia , né, que eles fala. É, eis [= eles] come assim, né, dum coro no outro. Eles fala que é o arco-da-véia , né. "		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta18, P. 58		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso 18 uso geográfico PR 19 registro 01		
20 frequência 5,56%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu dim.	CHICO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL " as mulheres perdem sangue todos os dias. Como se chama isso?" 8 contexto S/ C 9 característica		
10 identificador de fonte APFB, carta 67/ ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 455)	13 definição dicionarizada "chico1 [hipocorístico de Francisco] s.m. (...) 2. Bras. Pop. V. <i>menstruação</i> (1) (...)"	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUÇÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico BA/ PB 19 registro 01 APFB / 05 ALPB		
20 frequência 1,89% (APFB); 8,33% (ALPB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	religião/ crenças 5 tipologia tabu part. fís.	CHIFRUDO 6 categoria gramatical adj.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto N/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (x) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 460)	13 definição dicionarizada “[De chifre + -udo] Adj. 1. Bras. Que tem chifres. 2. Bras. Chulo V. corno (11). S.m. 3. Bras. Chulo V. corno. (9)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen.atm.	CHUVA BOA
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 25		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,04%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen.atm. 5 tipologia tabu disf.	CHUVA BRABA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 25		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso 18 uso geográfico PB		
19 registro 02		
20 frequência 4,08%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA COM GRANITO
4 corpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “54 (inf. B): Respondeu de início: ‘é granito , né chuva com granito (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA DE ARROZ
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL 10 “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “47 (inf.B): Inicialmente: ‘chuva de pedra’. Para outro nome: ‘tempestade, pedreira e tempo feio’. Quando indagado se se podia falar chuva de pedra, comentou: ‘agora o certo num pode falá, né, quela [= porque ela] ingrossa. Então a gente diz chuva de arroz, chuva de feijão, qualquer coisa, em nome de Deus. Daí ele já passa.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso “as principais simpatias para afastar a chuva de pedra foram apresentadas pelos informantes dos pontos lingüísticos e das formas seguintes: a) jogar, no terreiro, uma peneira de taquara trançada em cruz, de boca para cima; b) atirar sal no fogo, no quintal ou no telado; d) acender uma vela benta (...)”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA DE FEIJÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “47 (inf.B): Inicialmente: ‘chuva de pedra’. Para outro nome: ‘tempestade, pedreira e tempo feio’. Quando indagado se se podia falar chuva de pedra, comentou: ‘agora o certo num pode falá, né, quela [= porque ela] ingrossa. Então a gente diz chuva de arroz, chuva de feijão, qualquer coisa, em nome de Deus. Daí ele já passa.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso “as principais simpatias para afastar a chuva de pedra foram apresentadas pelos informantes dos pontos lingüísticos e das formas seguintes: a) jogar, no terreiro, uma peneira de taquara trançada em cruz, de boca para cima; b) atirar sal no fogo, no quintal ou no telado; d) acender uma vela benta (...)”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA-DE-FLOR
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “01 (inf. A): Como 'outro nome' ocorreu: “tem chuva-de-flor , né. Perguntouse qual o melhor nome para o fenômeno: ' chuva-de-flor [por que] diz que num é bom falá chuva de pedra ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 25, p. 72		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso ALPR, carta 25: “Tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas – portanto tabuizado – sobretudo entre os informantes mais idosos e de menos escolaridade. Por isso, optamos por elaborar uma carta especialmente com os registros de chuva-de-flor e chuva-de-rosa , acompanhada das notas que abordem as crendices e simpatias mais usadas para evitar tal desastre na agricultura.” “as principais simpatias para afastar a chuva de pdera foram apresentadas pelos informantes dos pontos lingüísticos e das formas seguintes: a) jogar, no terreiro, uma peneira de taquara trançada em cruz, de boca para cima; b) atirar sal no fogo, no quintal ou no telado; d) acender uma vela benta (...)”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 16		
20 frequência 13,22%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA-DE-FLORE (S)
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “28 (inf. A): 'eu falo chuva-de-pedra , mai (s) no sítio nói (s) falava chuva-de-flor (s) ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 25		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 1,65%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA DE GRANITO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “08 (inf. B): 'aí, se chama chuva de granito .' “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 07		
20 frequência 5,79%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA DE GRANIZO
4 córpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?” 8 contexto “06 (inf. B): 'na repergunta: 'nói (s) fala granismo (...) tem gente que fala pedra, né mais a gente viu falá na televisão aí é granizo, né, chuva de granizo .' “ 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24 e 25		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 05		
20 frequência 4,13%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA DE NEVE
4 córpus nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?” 8 contexto “53 (INF. a): ‘... pedra , que cai aquela ped (dra) de gelo, né’. Ao mencionar a neve , perguntou-se se eram iguais: ‘não é ... a chuva de neve é aquelas manga ... vai caindo, né ... chuva de pedra cai as pedra mesmo.” 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen.atm.	CHUVA DE REPENTE
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para __?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,04%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA-DE-ROSA
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “16 (inf.B): Perguntado se se podia falar chuva de pedra, comentou: ‘é diz que num pode falá (...) eles fala, acho que pe granízio , né, chuva de :: chuva-de-rosa’. Sobre simpatias para parar a chuva de pedra, retalou: ‘meu vô, ele tem uma simpatia (...) ele pegava e rezava, ficava rezando assim no quarto, mais não dexava a gente escutá nada quele [= o que ele] falava ... ele tinha um :: papelzinho na mão escritinho ... então ele rezava ali e ali ele escondia (a) quele lá.” carta 25 “ 33 (inf. B): ‘Nóis si tratamo (...) granito . Deu uma chuva de granito, rosa , uma chuva de rosa .” carta 24 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 25 (p. 72) e carta 24 (p. 70)		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso ALPR, carta 25: “Tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas – portanto tabuizado – sobretudo entre os informantes mais idosos e de menos escolaridade. Por isso, optamos por elaborar uma carta especialmente com os registros de chuva-de-flor e chuva-de-rosa , acompanhada das notas que abordem as crendices e simpatias mais usadas para evitar tal desastre na agricultura.” “as principais simpatias para afastar a chuva de pedra foram apresentadas pelos informantes dos pontos lingüísticos e das formas seguintes: a) jogar, no terreiro, uma peneira de taquara trançada em cruz, de boca para cima; b) atirar sal no fogo, no quintal ou no telado; d) acender uma vela benta (...)” 18 uso geográfico PR 19 registro 02 (carta 24, p. 70) / 04 (carta 25, p. 72) total= 06 20 frequência 4,96% 21 obs		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	CHUVA DE VENTO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 04		
20 frequência 8,16%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CHUVA FORTE ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 03		
20 frequência 23,08%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópus nº	fen.atm. 5 tipologia tabu disf.	CHUVA FORTE ² 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 02		
20 frequência 4,08%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen.atm.	CHUVA GRANDE
4 cópus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,04%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu disf.	CHUVA GROSSA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 09		
20 frequência 18,37%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu euf.	CHUVA PASSAGEIRA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 03		
20 frequência 6,12%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu disf.	CHUVA PESADA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 04		
20 frequência 8,16%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu euf.	CHUVA UM POUCO GROSSA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 7		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 7,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu disf.	CHUVADA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,04%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu disf.	CHUVAS DE AGUACEIROS FORTES 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 7		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 7,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen.atm. 5 tipologia tabu dim.	CHUVINHA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 7		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:462): chuvinha FERREIRA (2004: 462): chuvisco		13 definição dicionarizada “[De <i>chuva</i> + <i>-inha</i>] s.f.V. <i>chuvisco</i> (1)” “ chuvisco [De <i>chuva</i> + <i>-isco</i>] s.m.1. Chuva miúda, fina (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 02		
20 frequência 15,38%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen.atm.	CIRCO ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu meton.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL "Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?"		
8 contexto "04 (inf. A): Inicialmente, afirmou que se tratava do: 'circo, a gente trata pelo circo , aquele que (a) parece de assim, de várias cores."		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 16,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CIRCO ²
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos”		
8 contexto “11 (inf. B): ‘A resposta completa foi: ‘nóis tratamo circo (...) deu um circo na lua, deu um ... iscuridão.’” “31 (inf.B): Referiu-se inicialmente ao ‘tempo dos fogo’[incêncio nas mata] e quando ‘ circo no sol’. Reformulando-se a questão, decodificou como: ‘daí o tempo ta de chuva, daí tem uma nuvem em frente o sol’. Foi necessário reformular novamente a questão para que respondesse: ‘é o ____ da lua (...) diz que é uma serpente que diz que qué come à lua (...)’”. 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 152, p. 326 11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ECLIPSE
17 nota de uso ALPR, carta 152, p. 326: “Inicialmente formulava-se a questão com base nos semas ‘escurecer de dia’, ‘lua tapando o sol’. Dada a dificuldade de se obter a resposta desejada, talvez por insuficiência de dados que permitissem a pronta decodificação – por sugestão de um informante – acrescentaram-se dados relativos aos danos provocados pelo eclipse na lavoura, tais como ‘amarelar a plantação do feijão, ‘enrolar as folhas das plantas’, entre outros. ^ 18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 25%		
21 obs “Referiram-se ainda à simpatia de colocar litros incolores cheios de água, em cruz, na roça para evitar danos à lavoura (...) ou acender vela benta...; ou ainda colocar enxada ou foice velhas, com a lâmina para cima na roça ...”		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu disf.	COBREIRO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL 261		
8 contexto “01 (inf. A): Só decodificou como cobreiro e alergia .”		
9 característica semas “doença pouco comum”, “inchaço”, “dore”, “vermelhidão na pele”, “cura apenas com benzimento”.		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (x) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 488)	13 definição dicionarizada “[De <i>cobra</i> + <i>-eiro</i>] s.m. Bras. V. <i>cobreiro</i> .” FERREIRA (2004:488): “(...) s.m. Pop. O herpes-zoster, assim dito por se afigurar ao povo ser essa dermatose produzida pelo contato da roupa sobre a qual passasse alguma cobra; cobreiro, cobro.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 11		
20 frequência 16,18%		

1 nº de entrada	2 campo semântico religião/ crenças	3 unidade fixa ou termo COISA FEIO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto N/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico religião/crenças	3 unidade fixa ou termo COISA RUIM
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL		
8 contexto “Trincheiras conquistadas, destruídas uma a uma pelo Coisa Ruim.”		
9 característica		
10 identificador de fonte TIETA, p. 183, 1º§		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 494)	13 definição dicionarizada “coisa-ruim [Var. de <i>cousa-ruim</i>] s.m. Bras. Cabo-ver. Pop. V. diabo (2) [Pl: <i>coisas-ruins</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística DIABO
17 nota de uso		
18 uso geográfico NE		
19 registro 01		
20 frequência		

1 nº de entrada	2 campo semântico religião/crenças	3 unidade fixa ou termo COISINHA FEIO
4 cópula nº	5 tipologia tabu dim.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ENTIDADE TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo COISO DE ADÃO
4 corpus nº	5 tipologia tabu hipo.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>) 8 contexto “ 13 (inf. A): A resposta completa foi: ‘esse é o :: jaca, o coiso de Adão (...) a fruta do Adão, né, (a) gora num sei.’” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160 11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo COMETA
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco d eluz. Como chamam isso?” 8 contexto S/C 9 característica 10 identificador de fonte EALMG, carta 22 11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 504)	13 definição dicionarizada “[Do gr. <i>kométes</i> , pelo lat. <i>cometa</i>] S.m.1. Astr. Astro de luminosidade fraca, formado por um grupo de pequenas partículas sólidas, com envoltório gasoso, e que gira em torno do Sol em órbitas elípticas muito alongadas, algumas das quais praticamente parabólicas, e nalguns casos aparentemente hiperbólicas. Na proximidade do Sol, por efeito da pressão de radiação, forma-se em grande número de cometas uma longa cauda, que se estende a milhões de quilômetros (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ESTRELA CADENTE
17 nota de uso 18 uso geográfico MG 19 registro 15 20 frequência 18,07%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo CONGO
4 córpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “ 17 (inf. A): congo.” “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 528)	13 definição dicionarizada “congo ¹ [Do top. Congo (África) s.m. 1. V. <i>congolês</i> (3). 2. V. banto (3) 3. Designação genérica de escravo banto dos antigos reinos do Congo e do Cacongo (...)].”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo CONGÓ
4 córpus nº	5 tipologia tabu hipo.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “64 (inf.A): ‘congó’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CORISCO ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “como se chama o clarão que se forma no céu antes de chover ou durante a chuva?”		
8 contexto “ 19 (inf. B): Inquirido por ‘outro nome’: ‘ah, eles falam relampo , outros dizem que aquele relampo é corisco , né.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, questão 43		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 553)	13 definição dicionarizada “[Dev. de <i>coriscar</i>] S.m. 1. Faísca elétrica. 2. Centelha que fende as nuvens eletrizadas sem se ouvirem trovões [sin. pop. (nesta acepç, no RS): <i>mandado de-deus</i> ou apenas <i>mandado</i>] (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CORISCO ²
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 553)	13 definição dicionarizada “[Dev. de <i>coriscar</i>] s.m. 1. Faísca elétrica 2. centelha que fende a nuvens eletrizadas sem se ouvirem trovões [sin. pop. (nesta acepç. no RS) (...)]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 7,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CORISCO ³ / CURISCO ³
4 córpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL 8 contexto “23 (inf. B): 'é às vez eles fala trevuada, às vez é o raio, curisco, né, pirigosos que tá sempre tá seno pirigoso (a)qui pra nós '.” “13 (inf.B): Demonstrou não entender a pergunta então reperguntou-se: 'é, memo, né, dá corisco né, é istralo quais fala, né.” Insistiu-se nos semas 'seguido' e 'bastante': ' istralo , né, dicerto.' “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 28, p. 78		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 553)	13 definição dicionarizada “[Dev. de <i>coriscar</i>] S.m. 1. Faísca elétrica. 2. Centelha que fende as nuvens eletrizadas sem se ouvirem trovões [sin. pop. (nesta acepç, no RS): <i>mandado de-deus</i> ou apenas <i>mandado</i>] (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TEMPESTADE
17 nota de uso 18 uso geográfico PR 19 registro 04		
20 frequência 7,55%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo CORPO SECO
4 corpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito.”		
8 contexto “11 (inf. B): ‘corpo seco’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 557)	13 definição dicionarizada “ corpo-seco . [De <i>corpo</i> + <i>seco</i> (ê) s.m.. Brás. S. 1. V. esqueleto (2). Folcl. Duende das matas, em forma de esqueleto (2) [Pl. <i>corpos-secos</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo CRAO DE PÊSSEGO
4 corpus nº	5 tipologia tabu hipo.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (<i>apontar</i>)		
8 contexto “ 32 (inf. A): crao [= grão] de pêssego.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo CRAVO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “dizem que, quando se apontam as estrelas nasce o quê na pessoa?”		
8 contexto “57 (inf. B): ‘nós chamemo de cravo (...) uns diz cravo , otro diz __, pra mim é mesma coisa.’ ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 136, p. 294		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 571)	13 definição dicionarizada “cravo ² [Do lat., 'prego] s.m. (...) 4. Derm. calo doloroso e aprofundado no derma, na planta do pé, como um cone.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística VERRUGA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 11,76%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CRISO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos”		
8 contexto “37 (inf. A): A resposta inicial foi: ‘(e)scuridão ... que diz que o tempo virava (...) dava o criso , né, criso no sor e :: tem o criso na luma do luar também.’ ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 152, p. 326		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 580)	13 definição dicionarizada “cris ³ [De eclipse, com aférese, rotacismo e síncope[Adj. 2g. 1. Ant. que está em eclipse (1) lua cris ² . 2. Ant. Eclipse [Sin. Brás. nesta acepç.: criso] [Pl.: crises]	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ECLIPSE
17 nota de uso ALPR, carta 152, p. 326: “Inicialmente formulava-se a questão com base nos semas ‘escurecer de dia’, ‘lua tapando o sol’. Dada a dificuldade de se obter a resposta desejada, talvez por insuficiência de dados que permitissem a pronta decodificação – por sugestão de um informante – acrescentaram-se dados relativos aos danos provocados pelo eclipse na lavoura, tais como ‘amarelar a plantação do feijão, ‘enrolar as folhas das plantas’, entre outros. “		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 25%		
21 obs “Referiram-se ainda à simpatia de colocar litros incolores cheios de água, em cruz, na roça para evitar danos à lavoura (...) ou acender vela benta...; ou ainda colocar enxada ou foice velhas, com a lâmina para cima na roça ...”		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CU DE BOI
4 cópula nº	5 tipologia tabu hipo.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (Mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 589)	13 definição dicionarizada “s.m.1. Bras. Pop. V. rolo ¹ (16) 2. Bras. BA. Garrucha (3) (...) “ rolo ¹ (16) Bras. Pop. Conflito ou briga em que se envolvem numerosas pessoas (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 2,38%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen.atm.	3 unidade fixa ou termo CURISCO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “como se chama o clarão que se forma no céu antes de chover ou durante a chuva?”		
8 contexto “ 13 (inf. B): Na repregunta ocorreu também <i>curisco</i> .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, questão 43		
11 termo dicionarizado (X) sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 09		
20 frequência 29.03%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu antífrase	DAMA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende por qualquer preço?”		
8 contexto N/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB/ ALS I		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:599)	13 definição dicionarizada “dama ¹ [Do fr. <i>dame</i>] s.f. (...) 7. Bras. N.E. MG GO Meretriz (...)” “meretriz [Do lat. <i>meretrice</i>] s.f. Mulher que pratica o ato sexual por dinheiro [Dim.: meretrícula]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		PROSTITUTA
18 uso geográfico BA/ SE		
19 registro 03 APFB/ 03 ALS I		
20 frequência 4,29% (APFB) ; 10% (ALS I)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	DEMÔNIO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 616)	13 definição dicionarizada “Do gr. <i>daimónion</i> , pelo lat. tard. <i>daeomiun</i>) s.m.1. (...) 8. Força ou estímulo interior que excita ou conturba os sentimentos e paixões. O demônio da ira; o demônio da dúvida.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		DIABO
18 uso geográfico PR		
19 registro 01 ALPR		
20 frequência 1,52% (ALPR)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	religião/ crenças 5 tipologia tabu dim.	DEMUNINHO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. Atm. 5 tipologia tabu hipo.	DEU UM CIRCO NA LUA 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos.”		
8 contexto “11 (inf. B): A resposta completa foi: ‘nóis tratamo circo (...) deu um circo na lua, deu um ... iscuridão.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 152, p. 326		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ECLIPSE
17 nota de uso “(...) Dada a dificuldade de se obter a resposta desejada, talvez por insuficiência de dados relativos aos danos provocados pelo eclipse na lavoura, tais como ‘amarelar a plantação do feijão’, ‘enrolar as folhas das plantas’, entre outros.”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 8,33%		
21 obs: (simpatias, ALPR): “colocar enxada ou foice velhas, com a lâmina para cima na roça/ colocar litros incolores cheios de água, em cruz, na roça para evitar danos á lavoura/ acender vela benta”		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. Atm. 5 tipologia tabu eufem.	DEUS TE ABRANDE 6 categoria gramatical loc.interjectiva
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
17 nota de uso 18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 1,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo DIABETE
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr.gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “14 (inf.A): Inicialmente decodificou como diabete.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:670)	13 definição dicionarizada “diabete. s.m. e f. V. <i>diabetes</i> .” “diabetes [Do gr. <i>diabétes</i> , pelo lat. <i>diabetes</i>] s.m. e f. e 2n. Med. 1. Síndrome caracterizada por uma eliminação exagerada e permanente na urina (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 3,08%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	DIABINHO
4 corpus nº	5 tipologia tabu dim..	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto “15 (inf. B): ‘(...) joga uma penera, pega o diaBin (ho)’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 670)	13 definição dicionarizada “diabinho [Dim. de <i>diabo</i>] s.m. 1. Diabete. 2. Bras. N.E. Um dos fogos de João; espécie de pequenino busca-pé (q.v.) sem bomba, usado pelas crianças.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ENTIDADE TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 11		
20 frequência 15,15%		
21 obs: ALPR: “crendice popular infantil”		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. Atm.	DIAMANTE
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 22		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 672)	13 definição dicionarizada “[do lat. vulg <i>diamante</i> , alter. do lat. adamas, antis < gr. adámas, antos, indomável, 'aço', 'diamante'] s.m. 1. Min. Mineral monométrico, carbono puro, a mais dura e brilhante das pedras preciosas. 2. (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ESTRELA CADENTE
18 uso geográfico MG		
19 registro 03		
20 frequência 3,61%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	fen. Atm. 5 tipologia tabu disf.	DILÚVIO ¹ 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos.”		
8 contexto “54 (inf. A): Decodificou inicialmente como ‘dilúvio’. No teste de identificação ocorreu: ‘o ___ acho que [é] quando dá (a) queles, aqueles tipo dum triângulo que quando dá (a) queles chuvisqueiro, chove, fica sol, não é isso? Dá tipo ___, né.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 152, p. 326		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 683)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>diluvium</i>] s.m. 1. Inundação universal; cataclismo. 2. Grande chuva; inundação. 3. V. <i>quantidade</i> (3)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ECLIPSE
17 nota de uso “(...) Dada a dificuldade de se obter a resposta desejada, talvez por insuficiência de dados relativos aos danos provocados pelo eclipse na lavoura, tais como ‘amarelar a plantação do feijão’, ‘enrolar as folhas das plantas’, entre outros.”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 8,33%		
21 obs: (simpatias, ALPR): “colocar enxada ou foice velhas, com a lâmina para cima na roça/ colocar litros incolores cheios de água, em cruz, na roça para evitar danos á lavoura/ acender vela benta”		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. Atm. 5 tipologia tabu disf.	DILÚVIO ² 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL N/C		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 25		
11 termo dicionarizado (X) sim () não	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>diluvium</i>] s.m. 1. Inundação universal; cataclismo. 2. Grande chuva; inundação. 3. V. <i>quantidade</i> (3)”	
12 fonte FERREIRA (1999: 683)		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 06		
20 frequência 12,24%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo DOENÇA/DUENÇA DA MAGRA
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “51 (inf. A): A resposta inicial completa foi; ‘ da gripe dá pantamonia. Às vezes dá :: (a) taca os purmão, né, daí ... vai vê que os que tem farta de ar daí escarra sangue, né.’ Na repergunta: ‘doença da magra’.” “40 (inf. B): ‘aquela diz a doença magra ’. Na repergunta: ‘ doença magra, sofe dos pormão tamém’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA, 1999: 2013	13 definição dicionarizada “Tuberculose ... s.f. (...) [A tuberculose pulmonar, ou simplesmente tuberculose, é conhecida, ainda, por <i>tísica pulmonar</i> , ou ainda <i>tísica</i> , e pelas denominações populares e eufêmicas -: <i>delicada, doença do peito, doença ruim, fininha, fraqueza do peito, magra, magrinha, moléstia magra, mal-de-secar, mal-dos-peitos, queixa do peito, seca (ê) (...).</i> ”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 06		
20 frequência 9,23%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu disf.	DOENÇA RUIM 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “Que doença a matava ou a estava matando? Nenhuma referência ouvira, a mãe e tia Elisa devem saber mas guardam segredo, na certa por se trata de doença ruim, cujo nome não se pronuncia, tísica ou câncer.”		
9 característica		
10 identificador de fonte TIET, p.26,10º§ / ALS II		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
FERREIRA, 1999: 701 e 2013	<p>“Doença [Do lat. <i>Dolentia</i> (...)] Doença ruim. Brás. Pop. Doença incurável, ou de cura difícil, como, por exemplo, o câncer, a lepra, a tuberculose (...).” (p. 701)</p> <p>“Tuberculose ... s.f. (...) [A tuberculose pulmonar, ou simplesmente tuberculose, é conhecida, ainda, por <i>tísica pulmonar</i>, ou ainda <i>tísica</i>, e pelas denominações populares e eufêmicas -: <i>delicada</i>, <i>doença do peito</i>, <i>doença ruim</i>, <i>fininha</i>, <i>fraqueza do peito</i>, <i>magra</i>, <i>magrinha</i>, <i>moléstia magra</i>, <i>mal-de-secar</i>, <i>mal-dos-peitos</i>, <i>queixa do peito</i>, <i>seca</i> (ê) (...).” (p. 2013)</p>	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01 (TIET) / 10 (ALS II)		
20 frequência 20%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	DOENTE
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical adj.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 701)	13 definição dicionarizada “doente [Do lat. <i>dolente</i>] adj. 2g. 1. Que tem doença; enfermo. 2. Fraco, achacadiço; doentio. 3. P. ext. Que sofre mal moral. 4. Bras. apaixonado, louco, maníaco (...) s. 2. 5. Pessoa doente (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUAÇÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 10		
20 frequência 16,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	DONA DO CORPO
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, carta 75		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
18 uso geográfico BA		
19 registro 22		
20 frequência 66,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu meton.	DOS PULMÃO/ DOS PURMÃO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa pessoa muito magra e tossindo muito” 8 contexto “21 (inf. B): A primeira resposta foi: ‘é dos pulmão.’” “26 (inf. B): Inicialmente a resposta foi: ‘essa duença é cunhido : trata dos purmão.’” 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso “a decodificação inadequada da pergunta suscitou inúmera reformulações.”		
18 uso geográfico		
19 registro 04		
20 frequência 6,15%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu meton.	DUENÇA DE SECÁ 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa pessoa muito magra e tossindo muito” 8 contexto “25 (inf. B): Na repregunta e para o ‘nome mais antigo’ registrou ‘duença de secá’, insistindo que: ‘o mais cunhecido é tuberculoso , memo.” 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	DOENÇA/DUENÇA DOS PURMÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf..	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL "doença que ataca os pulmões, deixa pessoa muito magra e tossindo muito" 8 contexto . "55 (inf. A): A primeira resposta foi: ' duença do purmão '. Na re pergunta: 'tem duença do peito que diz'. 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 72, P. 166 11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso "a decodificação inadequada da pergunta suscitou inúmeras re formulações"		
18 uso geográfico PR		
19 registro 07		
20 frequência 10,77%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	DUENÇA MAGRA
4 cópula nº	5 tipologia tabu mod. fon.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL "doença que ataca os pulmões, deixa pessoa muito magra e tossindo muito" 8 contexto "59 (inf. A): Na re pergunta registrou: '(...) é magra , nós dizemo também duença magra ." "17 (inf. B): A resposta completa foi: ', nós conhece por duença magra , ô essa duença dos purmão memo, né."		
9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166 11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso "a decodificação inadequada da pergunta suscitou inúmeras re formulações"		
18 uso geográfico PR		
19 registro 06		
20 frequência 6,25%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	DUENÇA RUIM¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença pouco comum, inchaço, dor, vermelhidão na pele, cura apenas com benzimento.”		
8 contexto “24 (inf. A): A primeira resposta foi quinzema . Indagada sobre a diferença entre a erisipela e a eczema , explicou: ‘ a ____ se dexá, ela vira duença ruim, e a quinzema , não. Benze e sara, fica só vermeia a perna.’ “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p.344		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	DUENÇA RUIM²
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “46 (inf. B): ‘aí muitos diz que é dos purmão (...) diz duença ruim , né.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
FERREIRA (1999: 701)	Doença [Do lat. <i>Dolentia</i> (...) Doença ruim . Bras. Pop. Doença incurável, ou de cura difícil, como, por exemplo, o câncer, a lepra, a tuberculose (...).”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	É UMA PEÇA QUE A MULHER TEM NO VENTRE 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o nenê ante de nascer?”		
8 contexto “9 (inf. B): ‘é uma peça que a mulher tem no ventre.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, carta 75		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 3,03%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	ECZEMA [kizema] 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL		
8 contexto 24 (INF. A): ‘A primeira resposta foi: ‘quizema’. Indagada sobre a diferença entre a erisipela e a eczema , explicou: ‘a ___ se dexá, ela vira duença ruim, e a quinzema , não. Benze e sara, fica só vermeia a perna.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:71)	13 definição dicionarizada “[Do gr. <i>ékhzema</i> (nom)] S.m. <i>Derm.</i> Dermatose inflamatória caracterizada pela formação de vesículas confluentes exsudatos e crostas, causando prurido, e provocada por diferentes causas.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
18 uso geográfico PR		
19 registro 06		
20 frequência 8,82%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ELEVAÇÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 728)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>elevatione</i>] s.f. 1. ato ou efeito de elevar-se; ascensão, subida, levantamento (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 02		
20 frequência 3,39%		

1 nº de entrada 4 cópula nº	2 campo semântico fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	3 unidade fixa ou termo (E)SCURIDÃO/ISCURIDÃO/ 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos” 8 contexto “42 (inf. A): A primeira resposta foi: ‘(e)scuridão’.” “11 (inf.B): a resposta completa foi: ‘nóis tratamo circo (...) deu um circo na lua, deu um ... iscuridão’.” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 152, p. 326 11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 803)	13 definição dicionarizada “[Do latim <i>obscuritudine</i> , com mudança de pref.] s.f. 1. Estado do que é escuro; falta de luz; trevas, escuridade, escuro.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ECLIPSE 17 nota de uso “Inicialmente formulava-se a questão com base nosa semas ‘escurecer de dia’, ‘lua tapando o sol’. Dada a dificuldade de se obter a resposta desejada, talvez por insuficiência de dados que permitissem a pronta decodificação – por sugestão de um informante – acrescentaram-se dados relativos aos danos provocados pelo eclipse na lavoura, tais como ‘amarelar a plantação do feijão’, ‘enrolar as folhas das plantas’, entre outros.” “colocar litros incolores cheios de água, em cruz, na roça para evitar danos à lavoura/ acender vela benta/ colocar enxada ou foice velhas, coma lâmina para cima na roça.” 18 uso geográfico PR 19 registro 03
20 frequência 25%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu expr. gen.	ESPINHA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “dizem que, quando se apontam as estrelas, nasce o quê na pessoa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 136		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 810)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>spina</i>] s.f. (...) 4. Designação comum a certas borbulhas da pele, principalmente as do rosto (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		VERRUGA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 08		
20 frequência 47,06%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo ESSE COISO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL		
8 contexto “37 (INF. A): No teste de identificação comentou: ‘ ____ é esse coiso que dá um tipo de um grosserão assim de se coçá e daí parte tudo ... eu digo ____ pa (a) quilo.’ “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu disf.	ESTAR ASSISTIDA 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “A segunda resposta, a propósito do teste de identificação de <i>estar assistida</i> : ‘na _.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 04		
20 frequência 13,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu ironia	ESTAR DE BOI 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 03		
20 frequência 10%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu estar de férias	ESTAR DE FÉRIAS 6 categoria gramatical SV+ SP
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 3,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	ESTAR DE REGRA 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 02		
20 frequência 6,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	ESTAR DOENTE 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “61 (inf. a): ‘eu chamo <i>menstruação</i> ; muitos chama estar doente, outros chama <i>meus tempo</i> ; agora, eu, digo: estou menstruada.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUÇÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 06		
20 frequência 16,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	ESTAR INCOMODADA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1094)	13 definição dicionarizada “Incomodado [Part. de <i>incomodar</i> . Adj. 1. Que sofre incômodo ou sente incomodidade (...). 4. Bras. Menstruado (diz-se da mulher)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUÇÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 02		
20 frequência 6,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	ESTAR/ ESTOU MENSTRUADA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “61 (inf. a): ‘eu chamo <i>menstruação</i> ; muitos chama estar doente, outros chama <i>meus tempo</i> ; agora, eu, digo: estou menstruada”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 04		
20 frequência 13,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	ESTAR MOVIDA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “54 (inf. A): A primeira forma ocorreu espontaneamente a propósito da pergunta 170 (ENJÓO) [da gravidez]: ‘é o negócio d’_ dela que falta’, e a propósito do teste de identificação de <i>movido</i> : ‘mulher está movida quando __ chegar.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 02		
20 frequência 6,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu euf.	ESTAR OFENDIDA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I , carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 3,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo ESTAR SEM PODER
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 3,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu euf.	ESTRELA DALVA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chama isso?” 8 contexto S/C 9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 842)	13 definição dicionarizada “[De <i>estrela+de+alva</i> ¹] s.f. Astr. V. Vênus¹ (...) [Pl.: estrelas-d'alva]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ESTRELA CADENTE
17 nota de uso 18 uso geográfico PB		
19 registro 13		
20 frequência 22,03%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu metáfora	ESTRELA-DE-RABO 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chama isso?” 8 contexto S/C 9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 22		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 842)	13 definição dicionarizada “s.f. Bras. pop. Cometa (1) [Pl. <i>estrelas-de-rabo</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ESTRELA CADENTE
17 nota de uso 18 uso geográfico MG		
19 registro 06 20 frequência 7,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	ESTRELA MARIANA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		
13 definição dicionarizada		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 1,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu hipo.	ESTRELA SE MUDANDO 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		
13 definição dicionarizada		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 04		
20 frequência 6,78%		

nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	FAÍSCA
4 corpus nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	meton.	s.f.
7 pergunta do QSL “um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 18, pergunta 18		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:873)	13 definição dicionarizada “[Do germ. <i>falaviska</i> , poss.] s.f. 1. Partícula que salta de uma substância candente ou em atrito com outro corpo; chispa, fagulha, centelha. 2. Fenômeno luminoso que acompanha uma descarga elétrica (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG		
19 registro 11		
20 frequência 21,43%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	FANTASMA
4 corpus nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical
	disf.	s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:878)	13 definição dicionarizada “[Do gr. <i>phántasma</i> , pelo lat. <i>phantasma</i> . S.m. 1. Imagem ilusória; fantasmagoria (...) 4. Coisa espantosa, medonha (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	FIGUERA
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “dizem que, quando se apontam as estrelas, nasce o quê na pessoa?”		
8 contexto “29 (inf.A): Na repregunta acrescentou: ‘uns fala figuera – otos fala figuera, assim pa num aumentá.”		
9 característica “semas ‘carne meio mole’, ‘aparece quando se apontam as estrelas’.”		
10 identificador de fonte ALPR, carta 136, p. 294		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		VERRUGA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,88%		
21 obs: “31 (inf. B): Referiu-se a simpatias para acabar com a verruga : contar, até se cansar, as estrelas da constelação das Três Marias, pedindo que levem a verruga; ‘tirá o sangue da berruga e ponhá na figuera ou só trocá, ponhá o sangue da berruga na figuera e o leite da figuera enterrá; ou ainda ‘a gente tá indo, tá andand (o) assim, se a gente vê um osso de alimar, a gente pega aquele osso e passa bem passado ali, onde foi a berruga (...) e pega e ponha (a) aquele osso do jeito que pegô e ponh (a) ali e não óia pa trais. Se acaba a berruga.”		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu euf.	FLOR 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?” 8 contexto “11 (inf. B): ‘ah, eu trato de flor . ‘Para ‘outro nome’: ‘tem outro nome, eu acho que ao meu ver não posso falá porque a gente já tá, então tem uns que fala ...[baixa o tom de voz e vira-se contra o gravador] ah, deu uma chuva de pedra , mais eu já falo. Falo [que] deu uma chuva-de-flor (...). A gente sabe mais às veiz não pode falá. Se a gente fala ... deu uma chuva-de-pedra aí a gente tá ... tá brigando com Deus, né, tá chamando mais. Então a flor... a flor é um troço cheroso, um troço da terra, né.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 25, p. 72		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:946)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>flos, floris</i> , por via erudita] s.f. 1. Bot. Órgão da reprodução sexuada das plantas superiores (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
18 uso geográfico PR		CHUVA-DE-PEDRA
19 registro 05		
20 freqüência 4,13%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu euf.	FLOR VERMELHA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?” 8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, [67], [H322]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 freqüência 2,0%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu euf.	FLORES 6 categoria gramatical s.f.pl.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “30 (inf. B): ‘ah, sempre nós fala é chuva de pedra , chuva-de-flores . A gente não fala pedra porque diz que não presta, né, tem que falá flores , né, senão aumenta, né, então (vo) cê tem que falá flores , né?”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 25, p. 72		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 1,65%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu disf.	FORA DO LUGAR 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto “6 (inf. C): Ouvida a forma, disse que chamam assim, mas ‘fora do lugar’. “		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB [82]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 1,43%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “42 (inf. B): Inicialmente decodificou como ‘cânção’. Na repregunta referiu-se a: ‘deve sê fraqueza nos purmão, né’. Na revisão final, e apenas no teste de identificação, é que registrou o termo tuberculoso .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 freqüência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu dim.	FRUITINHA DO PECADO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “18 (inf. A): Na repregunta: ‘é a fruitinha do pecado, né?’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 freqüência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	5 tipologia tabu meton.	6 categoria gramatical FRUTA s.f.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “ 07 (inf. A): De início: ‘o osso?’. Perguntou-se o que as pessoas falavam daquele osso: ‘eles falava que isso daí pe a fruta que ... que fez o pecado, que num era pra eles, preles comê ô dá, e Adão deu né.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 946)	13 definição dicionarizada “ fruta [Do lat. <i>fruta</i> , pl. de <i>fructum</i>] s.f.1. Designação comum aos frutos, pseudofrutos e infrutescências comestíveis, adocicados; fruto (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo FRUTA DO ADÃO
4 corpus nº	5 tipologia tabu meton.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “05 (inf. B): Na repregunta a resposta completa foi: ‘eis fala que só home tem por causo da fruta do Adão (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 4,35%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu metáfora	FRUTA DO PECADO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “06 (inf. A): 'ele fala que é a fruta do pecado, né. adão (en)guliu e parô aqui.' ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	FRUTA QUE O ADÃO COMEU 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “45 (inf. inf. A): ‘esse é uma bola no pescoço (...). Fruta que o Adão comeu. ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “43 (inf. A): A resposta foi imediata: ‘ fruto do pecado ’		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	FUZIL ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “ ... o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”		
8 contexto “54 (inf. B): ‘é os trovão e os fuzil .’		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 957)	13 definição dicionarizada “[Do fr. <i>fusil</i>] s.m. 9...) 5. Relâmpago (1) (...) [a boa grafia seria com s cf. <i>fúsil</i>] ~ V. <i>fuzis</i> .”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 2,94%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	FUZIL ² 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto “54 (inf. A): Na sequência: fuzilando, fuzil ”.		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 957)	13 definição dicionarizada “[Do fr. <i>fusil</i>] s.m. 9...) 5. Relâmpago (1) (...) [a boa grafia seria com s cf. <i>fúsil</i>] ~ V. <i>fuzis</i> .”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu mod. fon.	FUZILA 6 categoria gramatical v.t.d.
7 pergunta do QSL “um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto “61 (inf. B): ‘ah fuzila , né (...) é, outros diz que tá relampiando ; é quase o mesmo’. Perguntou-se sobre o nome mais comum: ‘eu digo tá fuzilano . Vai chovê, tá fuzilano .’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, p. 82		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 952)	13 definição dicionarizada “[De <i>fuzil</i> + -ar] v.t.d. (...) 4. Produzirem-se relâmpagos, relampejar; cintilar. 5. Brilhar intensamente (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu expr. gen.	GANGA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “52 (inf. A): Na revisão final registrou: ‘ ganga do home’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu disf.	GARGALHO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “57 (inf. B): ‘ gargalho que dize.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 970)	13 definição dicionarizada “[Do rad. anom, Garg-, como no esp. <i>gargajo</i> e no por. Garganta + -alho] S.m. escarro espesso, que se expele a custo.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “57 (inf. A): ‘gargalo.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 970)	13 definição dicionarizada “Do rad. onom. garg.-, como <i>em</i> garganta (q.v.)] S.m. 2. Burl. Pescoço, garganta 3. Fig. Obstáculo, empecilho [Cf. gargalho.]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “61 (inf. A): Hesitante, referiu-se à garganta e papo. ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 970)	13 definição dicionarizada “(...) S.f. 1. Pó. Segmento anterior do pescoço contendo as vias que levam da boca e do nariz, respectivamente, ao estômago e aos pulmões (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 09		
20 frequência 13,04%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	GELO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “38 (inf. B): Respondeu inicialmente e reiterou na repregunta: ‘aqui, nós chamamos de gelo.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1005)	13 definição dicionarizada “(…) 2. Frio excessivo (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
CHUVA-DE-PEDRA		
17 nota de uso “As cartas 24, 25, e 26 apresentam a distribuição diatópica das variantes lexicais registradas nas respostas à questão ‘a chuva que cai com pedacinhos de gelo’. (...) Tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas _ portanto, tabuizado _ sobretudo entre os informantes mais idosos e de menor escolaridade (...)”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 1,65%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu hipo.	GOGÓ 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “16 (inf. A): Depois de se reformular a questão duas vezes: ‘eu falo pelote ’. Ouviu-se um circunstante: ‘ gogó ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 994)	13 definição dicionarizada “gogó” é apontado como variante pelo dicionário FERREIRAÉlio. “[alter-de-goela] S.m. Brás. Fam. V. pomo-de-adão”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
POMO-DE-ADÃO		
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 05		
20 frequência 7,25%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu dim.	GOGOZINHO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “63 (inf. A): ‘eles fala gogozinho .’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo GONGO (S)
4 cópula nº	5 tipologia tabu metonímia	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “17 (inf.B): ‘nós trata (a)ssim... uns trata <i>gongos</i> ... num é, da garganta.’” “25 (inf. A): “Na repregunta, explicou: ‘é, argum fala gongo , oto fala gogó, agora num sei qual é o mais certo’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 992)	13 definição dicionarizada “[Do mal. <i>gong</i> . S.m. 1. Instrumento de percussão, de origem animal (...) 3. Bras. Pop. Sinal (de campainha, sirena, etc) que dá início ou marca o fim da disputa, tarefa, etc, com tempo marcado previamente (...).”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,90%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disf.	GRANITO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “19 (inf. B): Para ‘outro nome’: ‘antigamente o pessuar falava chuva de pedra , ho (je) já fala granito , né.”		
“08 (inf. A): Perguntou-se por ‘outro nome’: ‘ fror, granito , né, mais a gente não gosta muito de falar, a gente mai (s) de falá é fror , né.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24 e carta 25, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1005)	13 definição dicionarizada “[Do it. <i>granito</i>] s.m. <i>Geol.</i> Rocha magmática granular, de profundidade caracterizada essencialmente por quartzo e por um feldspato alcalino.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso “As cartas 24, 25, e 26 apresentam a distribuição diatópica das variantes lexicais registradas nas respstas à questão ‘a chuva que cai com pedacinhos de gelo’. (...) Tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas _ portanto, tabuizado _ sobretudo entre os informantes mais idosos e de menor escolaridade (...).”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 12		
20 freqüência 9,92%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disf.	GRANIZO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL "Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?"		
8 contexto "42 (inf. B): Na sequência: 'granizo, pedrera'."		
"24 (inf. B): 'é, aqui conforme a chuva, nós fala que é granizo que cai, né? (...)"		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24 e carta 25, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999:1005)	13 definição dicionarizada "[Do esp.. <i>granizo</i>] s.m. 1. Met. Tipo de precipitação atmosférica na qual as gotas de água se congelam ao atravessar uma camada de ar frio caindo sob a forma de glóbulos ou pedaços de gelo, separadamente ou aglomerados em blocos irregulares; saraiva, chuva de pedra."	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
CHUVA-DE-PEDRA		
17 nota de uso "As cartas 24, 25, e 26 apresentam a distribuição diatópica das variantes lexicais registradas nas respostas à questão 'a chuva que cai com pedacinhos de gelo'. (...) Tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas _ portanto, tabuizado _ sobretudo entre os informantes mais idosos e de menor escolaridade (...)."		
18 uso geográfico PR		
19 registro 11		
20 frequência 9,09%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo GROSSERÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “doença muito pouco comum ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento”		
8 contexto “37 (inf. A): No teste de identificação comentou: ‘é esse coiso que dá um tipo de um grosserão assim de se coçá e daí parte tudo ... eu digo ____ pa (a) quilo.’ “ “38 (inf. B): ‘ inchaço? Grosserão? ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,94%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “21 (inf. A): ‘eles fala güela , num é?”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo GURGULINHA
4 córpus nº	5 tipologia tabu dim.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “46 (inf. B): Hesitando: “(...) gurgulinha , que eu sei que dizem (...)”.		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, carta 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo HÉTICA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito.”		
8 contexto “25 (inf. A): A resposta completa foi: ‘tem o bronquite que ataca o pulmão também (...) duença dos pulmão que ataca muito e fica muito magro e a pessoa vai. Se num tratá morre memo (...) otos fala hética , otos fala duença dos pulmão .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1040)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>ethica</i> < gr. <i>ethiké</i>] s.f. Filos. Estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto [cf. <i>bem</i> (1) e <i>moral</i> (1)]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso “a decodificação inadequada da pergunta suscitou inúmeras redormulações”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo INCHAÇÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “doença pouco comum”, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento” “		
8 contexto “38 (inf. B): ‘ inchaço? Grosserão? ’ “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:1087)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>inflatione</i>] s.f. 1. Ato ou efeito de inchar; inchamento. 2. Tumor, anasarca [sin. (pop): <i>inchaço</i> , <i>inchume</i> e (bras, N.E.) <i>mondronço</i> (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo INCHAÇO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL QSL “doença pouco comum”, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento’ “		
8 contexto “39 (inf. A): Inicialmente: ‘sarna, daí?’. Na repregunta: ‘é inchaço.’ “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1087)		13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>inflatione</i>] s.f. 1. Ato ou efeito de inchar; inchamento. 2. Tumor, anasarca [sin. (pop): <i>inchaço</i> , <i>inchume</i> e (bras, N.E.) <i>mondongo</i> (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo INCOMODADA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical adj.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “59. A segunda resposta, na sequência: ‘umas diz incomodada , outras diz eu estou de ____’. “ (ALS I)		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta / ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1088)		13 definição dicionarizada “incomodado [Part. de <i>incomodar</i>] Adj (...) 4. Bras. Menstruado (diz-se da mulher)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB/ SE		
19 registro 02 (ALPB)/ 01 (ALS I)		
20 frequência 3,33% (ALPB); 3,33% (ALS I)		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo ISPINHELA CAÍDA
4 cópula nº	5 tipologia tabu hipo.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL QSL “doença pouco comum”, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento’ “		
8 contexto “29 (inf. B): A única resposta foi: ‘ispinghela caída’ ”.		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:811)	13 definição dicionarizada “ espinghela [De <i>espinha</i> + <i>-ela</i>] s.f. Designação vulgar do apêndice cartilagíneo do externo. Espinghela caída. Bras. Pop. Designação comum a numerosas doenças atribuídas pelo povo à queda da espinghela.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	JACA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “13 (inf. A): A resposta completa foi: ‘esse é o :: jaca , o coiso de Adão (...) a fruta do Adão, né, (a) gora num sei’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1144)	13 definição dicionarizada “(…) fruto da jaqueira ... chefe superior de tribos africanas ... “	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu estrang.	LAMPEZO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Como se chama o clarão que se forma no céu antes de chover ou durante a chuva?” 8 contexto “58 (inf. B): Perguntado por ‘outro nome’, comentou que costumavam usar o termo italiano lampezo .” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 30, questão 43		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1179)	13 definição dicionarizada “[Dev. de <i>lampejar</i>] s.m. 1. Clarão ou brilho repentino. 2. Faísca, fagulha, centelha, chispa (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	LAMPO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Como se chama o clarão que se forma no céu antes de chover ou durante a chuva?” 8 contexto “46 (inf. A): ‘aquele é o lampezo da trovoadas , né que às vez dá (a) quele lampezo lá assim, né ... e alumia tudo’. Para ‘outro nome’: fuzilo , né, da trovoadas ’.” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 30, questão 43		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1179)	13 definição dicionarizada “ lampezo ¹ s.m. Prov. port. Relâmpago (q.v.).”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu mod. fon.	LAMPO DE TROVOADA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Como se chama o clarão que se forma no céu antes de chover ou durante a chuva?”		
8 contexto “46 (inf. A): ‘aquele é o lampo da trovoada , né que às vez dá (a) quele lampo lá assim, né ... e alumia tudo’. Para ‘outro nome’: fuzilo , né, da trovoada ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, questão 43		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1179)	13 definição dicionarizada “ lampo ¹ s.m. Prov. port. Relâmpago (q.v.).”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu disf.	LUA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto N/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, [67], [H322]		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1317)	13 definição dicionarizada “menstruação (...) [Sin.: catamênio ... lua ...”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUÇÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 06		
20 frequência 12%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu mod. gram.	LUA ECLIPSE 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos”		
8 contexto N/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 34, pergunta 35		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA, 2004: 71		13 definição dicionarizada “S.m. Eclipse da Lua. Astr. Aquele em que a Lua penetra no cone de sombra da Terra, deixando de ser visível por todos os observadores terrestres que a t~em acima do horizonte naquele intervalo de tempo; eclipse lunar (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ECLIPSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 06		
20 frequência 19,35%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	MÃE DE CORPO/ MÃE DO CORPO
4 cópús nº	5 tipologia euf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “24.(Inf. B): (...) ‘mãe do corpo é :: depois que a criança nasce, né”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1248)		13 definição dicionarizada “mãe-do-corpo. s.f. <i>Bras. Pop. V. útero</i> [Pl: <i>mães-d0-corpo</i>]
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso “nota do ALPR: demonstrou-se hesitante em reconhecer útero e mãe do corpo como sinônimos.”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 36 (ALPR); 06 (APFB); 01 (ALPB)		
20 frequência 62,07% (ALPR); 18,18% (APFB); 11,11% (ALPB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	MÃE-D'ÁGUA
4 cópús nº	5 tipologia euf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Quase sempre depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (Mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto N/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 1, pergunta 1		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1248)		13 definição dicionarizada “mãe-d'água. s.f. <i>Bras. 1. Folcl. Ente fantástico, espécie de sereia de rios e lagos; iara, uiara, aiudara-aiudara, boi-açu. 2. Fonte ou reservatório de água. 3. Pop. Zool. V. água-viva (2). 4. Fig. Pessoa que chora facilmente. 5. Constr. Arca-d'água. [Pl.: mães-d'água]</i> ”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
18 uso geográfico MG		
19 registro 01		
20 frequência 1,43%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	MÃE-DO-OURO
4 corpus nº	5 tipologia euf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz.Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 22		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1248)	13 definição dicionarizada “s.f. Bras. PR. Folcl. Ente fantástico qe, segundo a superstição popular, guarda as minas de ouro [Pl.: <i>mães-do-ouro</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
18 uso geográfico MG		
19 registro 25		
20 frequência 30,12%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo
		MAGRA
4 corpus nº	5 tipologia euf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “20 (inf. A): Para o ‘nome mais antigo’, observou ‘como é que diziam? Tuberculosa hoje é :: magra antigo ... é magra , tava ca. Magra lá, fulano lá morreu de magra . Antigo a penicite [apendicite] é a nó na tripa, murria porque num tinha médico, né.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA 1999: 2013	13 definição dicionarizada “ magra [F. subst. do adj. <i>magro</i>] s.f. Bras. Pop. 1. V. tuberculose. 2. A morte humana; a morte (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso “a decodificação inadequada da pergunta suscitou inúmeras reformulações.”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 08		
20 frequência 12,31%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	MAL DE PELES
4 corpus nº	5 tipologia	6 categoria gramatical

	disf.	SN
7 pergunta do QSL “doença pouco comum”, “inchaço”, “dor”, “vermelhidão na pela”, “cura apenas com benzimento” 8 contexto “09 (inf. B): ‘é mal de peles.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado () sim (X) não 12 fonte 13 definição dicionarizada		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso 18 uso geográfico PR 19 registro 01 20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo MANCHA NO PURMÃO/ MANCHA
4 cópula nº	5 tipologia euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito” 8 contexto “31 (inf. B): Reformulando-se duas vezes a questão obsejou: ‘diz que é mancha, dá mancha no purmão.’” 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não 12 fonte FERREIRA (2004; 1261) 13 definição dicionarizada “mancha [Do lat. <i>macula</i> , por via popular] s.f. (...) 8. Bras. Certa doença que ataca o fumo (...)”		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso “a decodificação inadequada da pergunta suscitou inúmeras reformulações.” 18 uso geográfico PR 19 registro 02 20 frequência 3,08%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo MANGA DE CHUVA DE PEDRA
4 cópula nº	5 tipologia euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “18 (inf. B): ‘passô uma manga de chuva de pedra’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 462)	13 definição dicionarizada “chuva-de-manga. s.f. Bras. as primeiras chuvas da estação chuvosa, que caem em setembro e outubro [pl. : chuvas-de-manga]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA DE PEDRA
17 nota de uso “tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas – portanto tabuizado – sobretudo entre os informantes mais idosos e de menor escolaridade. Por isso, optamos por elaborar uma carta especialmente com os registros de chuva-de-flor e chuva-de-rosa ... ” (ALPR, carta 24)		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia ironia	MATOU O PINTO 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “19 (inf. B): Disse ainda <i>matou o pinto</i> , que se julga aplicável apenas à primeira menstruação.”		
9 característica primeira menstruação		
10 identificador de fonte APFB, carta 67		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 2,0%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo MENSTRUADA
4 cópula nº	5 tipologia expr. gen.	6 categoria gramatical adj.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1311)	13 definição dicionarizada “menstruado [Do lat. tard. <i>menstruatu</i> . Adj. Que está com o mêsruo, ou que o tem regularmente/ diz-se de mulher) [Sin. <i>incomodado</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 03		
20 frequência 5%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo MERCÚRIO
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (<i>mímica</i>) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1313)	13 definição dicionarizada “mercúrio [Do mit. <i>Mercúrio</i> , o mensageiro dos deuses, deus do comércio, da eloquência e dos ladrões, entre os romanos] s.m. 1. Astr. Planeta inferior, o menor do sistema solar (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ESTRELA CADENTE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 1,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	MERETRIZ
4 cópula nº	5 tipologia disf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 112 / APFB, carta 323		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1320)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>meretrice</i>] s.f. Mulher que pratica o ato sexual por dinheiro [Dim.: <i>meretrícula</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE / BA		
19 registro 09 (APFB) / 03 (ALS I)		
20 frequência 12,86% (APFB); 10% (ALS I)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia expr. gen.	MEUS TEMPO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “61 (inf. A): ‘eu chamo <i>menstruação</i> ; muitos chama estar doente, outros chama <i>meus tempo</i> ; agora eu, digo: estou menstruada.’ ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 3,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	MULHER-DAMA
4 cópula nº	5 tipologia antífrase	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB/ ALS I		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1377)	13 definição dicionarizada “s.f. Bras. N.E. MG. Pop. Meretriz (...) [Pl. <i>mulheres-damas</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico NE		
19 registro 04 (APFB), 03 (ALS I)		
20 frequência 5,71% (APFB); 10% (ALS I)		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo MULHER (ES) DA RUA
4 córpus nº	5 tipologia disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?” 8 contexto “54 (inf. B): ‘essas mulheres da rua.’” “64 (inf. B): ‘é uma mulher da rua.’ ” 9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 112		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1371)	13 definição dicionarizada “mulher-da-rua. s.f. Bras. Pop. <i>Meretriz</i> . [Pl.: <i>mulheres-da-vida</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística PROSTITUTA
17 nota de uso 18 uso geográfico SE 19 registro 02		
20 frequência 6,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo MULHER SOLTEIRA
4 córpus nº	5 tipologia expr. gen.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?” 8 contexto “27 (inf.A): No teste de identificação de <i>quenga</i> : é <i>mulher-solteira</i> ’, anotado sem transcrição fonética.” “65 Na seqüência: ‘essas mulher solteir (a) é?’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 111 / APFB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística PROSTITUTA
17 nota de uso “ao contrário do que sucedeu em relação à carta anterior, aqui se considerou <i>mulher-solteira</i> um sintagma já lexicalizado”		
18 uso geográfico SE; BA		
19 registro 04 (ALS I) / 02 (APFB)		
20 frequência 13,33% (ALS I); 2,86% (APFB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	NAVIO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 1		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1389)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>naviger</i>] s.m. 1. Embarcação de grande tamanho. 2. Bras. Al. Variedade de papagaio (5). 3. Bras. RJ. Tapume que cerca buraco aberto em via pública (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG		
19 registro 01		
20 frequência 1,43%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	NEVE 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “53 (inf. B): ‘neve. É neve e pedreira junto, né; que a neve é uma e a pedreira é outra, né. É que a neve é uma espécie de farelinho, né, e a pedra é pedra mesmo, né (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERNANDES (1993: 498)	13 definição dicionarizada “água congelada que cai da atmosfera em flocos alvos e leves no inverno, em virtude do abaixamento da temperatura.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso “As cartas 24, 25, e 26 apresentam a distribuição diatópica das variantes lexicais registradas nas respostas à questão ‘a chuva que cai com pedacinhos de gelo’. (...) Tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas _ portanto, tabuízado _ sobretudo entre os informantes mais idosos e de menor escolaridade (...)”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 05		
20 frequência 4,13%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	corpo humano 5 tipologia tabu elipse	NÓ 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>) 8 contexto “15 (inf. B): Na repregunta comentou: ‘os otos falam que é que quando Adão e Eva foi comê a maçã, lá, intão paro a maçã aqui na garganta, intão por isso que fico esse nó aí’.” “16 (inf. B): ‘aqui nós usa tratá de nó ’.” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160 11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1404) FERREIRA (2004: 1404)	13 definição dicionarizada “[De pomo+de+antr. Adão. (v. adâmico).] S.m. A saliência da cartilagem tireóide (...) [Tb. Se diz apenas <i>adão</i> ; sin.: gogó, maçã-de-adão, nó-da-garganta, nó-da-goela, nó-de-adão. Pl.: <i>pomos-de-adão</i> .] “nó [Do lat. <i>nodu</i> , por via popular] s.m. (...) ligação, união, vínculo (...) 5. O ponto crítico ou essencial, e que mais nos merece a atenção num assunto, negócio, problema, etc. 6. Embaraço, estorvo, empecilho. 7. Enredo, intriga (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 freqüência 2,90%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)		
8 contexto “36 (inf. A): ‘ nó do pecado ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “20 (inf. A): Para o ‘nome mais antigo’, observou: ‘como é que diziam? Tuberculosa hoje é :: magra antigo ... é magra , tava ca magra lá, fulano lá morreu de magra . antigo a penicite [apendicite] é a nó na tripa, murria porque num tinha médico, né.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	NUVEM MARIANTE
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Temporal/ tempestade/ vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 25		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,04%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	OLHO-DE-BOI
4 cópula nº	5 tipologia tabu metaf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 30 / EALMG, carta 1		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1435)	13 definição dicionarizada “olho-de-boi. s.m. (...) 7. Bras. BA. Arco-íris incompleto (...) [Pl. <i>olhos-de-boi</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG; PB		
19 registro 01 (EALMG)/ 07 (ALPB)		
20 frequência 1,43% (EALMG); 16,67% (ALPB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo ONDE SE CRIAM AS CRIANÇAS ANTES DE NASCER
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical SV/ loc. adv. lugar
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, carta 75		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		ÚTERO
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 3,03%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo OS VÉUS
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 30		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2056)	13 definição dicionarizada “véu [Do lat. <i>velu</i>] s.m. (...) 6. Fig. Aquilo que serve para ocultar algum fato; pretexto. 7. Trevas, noite. 8. Aflição, angústia, amargura (...)!”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,38%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	OS VIEIRAS
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 30		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2060)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>veneria</i>] s.f. 1. <i>Lus. V. Leque</i> (7) 2. A concha da vieira (1), que os romeiros usavam presa ao chapéu; venera. 3. <i>Heráld.</i> Ornato concoidal.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 2,38%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
		O OSSO
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “7 (inf. A): De início: ‘o osso’? Perguntou-se o que as pessoas falavam daquele osso> ‘eles falava que isso daí é a fruta que ... que fiz o pecado, que num era pra eles, preles comê ô dá, e Adão deu né’.”		
“31 (inf. A): Inicialmente respondeu: ‘po (de) sê um pelote, assim , na garganta, né? um osso ’. Depois relatou sua versão da história de Adão e Eva. Na revisão final, ocorreu: ‘o gogó ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1455)	13 definição dicionarizada “osso [Do lat. tard. <i>ossu</i>] s.m. (...) 2. Fig. Coisa difícil; dificuldade (...) 2. Carne de pescoço.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POM0-DE-ADÃO
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,90%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	corpo humano 5 tipologia tabu disf.	OSSO DA GARGANTA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)		
8 contexto “58 (inf. B): ‘nós tratemo de osso da garganta ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu expr. gen.	OS TEMPOS 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 06		
20 frequência 10%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	OVÁRIO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “37 (inf. A): Na repregunta considerou: ‘eu acho que é o mesmo, dizem mãe do corpo , outros dizem útero’. Na revisão final registrou: ‘ ovário ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1450)	13 definição dicionarizada “[Do lat. cient. <i>ovarium</i> < lat. tard. <i>ovarium</i>] s.m. 1. <i>anat.</i> Cada um dos dois corpos situados de cada lado do útero. É a glândula sexual da mulher, e nele se formam os óvulos (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 3,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu hipo.	PAPA-CEIA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?” 8 contexto S/C 9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 22 / ALPB carta 38		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1481)	13 definição dicionarizada “[De <i>papar+ceia</i>] s.f. Bras. Pop. V. Vênus (1)(...)” “Vênus” (...) s.f. (...) 2. Astr. O mais brilhante dos planetas, com órbita situada entre a de Mercúrio e a da Terra (...) [Com cap., nesta acepç; sin: estrela-d'alva, estrela da manhã, estrela da tarde, estrela do pastor, estrela matutina, estrela Vésper, estrela vespertina, matutina Vésper, Véspéro e (bras.; pop) boieira, papa-ceia]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG, PB		
19 registro 07 (ALPB) / 02 (EALMG)		
20 freqüência 11,86% (ALPB); 2,41% (EALMG)		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “61 (inf. A): Hesitante, referiu-se à garganta e papo.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1491)		13 definição dicionarizada “papo ¹ [Dev. De <i>papar</i>] s.m. (...) 5. Pó. Aumento de volume do pescoço, provocado por diversas causas, esp. O bócio.”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		POMO-DE-ADÃO
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 5,80%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu metáfora	PAQUETE 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “Caso o capitão ordene, terá de obedecer, não há como se opor. Não adianta sequer mentir, dizendo-se incomodada, em dia de pacote: Justiniano adora tê-la nas regras, se excita ao ver o sangue machucado do mêsruo, dizendo ao derrubá-la: é a guerra!...”		
9 característica		
10 identificador de fonte TB, p. 161, 3º §		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1486)	13 definição dicionarizada “[F. red. do <i>ingl. packet-boat</i>] s.m. 5. Bras. V. menstruação (1) (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico NE		
19 registro 01		
20 freqüência		
21 obs: Cascudo (2004:76) relata a origem da locução “estar de pacote”: “Em 19 de fevereiro de 1810, no RJ, o conde de Linhares, pelo Príncipe Regente, e Lord Strangford, por George III do Reino Unido, assinavam uma <i>convenção sobre o estabelecimento dos Paquetes</i> . No artigo primeiro anunciava-se: - <i>A Packet shall sail from Falmouth to Rio de Janeiro once in every month</i> . Saía de Falmouth para o Rio de Janeiro um Pacote em cada mês”. Por causa dessa visita do Pacote, mensal e regular, e overmelho da bandeira comercial da Grã-Betanha, visível no mastro de cada navio, nasceu a aplicação do nome, rapidamente vulgarizado.”		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	PECADO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (<i>apontar</i>)”		
8 contexto “37 (inf. A): 'nóis dizemo que é o pecado ... a bola do pecado .' ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:1515)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>Peccatu</i>] s.m. 1. Transgressão de preceito religioso. 2. P. ext. Falta, erro; culpa, vício (...). Pecado original. <i>Rel.</i> O pecado de Adão e Eva, transmitido a todos os seus descendentes que nascem em estado de culpa (...).”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		POMO-DE-ADÃO
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,90%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	crenças/ religião 5 tipologia tabu part. fís.	PÉ-DE-PATO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade-tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1518)	13 definição dicionarizada “[De pé+de+pato¹] s.m. 1. Bras. Pop. V. diabo (2)” “diabo [Do gr. <i>diábolos</i> , pelo lat. ecles, <i>diabolus</i>] s.m. 1. V. <i>demônio</i> (...) [Para não enunciar o nome <i>diabo</i> , a superstição popular substitui-o por muitos outros, como: (...) pé-de-pato (...)]”	
FERREIRA (2004: 670)		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		
21 obs: “crendice popular infantil”		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu euf.	PÉ D'ÁGUA 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL N/S		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 25		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1517)		13 definição dicionarizada “s.m. Bras. V. aguaceiro (1) (...)”
FERREIRA (2004: 74)		“aguaceiro [De <i>aguaça</i> + <i>-eiro</i>] s.m. 1. Chuva repentina e de pouca duração; cordocida, manga-d'água, pé-d'água (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 03		
20 frequência 6,12%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	PEDRA
4 corpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “21 (inf. A): ‘eles fala que épedra, né, que ta caino (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERNANDES (19993:534)		13 definição dicionarizada “(...) granizo: chuva de pedra (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 23		
20 frequência 19,01%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disf.	PE (DRA) DE GELO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “53 (inf. A): ‘... que cai aquela pe(dra) de gelo, né (...)’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		CHUVA-DE-PEDRA
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	corpo humano	PELOTA
4 corpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem? (apontar)”		
8 contexto “(inf. A): Declarou inicialmente não saber o nome. Na repregunta comentou: ‘Ah, num sei, é uma pelota que o fulano tem aqui’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1526)		13 definição dicionarizada 'pelota' [Do esp. pelota < fr (ant) pelote] s.f. Bola ou péla pequena (...) 7. Bras. Qualquer objeto com a forma de pequena bola (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo PELOTE
4 córpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “esta parte alta do pescoço do homem?” (apontar)		
8 contexto “16 (inf. A): Depois de se reformular a questão duas vezes: ‘eu falo pelote ’. (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 69, p. 160		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1526)	13 definição dicionarizada “pelote ² [Do <i>fr. pelote</i> < lat. Vulg. <i>pilotta</i> , dim. do <i>lat. pila</i> , ‘bola’] s.m. Bras. Pequena pelota ¹ (1) de pêlos ou fios.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística POMO-DE-ADÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,90%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo PINTA
4 córpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL		
8 contexto “12 (inf. A): ‘uns fala pinta, otros fala uma ____.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 136, p. 294		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:1562)	13 definição dicionarizada “pinta ¹ [Dev.de <i>pinta</i>] s.f. 1. Pequena mancha; salpico, pingo. 2. Pequena mancha escura, artificial ou não, na cútis; sinal (...).’	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística VERRUGA
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,88%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	corpo humano 5 tipologia tabu expr. gen.	PLACENTA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?” 8 contexto “28 (inf. A): Na sequência: ‘ placenta, bolsa ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 574)	13 definição dicionarizada “[Do lat. cient. <i>placenta</i> < lat. <i>placenta</i> (...) s.f. 1. Embr. Órgão discóide, localizado no útero, constituído por uma porção fetal e por uma porção aterna, e que tem funções metabólicas de transferências de substâncias e de secreção endócrina (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,72%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	PLANETA 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos”		
8 contexto S/C		
9 característica “pergunta formulada com base nos semas: ‘escurecer de dia’, ‘lua tapando o sol’, ‘amarelar a plantação do feijão’, ‘enrolar as folhas das plantas’.”		
10 identificador de fonte ALPB, carta 34		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1575)	13 definição dicionarizada “[Do gr. <i>planétes</i> , 'errante', pelo lat. tard. <i>planeta</i>] s.m. 1. Astr. sem luz própria, relativamente frio, e que gravita em torno de uma estrela, particularmente o sol, que é a única com a qual são observáveis diretamente os planetas (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ECLIPSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 16		
20 frequência 51,61%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáf.	POTE QUEBRADO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, [67] [H322]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 2,0%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo PURMÃO FRACO
4 córpus nº	5 tipologia tabu euf.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “18 (inf. A): ‘daí nós fala ... purmão fraco .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo QUANDO É MUITO DEVASSA
4 córpus nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical SV/ or. sub.adv. temporal
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto “19 (inf. B): Ouvida a forma: ‘quando é muito devassa.”		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, [82]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004:668)	13 definição dicionarizada “[F. subst. de <i>devasso</i>] (...)” “devasso [De or. obscura] Adj. (...) 2. Dissoluto, libetino, licencioso. (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística PROSTITUTA
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 1,43%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher (...)” 8 contexto S/C 9 característica		
10 identificador de fonte APFB		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004: 864)	13 definição dicionarizada “facão (...) <i>Amarrar o facão</i> . Bras. Pop. BA. Chegar ao climatério (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ENTRAR NA MENOPAUSA
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 2,33%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?” 8 contexto “Disse ainda quebrou o pote, para a primeira vez.” 9 característica		
10 identificador de fonte APFB, [67], [H322]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico		
19 registro 01		
20 frequência 2,0%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	religião/ crenças 5 tipologia tabu disf.	QUE NÃO PRESTAVA 6 categoria gramatical or. sub. adj. restritiva
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	QUENGA (s) 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I / APFB		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1682)		13 definição dicionarizada “quenga ¹ [Do quimb. <i>kienga</i> , ‘tacho’] s.f. Bras. N.E. (...) 3. Chulo. Meretriz.”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico NE		
19 registro 07 APFB/ 05 ALS I		
20 frequência 10 (APFB); 16,67% (ALS I)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	RABISCA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr.gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38, p. 67		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
17 nota de uso 18 uso geográfico PB		
19 registro 02		
20 frequência 3,39%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	RABO-DE-GALO
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 1		
11 termo dicionarizado (X) sim (sentido diferente) () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1687)	13 definição dicionarizada “[De <i>rabô+de+galo</i> , para trad. o ingl. <i>cocktail</i> , 'coquetel'] s.m. 1. Bras. Bot. V. flor-da-imperatriz. 2. Bras. Pop. Aperitivo feito com aguardente e um pouco de vermute (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ARCO-ÍRIS
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG		
19 registro 05		
20 frequência 7,14%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu metáfora	RABO-DE-PAVÃO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 1		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso 18 uso geográfico MG 19 registro 01 20 frequência 1,43%		ARCO-ÍRIS

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	religião/ crenças	RABUDO
4 cópula nº	5 tipologia tabu part. fís.	6 categoria gramatical adj.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1687)	13 definição dicionarizada “[De rabo+-udo] (...) 3. Bras. sp. Pop. cruel, malvado, perverso. s.m. 4. Bras. pop. V. diabo (2) (...)” “diabo (...) [Para não enunciar o nome diabo, a superstição popular substitui-o por muitos outros, como: (...) rabudo (...)]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso “crendice popular infantil”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	RAIO ¹ 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”		
8 contexto “42 (inf. A): ‘raio’. Reperguntando: ‘daí é arrebento.’”		
“50 (inf. B): ‘é trevoada, isso.’ Na repergunta: é, daí quando ele faz aquele barulho assim, só um, daí nós dizemos raio.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1692)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>radius</i> , por via popular] s.m. (...) 4. Descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 06		
20 frequência 17,65%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	RAIO ² 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto “27 (inf. B): Inicialmente: ‘raio’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, p. 82 / EALMG, carta 18		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1692)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>radius</i> , por via popular] s.m. (...) 4. Descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
18 uso geográfico PR; MG		
19 registro 01 (ALPR) / 11 (EALMG)		
20 frequência 3,23% (ALPR); 26,19% (EALMG)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disfem.	RAIO ³ 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL		
8 contexto “23 (inf.B): ‘‘e, às vez eles fala trevuada, às vez é o raio,curisco, né, pirigoso que ta seno pirigoso (a) qui pra nós.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 28, p. 78		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1692)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>radius</i> , por via popular] s.m. (...) 4. Descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 09		
20 frequência 16,98%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disfem.	RAJADA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chama essa chuva?” 8 contexto “04 (inf. B): dá vários nomes, dá três nome: é chuva de pedra, chuva de granito e rajada. ” 9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1693)		13 definição dicionarizada “rajada¹ [De or. incerta] s.f. 1. Aumento repentino, temporário e forte da intensidade com que o vento sopra; lufa, lufada, rabanada (...) 2. Ímpeto arrebatado e rápido, como o da rajada (...) 3. Fig. Sucessão contínua e rápida (...)’
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	RAPARIGA
4 córpus nº	5 tipologia tabu disfem.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1705)	13 definição dicionarizada “s.f. (...) 4. Bras. N. NE. MG GO. amante ² (6) ou concubina. 5. Bras. N. NE. MG. GO. Meretriz (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		PROSTITUTA
18 uso geográfico NE		
19 registro 21 (APFB)		
20 frequência 30% (APFB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo
		REBENTO ¹
4 córpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”		
8 contexto “41 (inf. B): Na sequência: ‘trovuada, rebento.’”		
“51 (inf. B): Na sequência: ‘trovuada, rebento, raio, rebento.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1705)	13 definição dicionarizada “rebento [Dev. de <i>rebenta</i>] s.m. 1. Bot. Broto (2) que dá origem a outra planta; refilho, renovo. 2. V. broto (2) 3. V. <i>gema</i> (3). 4. Fig. Filho; descendente (...) [Var.: <i>arrebento</i>]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 11,76%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo REBENTO ²
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Temporal/tempestade/vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto “26 (inf. A): ‘fala em tempestade , quando tá demais assim é rebento .’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 28, p. 78		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1705)		13 definição dicionarizada “rebento [Dev. de <i>rebrantar</i>] s.m. 1. Bot. Broto (2) que dá origem a outra planta; refilho, renovo. 2. V. broto (2) 3. V. <i>gema</i> (3). 4. Fig. Filho; descendente (...) [Var.: <i>arrebento</i>]”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 3,77%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo REGRA (S)
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1724)		13 definição dicionarizada “ <i>regras</i> [Pl. de <i>regra</i>] s.f. 1. Pop. V. <i>menstruação</i> (1) [Tb. us. no sing.] (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico NE		
19 registro 01		
20 frequência 3,33% (ALS I)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu expr. gen.	REGULA 6 categoria gramatical v.t.d.
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, [67], [H322] ; ALS I		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA/ SE		
19 registro 01		
20 frequência 2,0% (APFB); 3,33% (ALS I)		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo RELÂMPAGO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “Temporal/tempestade/vendaval: Existem outros nomes para ___?”		
8 contexto “21 (inf. A): A primeira resposta foi: 'é ralampo '. Na re pergunta, ocorreu: ' relâmpago , né'. Refez-se a pergunta: 'ah, tá istrondano '. “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 28, p. 78		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1727)	13 definição dicionarizada “[De re-+ o rad. lat. de <i>lampo</i> , 'fulgir', 'brilhar'] s.m. 1. Luz intensa e rápida produzida pela descarga elétrica entre duas nuvens, e que, ger. precede o ruído de trovão [cf. raio (40)] 2. Fig. Clarão súbito e breve. 3. Fig. Aquilo que é rápido e efêmero. adj. 2g. 4. Rápido como o relâmpago (1) (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 3,77%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	RELAMPEAR 6 categoria gramatical v. int. e v.t.d.
7 pergunta do QSL “um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, p. 82		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1727)		13 definição dicionarizada “[De <i>relampo</i> + <i>ear</i>] V.int. T.d. e. i. V. <i>relampaguear</i> [Conjug.: V. frear Defect, us. normalmente só na terceira pessoa sing.]”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		RELÂMPAGO
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	RELAMPO ¹
4 cópula nº	5 tipologia tabu mod. fon.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto “57 (inf. A): ‘ trovada, curisco, relampo ’. Na repregunta: ‘é o relampo primeiro que dá, é o trovão , a trovada que diz.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1727)		13 definição dicionarizada “ relampo [De <i>relâmpago</i> , com síncope] s.m. Pop. relâmpago.”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		TROVÃO
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 11,76%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo RELAMPO ²
4 córpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu mod. fon.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”		
8 contexto “19 (inf. B): Inquirido por ‘outro nome: ‘ah, eles falam <i>relampo</i> , otos dizem que aquele <i>relampo</i> é <i>corisco</i> , né’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, p. 82		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1727)		13 definição dicionarizada “ relampo [De <i>relâmpago</i> , com síncope] s.m. Pop. <i>relâmpago</i> .”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 12		
20 frequência 38,71%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	REUMATISMO
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL ‘doença pouco comum’, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento’		
8 contexto “03 (in. B): Decodificou apenas como: ‘reumatismo ... quinzema’.”		
9 característica questão formulada com base nos semas descritos no item 10		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 374		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1754)	13 definição dicionarizada “[Do gr. <i>rheumatismós</i> , pelo lat. <i>rheumatismu</i>] S.m. Med. Designação imprecisa comum a várias doenças que se caracterizam por inflamação, degeneração ou distúrbios metabólicos de tecido conjuntivo, principalmente articulações, músculos, bolsas sinoviais, e tendões. Clinicamente observam-se dor e diminuição de movimentos, em grau maior ou menor, das partes comprometidas [cf. <i>artrite</i>] (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 22		
20 frequência 32,35%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	RONCO
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”		
8 contexto “07 (inf. B): Antes de responder que não sabia, perguntou: ‘que dá (a0 qe le ronco ’. “Na questão 39 ocorreu; ‘é truvão .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1773)		13 definição dicionarizada “[Do gr. tard. <i>rhóncos</i> , pelo lat. tard. <i>ronchu</i>] s.m. 1. O som grave, barulhento, da respiração de quem ronca dormindo (...) 3. Ruído contínuo, cavernosos, grave, semelhante ao ronco (1) (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 11,76%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	ROSA
4 cópula nº	5 tipologia tabu eufem.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “33 (inf. B): nós si tratamo (...) granito . Deu uma chuva de granito, rosa , uma chuva-de-rosa .”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1774)		13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>rosa</i>] s.f. 1. Bot. A flor da roseira (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu dim.	ROSINHA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?” 8 contexto “12 (inf. A): ‘nói (s) fala rosinha’. Perguntou-se porque não falavam chuva de pedra: ‘porque diz que não presta, né ... um fala granizo, né, otos fala rosinha, nós fala rosinha.’” “33 (inf. a): ‘eu custumo falá rosinha ’. Para simpatias comentou: ‘(...) a gente sai assim, joga mio, ô joga arroiz na chuva, né, então diz que pára; ô na hora a gente pega foia benta, ô pega foia benta, ô vela benta e ponha [para] queimá tamém.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 25, p. 72		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 04		
20 frequência 3,31%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	religião/ crenças 5 tipologia tabu eufem.	SACI 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto “06 (inf. A): ‘eles fala que é o saci que tá junto, né.’”		
“03 (inf. A): Sobre a crendice expôs: ‘falava que aquilo era um saci que tava no meio que vinha, carregava a gente.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1787)	13 definição dicionarizada “[Do tupi] s.m. Bras. 1. Etmogr. Uma das mais populares entidades fantásticas do Brasil, negrinho de uma só perna, de cachimbo e com barrete vermelho (fonte, este último, de seus poderes mágicos) e que, consoante a crença popular, persegue os viajantes ou lhes arma ciladas pelo caminho; saci-cererê, saci-pererê, matim-pererê, martim-pererê, matinta pereira, matintaperera e matitaperê (...).”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso “crendice popular infantil”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 16		
20 frequência 24,24%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu dim.	SACIZINHO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho”		
8 contexto “19 (inf. B): Sobre as histórias na infância comentou: ‘eis dizia qu (e) é o sacizinho. As veiz ele começa a rebojá assim, em vorta de casa .. os mai(s) veio falava: ‘ó o pirigo aí, num abisa não, não xinga.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTIDADE-TABU
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 4,55%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu eufem.	SANGUE NOVO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL ‘doença pouco comum’, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento’		
8 contexto “20 (inf. A): ‘num é sangue novo ? ... sai aqueles vergão assim’. Na re pergunta é que ocorreu a resposta desejada’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1800)		13 definição dicionarizada “sangue-novo. s.m. Bras. Pop. Designação comum a certas erupções cutâneas [Pl. : <i>sangues-novos</i>]”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo SARAIVA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr.gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chama essa chuva?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (1999: 1818) HOUAISS (2001:2519)	13 definição dicionarizada “[De or. obscura] s.f. 1. V. granizo (1). 2. Saraiva.” “(…) 1. chuva de pedra; granizo (…)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG		
19 registro 16		
20 frequência 22,86%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu expr. gen.	SARAMPO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL ‘doença pouco comum’, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimento’		
8 contexto “01 (inf. B): Só decodificou como sarampo ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1810)	13 definição dicionarizada “[Der. regress. de <i>sarampão</i>] s.m. 1. Med. Doença infecciosa causada por vírus de elevado poder de contágio, e que apresenta exantema e pode complicar-se, entre outras condições mórbidas, com bronquite e broncopneumonia devidas a infecção bacteriana secundária (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo SARNA
4 corpus nº	5 tipologia tabu disfem.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL 'doença pouco comum', 'inchaço', 'dor', 'vermelhidão na pele', 'cura apenas com benzimento' 8 contexto "04 (inf. B): A única resposta dada foi: '(a) quele lá é sarna mesmo, gente coça dimais, assim ... vermelha a pele'."		
"39 (inf. A): Inicialmente: ' sarna , daí'. Na repregunta: ' é inchaço '."		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1812)	13 definição dicionarizada "[Do pré-romano, pelo lat. tard. <i>sarna</i>] s.f. 1. v. escabiose. 2. Doença das oliveiras, que se manifesta por tubérculos irregulares nos ramos novos. 3. Pop. Pessoa maçante, importuna, rabugenta (...)"	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 2,94%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	SARTERA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?”		
8 contexto “40 (inf. B): Para ‘outro nome’: ‘uns diz sartera , outro diz arco-de-véia , né’. Sobre as crendices: ‘diz que quando ele ta tomando água assim né, diz que engole a pessoa.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 18, p. 58		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		ARCO-ÍRIS
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,56%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	SATÉLITE 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 22		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1812/1813)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>satellite</i>] s.m. 1. Astr. Corpo celeste que gravita em torno do outro, denominado principal; secundário (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		ESTRELA CADENTE
18 uso geográfico MG		
19 registro 06		
20 frequência 7,23%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu metáfora	SE AMARROU 6 categoria gramatical v.refl.
7 pergunta do QSL “numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher...”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 96		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
ENTRAR NA MENOPAUSA		
17 nota de uso “Em virtude do interesse predominante e prioritariamente lexical da informação contida nesta carta, não se leva em conta a diversidade de formas flexionais anotadas.”		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 5%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	corpo humano 5 tipologia tabu euf.	SEIO DA MÃE 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “04 (inf. B): Na repregunta: ‘no <i>seio da mãe</i> (...) tá den (tro) da barriga, no <i>seio da mãe</i> .’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 3,45%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	SETE ESTRELAS 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 38, p. 67		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso 18 uso geográfico PB		ESTRELA CADENTE
19 registro 01		
20 frequência 1,69%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	religião/ crenças	SINAL
5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.	
7 pergunta do QSL “dizem que, quando se apontam as estrelas, nasce o quê na pessoa?”		
8 contexto “01 (inf. A): A primeira resposta foi 'sinal'. “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 136		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1849)	13 definição dicionarizada “[Do b.- lat. Vulg. <i>Signale</i>] s.m. (...) 10. Pequena mancha na pele, arredondada (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística VERRUGA
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 5,88%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	SOL ECLIPSE 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 34		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ECLIPSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 08		
20 frequência 25,81%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	ciclos da vida 5 tipologia expr. gen.	SOLTEIRA 6 categoria gramatical adj.
7 pergunta do QSL “a mulher que se vende para qualquer homem?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 111		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERNANDES (1993:645)		13 definição dicionarizada “adj. f. Diz-se da mulher que ainda não casou; (...) meretriz (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 09		
20 frequência 30%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	SUB-DOURADA 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?” 8 contexto S/C 9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 30, p. 59		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso 18 uso geográfico PB 19 registro 01 20 frequência 2,38%		ARCO-ÍRIS

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disfem.	TÁ BRABO 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “um barulho forte que se escuta logo depois de um raio”		
8 contexto “43 (inf. B): ‘diz ... que tá roncano né ... burcão forte, ta roncano o vento. Então nós dizemos que ta roncano, ta brabo’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 326)	13 definição dicionarizada “brabo [De <i>brabo</i> ¹] Adj. (...) V. <i>bravo</i> ¹ (1 a 3) (...) 5. Muito forte; intenso (...).” “bravo¹ [Do lat. <i>barbaru</i> , ‘selvagem’] Adj. (...) 5. Muito Agitado; tumultuoso, tempestuoso; bravio (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 2,94%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	TÁ CHOCA
4 cópula nº	5 tipologia tabu ironia	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 1,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu disfem.	TÁ DE BODE 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004: 308)		13 definição dicionarizada “bode ¹ [De or. incerta] s.m. (...) 13. Bras. gír. Estado depressivo, ou de sonolência, provocado por droga (4), ou não (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		MENSTRUACÃO
18 uso geográfico PB		
19 registro 05		
20 frequência 8,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu ironia	TÁ DE BOI 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 309)		13 definição dicionarizada “boi ¹ [Do lat. <i>bove</i>] s.m. (...) Estar de boi. Bras. N.E. Estar menstruada (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
17 nota de uso		MENSTRUACÃO
18 uso geográfico PB		
19 registro 09		
20 frequência 15%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	ciclos da vida	TÁ DE VACA.
4 corpus nº	5 tipologia tabu ironia	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 94		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 1,67%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	TÁ DUEN (TE) DOS PORMÃO
4 corpus nº	5 tipologia tabu eufem.	6 categoria gramatical v. + o.i.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “08 (inf. A): Para ‘outro nome’ respondeu: ‘tá duen (te) dos pormão’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo TÁ SOFREN (DO)(NO) DO PORMÃO/DOS PULMÃO/PURMÃO
4 cópula nº	5 tipologia tabu mod. fon.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “37 (inf. A): A resposta completa foi: ‘nóis dizemo tubeculoso ... outro diz, é :: aque (le) lá ta sofren (do) do pormão , num é?’” “63 (inf. A): ‘é, a gente fala que ta sofreno dos pulmão .’” “06 (inf. A): ‘uns fala que ta sofreno dos pulmão , otos fala tuberculoso .’” 06 (inf. B): a que eu conheço é :: sofreno dos purmão , né.” 9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TUBERCULOSE
17 nota de uso 18 uso geográfico PR 19 registro 06		
20 frequência 9,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	TEMPESTADE ¹ 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “um barulho forte que se escuta logo depois de um raio”		
8 contexto “11 (inf. A): A resposta completa foi: ‘ tempestade ... aquele lá é trovão , tamém istralo nós fala, né.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p.76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRAélio (2004: 1930)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>Tempestade</i>] S.f. agitação violenta da atmosfera, às vezes acompanhada de chuva, vento, granizo ou trovões; procela, temporal. 2. Grande estrondo (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TROVÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR 19 registro 02 20 frequência 5,88%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	TEMPESTADE ²
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?” 8 contexto “47 (inf. B): Inicialmente: ' <i>chuva de pedra</i> '. Para outro nome; 'tempestade, pedreira e tempo feio' (...)”		
9 característica 10 identificador de fonte ALPR, carta 24 11 termo dicionarizado (X) sim () não 12 fonte FERREIRAÉlio (2004: 1930)		
13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>Tempestade</i>] S.f. agitação violenta da atmosfera, às vezes acompanhada de chuva, vento, granizo ou trovões; procela, temporal. 2. Grande estrondo (...)”		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	TEMPO DE TROVOADA
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL N/C		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 7		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 7,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disfem.	TEMPO DOS FOGO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “o sol que desapareceu atrás da lua, escurecendo a terra por uns minutos”		
8 contexto “31 (inf. B): Referiu-se inicialmente ao ‘tempodos fogo’[incêndio nas matas] (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 152		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ECLIPSE
17 nota de uso “Inicialmente formulava-se a questão com base nos semas ‘escurecer de dia’, ‘lua tapando o sol’. Dada a dificuldade de se obter a respostas desejada, talvez por insuficiência de dados que permitissem a pronta decodificação – por sugestão de um informante – acrescentaram-se dados relativos aos danos provocados pelo eclipse na lavoura, tais como ‘amarelar a plantação do feijão’, ‘enrolar as folhas das plantas’, entre outros.”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 8,33%		
21 obs: “Referiram-se ainda à simpatia de colocar litros incolores cheios de água, em cruz, na roça para evitar danos à lavoura (...) / ou acender vela benta (...) ou ainda colocar enxada ou foice velhas, com a lâmina para cima na roça (...)”		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disfem.	TEMPO BRABO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “uma chuva com vento forte que vem de repente?”		
8 contexto “(inf. B): ‘tempo brabo, né’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 28		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,89%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disfem.	TEMPO FEIO 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “47 (inf.B): Inicialmente: ‘ chuva de pedra ’. Para outro nome: ‘ tempestade, pedrera, e tempo feio. (...)’. Quando indagado se se podia falar <i>chuva de pedra</i> , comentou: ‘agora o certo mesmo num pode falá, né, quela [=porque ela] ingrossa. Então a gente diz <i>chuva de arroz, chuva de feijão</i> , quarqué coisa, em nome de Deus. Daí ele já passa.’ ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24, p. 70		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004: 884)		13 definição dicionarizada “feio [Do lat. <i>foedu</i>] Adj. (...0 6. Diz-se do tempo mau, chuvoso ou ventoso; fechado (...)
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
CHUVA DE PEDRA		
17 nota de uso “Tal fenômeno natural, pelos prejuízos que provoca na lavoura, é visto com reservas – portanto tabuizado – sobretudo entre os informantes mais idosos e de menor escolaridade. Por isso, optamos por elaborar uma carta especialmente com os registros de <i>chuva-de-flor</i> e <i>chuva-de-rosa</i> , acompanhada das notas que abordam as crendices e simpatias mais usadas para evitar tal desastre na agricultura.”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 0,83%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	TEMPORAL 6 categoria gramatical adj.
7 pergunta do QSL “uma chuva com vento forte que vem de repente?”		
8 contexto “14 (inf. A): ' <i>temporal</i> .’”		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 14; ALPR, carta 28; ALPB carta 25		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1931)		13 definição dicionarizada “temporal ¹ [Do lat. <i>temporale</i>] Adj. (...) 5. V. <i>tempestade</i> (1) 6. Vendaval (1) (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG; PR; PB		
19 registro 24 (EALMG); 1 (ALPR); 01 (ALPB)		
20 frequência 14,46% (EALMG); 1,89% (ALPR); 2,04% (ALPB)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu disfem.	TEM QUE BERRAR TODO MÊS 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”		
8 contexto “51 (inf. B) com a explicação: 'ela [a mulher] tem que berrar todo o mês.' “		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 92		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		MENSTRUACÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 3,33%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	religião/ crenças 5 tipologia tabu disfem.	TENTAÇÃO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “entidade tabu que animaria o redemoinho ”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 132, p. 286		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1933)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>tentatione</i>] s.f. (...) s.m. 5. Bras. Pop. V. diabo (2)” “diabo (...) (2) (...) [Para não enunciar o nome <i>diabo</i> , a superstição popular substitui-o por muitos outros, como (...) <i>tentação</i> (...)”	16 variante lingüística ENTIDADE-TABU
FERREIRA (2004: 670)		
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	
17 nota de uso “crendice popular infantil”		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,52%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	TERREMOTO
4 córpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “uma chuva com vento forte que vem de repente?”		
8 contexto “13 (inf. A): ‘bom, a gente fala <i>trovão</i> , otos fala <i>terremoto</i> , (a) quele barulhão; nós fala <i>trovão</i> memo, assim, <i>tâ trovejano</i> ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 28		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1940)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>Terrae motu</i> , ‘movimentoda terra’, pelo it. <i>Terremoto</i>] s.m. Geofis.V. <i>sismo</i> [Var. <i>terramoto</i>].”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TEMPESTADE
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,89%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	ciclos da vida 5 tipologia tabu metáfora	TIRAR O FACÃO 6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher...” 8 contexto S/C 9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 96		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004: 864) FERREIRA (2004: 482)		13 definição dicionarizada “facão [De faca ¹ + -ão ¹] s.m. (...) <i>Amarrar o facão.</i> Bras. Pop. BA chegar ao climatério (...)” “ <i>climatério</i> (...) s.m. med. cj. de altErações somáticas e psíquicas que se observam, na mulher, no final de seu período reprodutor, e no homem, quando diminui progressivamente a sua atividade sexual normal.”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ENTRAR NA MENOPAUSA
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 5%		
21 obs:		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	doenças 5 tipologia tabu expr. gen.	TIRIÇA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “doença que ataca os pulmões, deixa a pessoa muito magra e tossindo muito”		
8 contexto “09 (inf. B); Inicialmente respondeu: ‘anímia, tiriça e hepatite é braba também’. A resposta adequada ocorreu na repregunta, insistindo-se no sema ‘atacar os pulmões.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 72, p. 166		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TUBERCULOSE
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,54%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu disfem.	TORMENTA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”		
8 contexto “48 (inf. A): Na seqüência; ‘pedra, chuva de pedra, <i>tormenta</i> (...)”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 24		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1965)	13 definição dicionarizada “tormenta [Do lat. tard. <i>tormenta</i>] s.f. 1. Temporal violento. 2. Fig. Grande barulho. 3. Fig. Desordem, agitação.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		CHUVA-DE-PEDRA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 02		
20 frequência 1,65%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	FEN. ATM.	TROMBA D' ÁGUA
4 cópula nº	5 tipologia tabu disfem.	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “uma chuva com vento forte que vem de repente?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 25		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:1998)	13 definição dicionarizada “s.f. 1. Fenômeno meteorológico que ocorre no mar e consiste numa grande nuvem negra, donde vai saindo um prolongamento parecido a uma tromba de elefante, o qual, girando rápido em torno do seu eixo, desde até a superfície onde produz forte redemoinho e eleva a água, na forma de um cone com o vértice voltado para cima (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TEMPESTADE
17 nota de uso 18 uso geográfico PB		
19 registro 03		
20 frequência 6,12%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	doenças	TROMBOSE
4 cópula nº	5 tipologia tabu disf.	6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL ‘doença pouco comum’, ‘inchaço’, ‘dor’, ‘vermelhidão na pele’, ‘cura apenas com benzimneto’		
8 contexto “15 (inf.B): A resposta inicial foi: ‘trombose.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1999)	13 definição dicionarizada “[Do gr. <i>thrombósis</i> , 'coagulação'] s.f. <i>Patol.</i> Coagulação do sangue processada, durante a vida, dentro do aparelho circulatório e em extensão e localização variáveis.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 1,47%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 córpus nº	corpo humano 5 tipologia tabu expr. gen.	TROMPA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “65 (inf. A): Inicialmente registrou: ‘fica nas <i>trompa</i> né, ele se cria ali, mas alí ele fica numa parte já separado.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 1999)	13 definição dicionarizada “Trompa¹ [Da onom. <i>trump</i> , imitativa do som do instrumento] s.f. (...) 4. V. trompa de <i>Falópio</i> : ligar as <i>trompas</i> (...). <i>Trompa de Falópio</i> . Anat. Cada um de dois canais que se estendem de cada lado do útero ao ovário homolateral [Tb. se diz apenas <i>trompa</i> . Sin.: <i>trompa uterina</i> , <i>salpinge</i> , <i>tuba uterina</i>] (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 4,41%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	TROVÃO¹
4 córpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL N/C		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPB, carta 7		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2001)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>turbone</i> , 'turbilhão', pelo arc. <i>torvão</i>] s.m. 1. Estrondo causado por descarga de eletricidade atmosférica; trovoada. 2. Grande estrondo; trovoada. 3. Coisa ruidosa ou espantosa.”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVOADA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 7,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu mod. fon.	TROVÃO ² / TRUVÃO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “uma chuva com vento forte que vem de repente?”		
8 contexto “03 (inf. B): eu conheço só por truvão, né, truvão.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 28		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2001)		13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>turbone</i> , 'turbilhão', pelo arc. <i>torvão</i>] s.m. 1. Estrondo causado por descarga de eletricidade atmosférica; trovoada. 2. Grande estrondo; trovoada. 3. Coisa ruidosa ou espantosa.”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TEMPESTADE
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 23		
20 frequência 43,40%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	TROVEJADA ¹ 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “um barulho forte que se escuta logo depois de um raio”		
8 contexto “03 Inf. A): Inicialmente: trovejada . Transcreveu-se a resposta da questão 39. ”		
<p>“22 (inf. B): ‘só fala (assim dá (a) queles ... fala raio essas coisa que ... quando é ... pelo trovão, né’.</p> <p>Reperguntando-se, ocorreu: ‘nói (a) qui fala trovejano, otos fala trovejada, otos ... bastante, já fala as coisa que num precisa de fala,a gente fala tamém, né.’”</p>		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte		13 definição dicionarizada
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística TROVÃO
17 nota de uso 18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 8,22%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu mod. fon.	TROVEJO 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL “um barulho forte que se escuta logo depois de um raio”		
8 contexto “48 (inf. B): ah, sempre falo ta trovejando, trovejo. ”		
“39 (inf. B): é o trovejo , nós trata mais o trovejo , a :: ta trovejano . Na repergunta : é istoro. ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2001)		13 definição dicionarizada “[Dev. de <i>trovejar</i>] s.m. Bras. PB. Fig. Pop. Disputa, alteração.”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 03		
20 frequência 8,82%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	TROVOADA ¹ 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “um barulho forte que se escuta logo depois de um raio”		
8 contexto “48 (inf. A): na seqüência: trovoada, istoro. ”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 27, p. 76 / EALMG, carta 16		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2001)		13 definição dicionarizada “trovoada [De <i>trovão</i> + <i>-ada</i> , com desnasalização] s.f. 1. Sucessão de descarregar elétricas e trovões, acompanhada geralmente, de chuvas (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG, PR		
19 registro 45 (EALMG); 01 (ALPR)		
20 frequência 36,59% (EALMG); 2,94% (ALPR)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	fen. atm. 5 tipologia tabu expr. gen.	TROVOADA ² 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL		
8 contexto “34 (INF. B): ‘aquele jeito memo, nós fala <i>trovão</i> mesma coisa, bastante <i>trovuada</i> ’.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 29		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2001)	13 definição dicionarizada “trovoada [De <i>trovão</i> + -ada, com desnasalização] s.f. 1. Sucessão de descarregar elétricas e trovões, acompanhada geralmente, de chuvas (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		TROVÃO
18 uso geográfico PR		
19 registro 09		
20 frequência 16,98%		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
	fen. atm.	TROVOADA DO FUZIL
4 cópula nº	5 tipologia tabu	6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “um clarão que surge no céu em dias de chuva?”		
8 contexto “46 (inf. B): ‘(a) quilo é :: trovoada do fuzil , né’. Na repregunta: ‘(...) a trovoada que dá aquele fuzil , assim claria tudo.’”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30, p. 82		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004:2001)	13 definição dicionarizada “trovoada [De <i>trovão</i> + -ada, com desnasalização] s.f. 1. Sucessão de descarregar elétricas e trovões, acompanhada geralmente, de chuvas (...)” “fuzil [Do fr. <i>fusil</i>] s.m. (...) 5. Relâmpago (1) (...)”	
FERREIRA (2004: 952) 14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		RELÂMPAGO
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo UMA BOLA QUE TEM DENTRO DA MULHER 6 categoria gramatical SN + SV
4 cópula nº	5 tipologia tabu disfem.	
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto “36: 'uma bola que tem dentro da mulher'.”		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB, carta 75		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 01		
20 frequência 3,03%		

1 nº de entrada	2 campo semântico ciclos da vida	3 unidade fixa ou termo VAI AMARRAR
4 cópula nº	5 tipologia tabu metáfora	6 categoria gramatical SV
7 pergunta do QSL “numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece se diz que a mulher _?”		
8 contexto “29 (inf. B) - Disse antes: 'vai amarrar'.”		
9 característica		
10 identificador de fonte ALS I, carta 96		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ENTRAR NA MENOPAUSA
17 nota de uso		
18 uso geográfico SE		
19 registro 01		
20 frequência 5%		

1 nº de entrada	2 campo semântico doenças	3 unidade fixa ou termo VARIZES
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	6 categoria gramatical s.f.pl.
7 pergunta do QSL “doença pouco comum”, “inchaço”, “dor”, “vermelhidão na pele”, “cura apenas com benzimento” 8 contexto S/C/		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 161, p. 344		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2038)		13 definição dicionarizada “variz [Do lat. <i>varice</i>] s.f. 1. Med. Dilatação de vaso arterial, linfático ou venoso, e que resulta em tortuosidade no trajeto dele (s) (...)”
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ERISPELA
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 10		
20 frequência 14,71%		

1 nº de entrada	2 campo semântico convívio	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	5 tipologia tabu hipo.	VASORA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL "... a mulher que se vende para qualquer homem?"		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte APFB [82]		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2039)		13 definição dicionarizada "vassoura [Var. de <i>vassoira</i> (q.v.)] s.f. (...) 7. Bras. Gir. Pessoa que troca muito de namorados, ou de amantes; pentefino (...)"
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística PROSTITUTA
17 nota de uso		
18 uso geográfico BA		
19 registro 09		
20 frequência 12,86%		

1 nº de entrada	2 campo semântico corpo humano	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	VENTRE 6 categoria gramatical s.m.
7 pergunta do QSL "como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?"		
8 contexto "02 (inf. B): 'é o <i>útero</i> , <i>ventre</i> '. Perguntou-se por 'outro nome': 'que eu vejo falá sempre quano a vaca põe a <i>mãe do corpo</i> pa fora. Intão sem dúvida é a <i>mãe do corpo</i> - também'."		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 73, p. 168; ALPA, carta 57		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2046)		13 definição dicionarizada "[Do lat. <i>Uteru</i>] S.m. Anat. Órgão onde se gera o feto dos mamíferos [Sin (pop.): matriz, madre, ventre e (bras.) mãe-do-corpo (...)]"
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ÚTERO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR; PB		
19 registro 01 (ALPR); 06 (ALPA)		
20 frequência 1,72% (ALPR); 66,67% (ALPA)		

1 nº de entrada	2 campo semântico	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	corpo humano 5 tipologia tabu euf.	VENTRE DA MÃE 6 categoria gramatical SN
7 pergunta do QSL “como se chama o lugar, no corpo da mãe, onde fica o nenê antes de nascer?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPA, CARTA 57		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2027)	13 definição dicionarizada “[Do lat. <i>Uteru</i>] S.m. Anat. Órgão onde se gera o feto dos mamíferos [Sin (pop.): matriz, madre, ventre e (bras.) mãe-do-corpo (...)]”	
FERREIRA (2004:2046)	“ventre [Do lat. <i>Ventre</i> s.m. (...)4. Poét. V. útero (...)]”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ÚTERO
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 11,11%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo
4 corpus nº	5 tipologia tabu expr. gen.	VIRAÇÃO 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?”		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPA, carta 38		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004: 2065)	13 definição dicionarizada “[De <i>virar</i> + <i>cão</i>] s.f. 1. vento brando e fresco que, à tarde, costuma soprar do mar para a terra; aragem, brisa marítima (...)”	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística
		ESTRELA CADENTE
18 uso geográfico PB		
19 registro 01		
20 frequência 1,69%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu estrangeirismo	VUESCA 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL 'Como se chama o clarão que se forma no céu antes de chover ou durante a chuva?'		
8 contexto "Inicialmente registrou" <i>relampo</i> . Para 'outro nome', ocorreu: 'em polonês também tem, é <i>vuesca</i> ."		
9 característica		
10 identificador de fonte ALPR, carta 30		
11 termo dicionarizado () sim (X) não		
12 fonte	13 definição dicionarizada	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística RELÂMPAGO
17 nota de uso		
18 uso geográfico PR		
19 registro 01		
20 frequência 3,23%		

1 nº de entrada	2 campo semântico fen. atm.	3 unidade fixa ou termo
4 cópula nº	5 tipologia tabu expr. gen.	ZELAÇÃO 6 categoria gramatical s.f.
7 pergunta do QSL "De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?"		
8 contexto S/C		
9 característica		
10 identificador de fonte EALMG, carta 22; ALPA, carta 38		
11 termo dicionarizado (X) sim () não		
12 fonte FERREIRA (2004:2092)	13 definição dicionarizada "[De <i>exalação</i> , 'ato ou efeito de exalar', certamente por analogia com <i>zela</i>] s.f. Brás. N.E.Pop.V. meteoro (2)"	
14 forma completa	15 forma abreviada ou sigla	16 variante lingüística ESTRELA CADENTE
17 nota de uso		
18 uso geográfico MG, PB		
19 registro 12 (ALPA); 13 (EALMG)		
20 frequência 20,34% (ALPA); 15,66% (EALMG)		